

CRISTINA COUTINHO MARQUES DE PINHO

*Taxonomia Brasileira da Personalidade:
Um Estudo dos Adjetivos da Língua
Portuguesa*

Campinas - SP

2005

CRISTINA COUTINHO MARQUES DE PINHO

*Taxonomia Brasileira da Personalidade:
Um Estudo dos Adjetivos da Língua
Portuguesa*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo

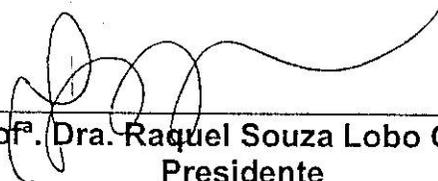
Campinas - SP

2005

CRISTINA COUTINHO MARQUES DE PINHO

TAXONOMIA BRASILEIRA DA PERSONALIDADE: UM ESTUDO DOS ADJETIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

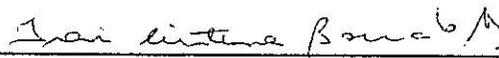
Banca Examinadora



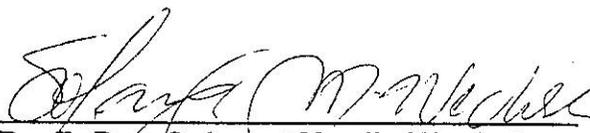
Prof.^a. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Presidente



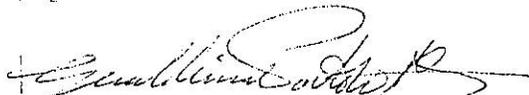
Prof.^a. Dra. Eda Marconi Custódio



Prof.^a. Dra. Iraí Cristina Bocatto Alves



Prof.^a. Dra. Solange Muglia Wechsler



Prof.^a. Dra. Geraldina Porto Witter

Campinas, 18 de fevereiro de 2005.

PUC-Campinas
2005

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os psicólogos que acreditam que esta profissão ainda é muito jovem e por isso merece e precisa de nossa total atenção e dedicação.

Agradecimentos

Após estes anos de estudo, fica difícil agradecer a todos os que compartilharam comigo de momentos fundamentais para a realização deste sonho. Por isso, perdoem-me aqueles que não estiverem citados diretamente, mas que de alguma forma também merecem a minha mais sincera gratidão.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os **contribuintes** de impostos brasileiros: sem vocês, não existiria a bolsa de estudo que permitiu o investimento do governo durante quatro anos em meu projeto de vida. Com isso, fica também o meu agradecimento à **CAPES**, pela concessão da bolsa.

À Dra. **Raquel Souza Lobo Guzzo**, minha querida orientadora há quase dez anos, por sua lucidez, companheirismo e força. Você sempre foi o meu ‘caçador’ me impulsionando a voar como uma águia, me ensinando a enfrentar os medos e receios naturais deste vôo.

Aos meus pais, **Isval** e **Jussara**, por permitirem que meu sonho fosse desejado e vivido.

Aos meus irmãos, **Daniel** e **Mariana**, e cunhados, **Stella** e **Gustavo**, pelo apoio e por trazerem à vida meus adorados e maravilhosos sobrinhos, **Mateus**, **Isadora** e **Manuela**, que são minha fonte de inspiração e de garra para tentar fazer deste mundo um lugar melhor para se viver.

À **Rosana Righetto Dias**, por todo o seu apoio e compreensão nos momentos em que mais precisei, além de me fazer crer e vivenciar um trabalho conjunto, em que o companheirismo é predominante.

Aos meus **colegas professores**, sem o apoio de vocês provavelmente não chegaria até aqui.

Aos meus amigos **Danilo Namó Costa, Nelson Antônio Gimenes e Samanta Maria Visigali Martins** que principalmente na reta final foram fundamentais para a conclusão da tese.

A todos os meus **alunos** do Centro Universitário Hermínio Ometto, por me acompanharem nesta difícil trajetória e por acreditarem que eu seria capaz de finalizar este processo. Em especial, gostaria de agradecer às minhas estagiárias do quinto ano: **Silvana Cristina Minetto Borges, Camila Cristina Cremasco, Camila de Medeiros Albuquerque, Camila Morelli, Carolina Alexandra da Silva, Cláudia Dalceno, Geane Pereira da Silva, Karina Fabiana Peterman, Lariana Alexandra de Góes, Priscila Furlan, Renata Priscila Silva Brito, Sarita Andreatto Rodrigues, Silmara Aparecida Trindade Palludetti, Thaís Helena Vomero e Vanessa Cristina Nieri.**

À equipe do **Externato São João**, que permitiu minha ausência no horário de trabalho para o cumprimento das disciplinas do curso de doutorado e com isso me incentivou a continuar.

Aos Professores Dr. **Ricardo Primi** e Dr. **Geraldo Antônio Fiamenghi Jr.** pelo brilhantismo com que conduziram minha banca de qualificação, com suas valiosas contribuições.

Aos psicólogos que pacientemente responderam à minha solicitação de participar desta pesquisa. Sem vocês, **participantes**, esta pesquisa não teria saído do plano das intenções.

Ao “**avalpsi**”, grupo de discussão de avaliação psicológica, que autorizou a divulgação do meu trabalho na rede virtual para convidar os interessados em participar do meu estudo.

Aos meus **familiares** e **amigos**, que formam um grande grupo que incentivou minha caminhada, pelas orações, pela força, pela crença de que eu seria capaz.

Ao Dr. **Alouis Angleitner**, da Universidade de Bielefeld (Alemanha), que sugeriu a realização deste trabalho.

E finalmente, mas não por último, meu agradecimento especial e particular a **Deus**, por estar sempre iluminando meu caminho e me conceber a benção divina da Vida.

Resumo

PINHO, C.C.M. (2005). *Taxonomia Brasileira da Personalidade: um estudo dos adjetivos da Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Centro de Ciências da Vida/PUC Campinas, 161p.

Este estudo foi baseado num modelo alemão de taxonomia de descritores da personalidade e faz parte de um estudo transcultural. Refere-se aos adjetivos que descrevem a personalidade. Têm-se como objetivos da pesquisa: a) Construir a taxonomia brasileira de adjetivos descritores da personalidade, b) Classificar os adjetivos descritores da personalidade nas categorias: Tendências, Aspectos Sociais, Estados ou Condições Temporários, Características Evidentes e Aparência, Termos de Utilidade Limitada (e outras categorias indicadas pelos juízes), c) Descrever a preponderância de uma categoria sobre a outra; d) Comparar os dados da taxonomia brasileira com outras taxonomias existentes. Foram participantes desta pesquisa dez psicólogos, de diferentes abordagens teóricas e áreas de atuação. Os juízes receberam o material pessoalmente ou pela internet. Foram encontrados 236 adjetivos (25,15%) com concordância entre os juízes de 70% ou mais. Do total de adjetivos (938) 89 (9,5%) foram classificados na categoria Tendências, 57 (6,1%) em Aspectos Sociais, 78 (8,3%) em Estados ou Condições Temporários, 11 (1,2%) em Características Evidentes e Aparência e um (0,1%) em Termos de Utilidade Limitada. Considerando que a organização dos adjetivos descritores da personalidade dá origem a uma base de dados científica, que poderá servir para o aprimoramento de técnicas e instrumentos para a avaliação psicológica e de ferramenta para estudos da personalidade, sugere-se a continuidade deste trabalho, e o desenvolvimento de pesquisas derivadas deste.

Palavras-chave: taxonomia, personalidade, avaliação psicológica, descritores da personalidade.

Abstract

PINHO, C.C.M. (2005). Brazilian Taxonomy of Personality: a study of Portuguese adjectives. Campinas-SP: Centro de Ciências da Vida/PUC Campinas. Doctor's Thesis: 161p.

The present study is based on a German model of taxonomy of personality descriptors and it is part of a transcultural study about the subject. It refers to adjectives' personality descriptors of the Portuguese language, based on the lexicon. The goals of the research are: a) build the Brazilian personality taxonomy, b) classify the personality descriptors in: Tendencies, Social rules, relations and effects, Temporary moods or activities, Appearance and physical characteristics, Terms are not personality relevant (and another categories that were indicated from judges), c) Describe the preponderancy of one category to another, d) Compare data from Brazilian taxonomy with others taxonomies. Ten psychologists participated, with different theoretical approaches. The judges received the material personally or by e-mail. The results indicated that 236 adjectives (25,15%) were selected for seven judges or more. From 938 adjectives, 89 (9,5%) were classified in Tendencies, 57 (6,1%) in Social rules, relations and effects, 78 (8,3%) in Temporary moods or activities, 11 (1,2%) in Appearance and physical characteristics and 1 (0,1%) in Terms are not personality relevant. Considering that the organization of the personality descriptors gives origin to a scientific database that will be functional for the improvement of techniques and instruments for the psychological assessment and tool for studies of personality it is suggested continuity of this work, and the development of research source from this.

Keywords: taxonomy, personality, psychological assessment, personality descriptors.

Resumen

PINHO, C.C.M. (2005). Taxonomia Brasileira de la Personalidad: un estudio de los adjetivos de la Lengua Portuguesa. Tesis de Doctorado. Campinas-SP: Centro de Ciencias de la Vida/PUC Campinas, 161p.

Este estudio fue inspirado en un modelo alemán de taxonomía y forma parte de un estudio transcultural. Se refiere a los adjetivos que describen la personalidad. se Tienen como objetivos de la búsqueda: a) Construir la taxonomía brasileña de adjetivos descriptores de la personalidad, b) Clasificar los adjetivos descriptores de la personalidad en las categorías: Tendencias, Aspectos Sociales, Estados o Condiciones Temporales, Características Evidentes y Apariencia, Utilidad Limitada (y otras categorías indicadas por los jueces), c) Describir la preponderancia de una categoría sobre la otra; d) Comparar los datos de la taxonomía brasileña con otras taxonomías existentes. Fueron participantes de esta búsqueda diez psicólogos, de diferentes abordajes teóricas y áreas de actuación. Los jueces recibieron el material personalmente o por la internet. Fueron encontrados 236 adjetivos (25,15%) con concordancia entre los jueces del 70% o más. Del total de adjetivos (938) 9,5% fueron clasificados en la categoría Tendencias, 6,1% en Aspectos Sociales, 8,3% en Estados o Condiciones Temporales, 1,2% en Características Evidentes y Apariencia y 0,1% en términos de Utilidad Limitada. Considerando que la organización de los adjetivos descriptores de la personalidad da origen la una base de datos científica, que podrá servir para el perfeccionamiento de técnicas e instrumentos para la evaluación psicológica y de herramienta para estudios de la personalidad, se sugiere la continuidad de este trabajo, y el desarrollo de búsquedas derivadas de este.

Palavras-chave: taxonomía, personalidad, evaluación psicológica, descriptores da personalidad.

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	v
Resumo	ix
Abstract	xi
Resumen	xiii
Índice de Tabelas	xvii
Apresentação	xix
Prólogo	xxiii
Fundamentação Teórica	01
Capítulo 1 – Problematizando a avaliação psicológica	05
Capítulo 2 – De que Personalidade estamos falando?	15
Traços e suas mais diversas definições	32
Teoria dos Traços e Abordagem Psicológica	40
Capítulo 3 – Taxonomia de adjetivos descritores da personalidade	47
Big Five ou Modelo dos Cinco Grandes Fatores	58
Taxonomia Brasileira	63
Objetivos	71
Método	73
Participantes	74
Material	75
Procedimento	76
Resultados e Discussão	78
Considerações Finais	93
Referências	98
Anexos	109
Anexo 1	110
Anexo 2	112
Anexo 3	115
Anexo 4	117
Anexo 5	120
Anexo 6	141
Anexo 7	143

Índice de Quadros e Tabelas

Quadro 1	Distribuição dos adjetivos na categoria 'Tendências', com 70% ou mais de concordância entre os juízes	81
Quadro 2	Categoria 'Tendências', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes	82
Quadro 3	Distribuição dos adjetivos na categoria 'Aspectos sociais', com 70% ou mais de concordância entre os juízes	85
Quadro 4	Categoria 'Aspectos sociais', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes	86
Quadro 5	Distribuição dos adjetivos na categoria 'Estados e condições temporários', com 70% ou mais de concordância entre os juízes	87
Quadro 6	Categoria 'Estados e condições temporários', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes	88
Quadro 7	Distribuição dos adjetivos na categoria 'Características evidentes e aparência', com 70% ou mais de concordância entre os juízes	89
Quadro 8	Categoria 'Características evidentes e aparência', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes	90
Tabela 1	Comparação entre as taxonomias em diferentes línguas	91

Apresentação

Este trabalho refere-se à quarta etapa para a construção da taxonomia brasileira dos descritores da personalidade. Trata-se de uma pesquisa de base que pretende fornecer subsídios para futuros estudos sobre a personalidade, com ênfase nos trabalhos direcionados à criação de instrumentos mais apropriados para a avaliação da personalidade da e na realidade brasileira.

O pressuposto básico deste estudo é fazer, a partir do léxico, uma taxonomia dos descritores da personalidade; ou seja, uma organização das características que descrevem a personalidade. A partir deste pressuposto, a abordagem léxica, ou psicoléxica, foi desenvolvida para abranger todos os termos que descrevessem a personalidade de um indivíduo ou grupo, identificando, agrupando e classificando as palavras que são mais representativas na linguagem diária (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Fujita, 1996; De Raad, 1995).

Recentemente, o desenvolvimento de taxonomias de traços de personalidade tem conduzido a uma crescente pesquisa buscando uma forma cada vez mais segura e importante de descrever a personalidade (Ostendorf e Angleitner, 1992). Uma taxonomia compreensiva pode fornecer uma linguagem comum para os pesquisadores de diferentes orientações teóricas – a vantagem de ser atórica –, uma base de comparação e avaliação de teorias da personalidade, uma estrutura para a validação de escalas de personalidade e um guia para a avaliação compreensiva do indivíduo.

O conhecimento dos fatores de personalidade mais importantes e significativos encontrados na Língua Portuguesa tem por objetivos auxiliar a prática do psicólogo na descrição da personalidade, incentivar pesquisadores a desenvolver mais informações a respeito da personalidade (confirmar ou rejeitar as hipóteses

deste trabalho) e fornecer a possibilidade de criação de instrumentos de avaliação psicológica mais apropriada para a avaliação da personalidade no contexto brasileiro.

Acreditamos que completada a taxonomia, forneceremos aos pesquisadores brasileiros um banco de dados com os adjetivos que descrevem a personalidade humana, de forma organizada e categorizada, oferecendo a possibilidade de se construir instrumentos de avaliação psicológica e de se compreender a 'personalidade brasileira'; já que uma taxonomia permite se estudar a personalidade como um todo ao fornecer todas as características (ou traços) individuais presentes na língua.

Não é nossa pretensão esgotar o conhecimento acerca da personalidade, nem nos aprofundarmos muito em seus conceitos, definições e teorias – apesar destes temas serem discutidos nesta pesquisa – uma vez que pretendemos demonstrar uma metodologia específica de busca pelos adjetivos da Língua Portuguesa que podem descrever os aspectos inatos, as características instáveis, os aspectos sociais e as características observáveis (físicas).

Para desvendar o envolvimento com esta pesquisa, os caminhos percorridos até agora e a proposta de trabalho, criamos o **Prólogo**.

Em **Fundamentação Teórica** pretendemos explorar a literatura relevante sobre o assunto, dividindo este capítulo em três partes. A **Parte 1** destina-se a situar e problematizar a avaliação psicológica e os instrumentos utilizados para esta prática, exclusiva do psicólogo.

Na parte seguinte, discutimos as teorias da personalidade, seus pressupostos, sua história no campo das ciências psicológicas, sua conceituação e importância e proposta. O objetivo foi apresentar as diferentes vertentes teóricas

para refletirmos os avanços e retrocessos da compreensão da personalidade humana. Destacamos a teoria dos traços e a abordagem psicoléxica, na qual este trabalho está baseado.

Com o intuito de explicar a proposta taxonômica a **Parte 3** foi elaborada. São apresentados os principais teóricos e modelos da taxonomia da personalidade, assim como uma descrição detalhada dos estudos brasileiros anteriores. Está também descrito o Modelo dos Cinco Grande Fatores, pois atualmente a taxonomia tem contribuído significativamente para seus estudos.

Em **Objetivos** estão descritos tanto o objetivo geral como os específicos deste trabalho.

Para realizar a pesquisa foi necessário investigar a opinião de dez psicólogos quanto à análise dos adjetivos em quatro categorias (tendências, aspectos sociais, estados temporários e características evidentes). A descrição dos participantes, o material e o procedimento utilizado estão apresentados em **Método**.

Os resultados da coleta de dados, sua análise e interpretação teórica estão descritos em **Resultados e Discussão**.

Em **Considerações Finais** estão as principais conclusões do trabalho, as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa e sugestões para futuros estudos.

As **Referências** representam a literatura fundamental sobre o tema.

Em **Anexo** estão os materiais utilizados, assim como as listas dos adjetivos com menos de cinquenta por cento de concordância entre os juízes.

Prólogo

O presente trabalho discorrerá sobre o estudo de descritores da personalidade da Língua Portuguesa baseado na abordagem psicoléxica, como continuação de um trabalho transcultural que vem sendo desenvolvido, desde 1996, pela equipe do Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas (LAMP) da PUC Campinas.

A preocupação com questões referentes à avaliação psicológica e da personalidade tem feito parte da vivência profissional desta Autora, desde que se tornou bolsista de Iniciação Científica, em seu segundo ano de graduação em Psicologia na PUC Campinas (Programa de Iniciação Científica do CNPq, durante quatro anos).

Neste período, a Autora participou da construção e desenvolvimento do Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas (LAMP - Emocional), terceiro laboratório de avaliação psicológica do Brasil, com o envolvimento em projetos relacionados aos Direitos da Criança; ao Temperamento; à Ética Profissional na Avaliação Psicológica; à Auto-estima e à Taxonomia de Descritores da Personalidade (Gayotto, Pinho, Gobitta e Guzzo, 2000; Guzzo, Garcia, Borges et al, 1999; Guzzo, Gums, Pereira et al, 1997; Guzzo, Nucci, Pinho et al, 1997; Guzzo, Pinho e Scoz, 1995a, 1995b, 1996; Guzzo, Riello, Serrano et al, 1996; Guzzo, Scoz e Pinho, 1996a 1996b; Pinho, Gayotto, Gobitta e Guzzo, 2000; Pinho, Carvalho, Messias et al, 1997; Pinho, Carvalho, Riello e Koelle, 1999; Guzzo, Pinho e Gomes, 2000; Guzzo, Pinho, Riello, Carvalho e Koelle, 1998; Riello, Serrano, Pinho e Scoz, 1996; Souza, Siqueira, Neves et al, 1997; Weschler, Guzzo e equipe, 1998, Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

Este último projeto de pesquisa – taxonomia de descritores da personalidade – surgiu a partir da sugestão feita pelo Dr. Alouis Angleitner, em julho de 1996, em uma visita na Universidade de Bielefeld (Alemanha) que realizamos para discutirmos a *Pavlovian Temperament Scale* (PTS) – escala de temperamento que o LAMP estava desenvolvendo na época. O convite foi para que desenvolvêssemos uma taxonomia brasileira de descritores da personalidade, de forma a apoiar estudos de instrumentos de avaliação psicológica e para o desenvolvimento de pesquisas transculturais na área de personalidade. A aceitação do projeto foi praticamente imediata, pela equipe do LAMP, pois já estávamos desenvolvendo outras pesquisas na área de personalidade. Acreditamos que a difusão dos conhecimentos dos aspectos psicológicos – especificamente a personalidade – em várias culturas é uma tentativa de encontrar um ponto comum e, com isso, aprimorar o conhecimento da personalidade humana.

Sendo assim, os primeiros estudos brasileiros foram feitos no segundo semestre do mesmo ano, por meio de leituras básicas sobre o tema e contatos regulares com os pesquisadores da Alemanha. Os critérios de desenvolvimento do projeto foram estabelecidos de forma a esclarecer os procedimentos de coleta de dados: a partir de um dicionário, dever-se-ia selecionar todas as palavras que pudessem descrever a personalidade.

Inspirados no trabalho de John, Angleitner e Ostendorf (1988), para se chegar às palavras que descrevem a personalidade, deve-se seguir quatro estágios: a) extração dos adjetivos do dicionário; b) uma primeira análise (por dois juízes) para a verificação dos termos que poderiam ser úteis na descrição da personalidade; c) avaliação por seis juízes quanto à clareza de significado, frequência de uso e utilidade como descritor; e d) classificação dos adjetivos descritores, por dez juízes,

em cinco categorias (aspectos sociais, características evidentes e aparência, tendências, estados ou condições temporários e termos de utilidade limitada).

A taxonomia brasileira encontra-se na quarta fase. As duas etapas iniciais foram desenvolvidas pela equipe do LAMP e estão detalhadamente descritas em Guzzo, Pinho e Carvalho (2002). A dissertação de Mestrado da presente Autora refere-se à terceira etapa (Pinho e Guzzo, 2004). E a quarta fase para a construção da taxonomia de descritores da personalidade é a proposta para este trabalho.

Completadas essas quatro fases, espera-se contribuir, com dados brasileiros, para os estudos internacionais sobre os fatores de personalidade mais importantes e significativos encontrados na Língua Portuguesa e para a atuação dos psicólogos e pesquisadores em Psicologia, oferecendo instrumentalização apropriada para a avaliação da personalidade no contexto brasileiro, já que foi constatado que os procedimentos para a construção de uma taxonomia de descritores da personalidade passaram a ser uma importante base de dados para a criação de instrumentos de avaliação da personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Ostendorf, 1994; Eysenck, 1994; Smirkák, 1994; Schimitz, 1994).

A literatura nacional mostra que estas são as primeiras pesquisas sobre taxonomia de descritores da personalidade, que servem de suporte aos estudos sobre a avaliação de personalidade e que se utilizam como referência o léxico da Língua Portuguesa (Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

A gama de possibilidades de pesquisas derivadas da taxonomia faz com que a Autora tenha interesse em torná-la sua linha de pesquisa, futuramente.

Fujita (1996), defensor deste tipo de pesquisa, afirma que “uma boa taxonomia guiará os pesquisadores a frutíferas direções em suas pesquisas e permitirá um vocabulário padrão para que os resultados destas possam ser

comunicados e relacionados entre si” (p.2). E finaliza com uma frase que remete à esperança de tamanho esforço “Mesmo uma taxonomia pobre é melhor que do que nenhuma” (p.1).

Fundamentação Teórica

Após tantos anos desenvolvendo esta pesquisa, é interessante destacar, quando o tema é anunciado, a reação das pessoas: o que é taxonomia? Por que taxonomia de descritores da personalidade?

A taxonomia ou taxionomia – como preferem alguns autores (Bloom, Engelhart, Furst, Hill e Krathwohl, 1983) – pode ser compreendida como uma ciência da classificação ou classificação das palavras (Ferreira, 1999). É uma prática conhecida principalmente na área da Biologia (em que se organizam os seres vivos em diferentes categorias: reino, espécie, classe), mas pode ser desenvolvida e utilizada por qualquer ciência.

A Psicologia, por exemplo, é uma ciência que pouco se utiliza da taxonomia como um recurso de classificar as palavras de seu escopo. Cattell (1975) afirma: “A Psicologia está também, de certa forma, desenvolvendo com atraso a sua técnica taxonômica (classificatória) e descritiva” (p.53); ou como vemos em Pasquali (1999), ao discutir a taxonomia para instrumentos de avaliação psicológica: “Embora reconhecendo a importância que tem uma taxonomia em qualquer ciência, em Psicologia tal taxonomia simplesmente não existia” (p.27), apontando que apesar dos estudiosos da área de testes psicológicos sempre buscarem uma sistematização adequada dos instrumentos, não tiveram muito êxito.

É possível perceber, portanto, que se faz necessária e até urgente a construção de uma taxonomia de aspectos psicológicos, uma vez reconhecida sua importância e escassez.

A Psicologia da Personalidade, como uma área específica desta ciência, tem buscado criar sua própria taxonomia para suas questões subjetivas, que incluem todas as variações no comportamento social evidente e as experiências internas dos

indivíduos. Investigar e classificar estas questões subjetivas não é tarefa fácil: biólogos, por exemplo, classificam os ‘exemplares’ (seres) de acordo com suas características; em personalidade, os ‘exemplares’ são as *próprias* características. Além desta evidente dificuldade, encontramos o fato de que as características de personalidade são conceitos abstratos que precisam ser inferidos antes de serem estudados, para só então serem compreendidos, e que até mesmo a existência de características de personalidade tem sido discutida por alguns teóricos (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

Este trabalho é a tentativa de se criar e construir a taxonomia brasileira dos adjetivos descritores da personalidade. Refere-se à etapa final de um processo que se iniciou em 1996¹.

O pressuposto básico deste estudo é fazer, a partir do léxico, uma taxonomia dos descritores da personalidade; ou seja, uma organização das características que descrevem a personalidade. A partir deste pressuposto, a abordagem léxica, ou psicoléxica, foi desenvolvida para abranger todos os termos que descrevem a personalidade de um indivíduo ou de um grupo, identificando, agrupando e classificando as palavras que são mais representativas na linguagem diária (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Fujita, 1996; De Raad, 1995).

Recentemente, o desenvolvimento de taxonomias de traços de personalidade tem conduzido diversas pesquisas, buscando uma forma cada vez mais segura e importante de descrever a personalidade (Ostendorf e Angleitner, 1992), pois uma taxonomia compreensiva, ampla, pode fornecer uma linguagem comum para os pesquisadores de diferentes orientações teóricas – a vantagem de ser ateórica –, uma base de comparação e avaliação de teorias da personalidade, uma estrutura

para a validação de escalas de personalidade e um guia para a avaliação compreensiva do indivíduo (Angleitner e Ostendorf, 1994; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Briggs, 1992; Church e Lonner, 1998; De Raad, 1995; De Raad e Van Heck, 1994; De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992; Digman, 1994; Engler, 1991; John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

O conhecimento dos fatores de personalidade mais importantes e significativos encontrados na Língua Portuguesa tem por objetivos auxiliar a prática do psicólogo na descrição da personalidade, incentivar pesquisadores a desenvolver mais informações a respeito da personalidade (confirmar ou rejeitar as hipóteses deste trabalho) e fornecer a possibilidade de criação de instrumentos de avaliação psicológica mais apropriada para a avaliação da personalidade no contexto brasileiro.

Com o objetivo de discutir a avaliação psicológica, principalmente, relacionada à personalidade, preparamos o próximo capítulo.

¹ Ver Prólogo.

Parte 1
Problematizando a
avaliação psicológica

A taxonomia da personalidade, como dito anteriormente, deve proporcionar o progresso da área da avaliação psicológica, uma vez que organiza os termos descritores, a fim de viabilizar a construção de instrumentos capazes de medi-los e, assim, compreender melhor a personalidade humana.

Como sabemos, a avaliação psicológica é uma prática exclusiva do psicólogo, por isso, é no campo da Psicologia que deve ser discutida e problematizada.

Por avaliação psicológica, entende-se a constituição de um conjunto de processos utilizados com o objetivo de levantar e verificar hipóteses, formar impressões e tomar decisões (Anastasi e Urbina, 2000).

Desta forma, consideramos a avaliação psicológica, eminentemente, como um processo, não apenas como um momento. A avaliação, então, se constitui em uma atividade fundamental e imprescindível ao exercício profissional do psicólogo, uma vez que permite responder algumas questões referentes ao funcionamento do indivíduo por meio de técnicas e instrumentos, como por exemplo a observação, entrevistas e testes psicológicos (Noronha e col., 2003; Noronha e Alchieri, 2004) – entendendo os testes psicológicos de acordo com Pasquali (1999), ou seja, como representantes de um procedimento sistemático de qualquer organismo em que as situações são avaliadas, para que sejam tomadas as decisões mais adequadas, no sentido de garantir a sobrevivência do próprio organismo, bem como seu autodesenvolvimento.

Entretanto, as maiores discussões referentes à avaliação psicológica recaem sobre os testes e a maneira como vêm sendo aplicados, sendo inegável que o mau uso é responsável pelas representações (negativas) que as pessoas – inclusive estudantes de Psicologia – possuem a respeito da avaliação (Alves, Alchieri e

Marques, 2002; Noronha e Alchieri, 2004; Anastasi e Urbina, 2000). Outro aspecto explorado pela literatura refere-se à formação deficitária dos profissionais, que não recebem treinamento intensivo nem supervisão adequada, além de possuírem uma formação com enfoque clínico em que são impossibilitados de exercerem uma atuação condizente com a realidade brasileira. Ainda confunde-se o ensino da avaliação com um mero 'aprender a aplicar testes' (Noronha e Alchieri, 2004; Guzzo, 2002). Estes autores defendem a necessidade de uma formação profissional mais equilibrada e coerente com as necessidades atuais.

Para compreendermos as necessidades atuais, precisamos, primeiro, entender as necessidades passadas e como a avaliação psicológica se desenvolveu até chegar à nossa era.

Vários estudos indicam as origens da avaliação psicológica como um movimento natural dos povos na tentativa de explicar as diferenças individuais (Anastasi e Urbina, 2000; Alchieri e Cruz, 2003; Hutz e Bandeira, 1993). Em outras palavras, o fato de existirem habilidades, competências, compleições e reações diferentes sempre intrigou o ser humano e, portanto, sempre foi um objeto de busca por explicações. Os tipos de respostas oferecidas variavam de fenômenos naturais, sobrenaturais a místicos (divinos). Foi com o advento da ciência que alguns conceitos a este respeito foram revistos e reformulados.

Os primeiros experimentos psicológicos criaram a necessidade de um rigoroso controle das condições em que as observações eram feitas. Era preciso criar condições padronizadas para explicar o comportamento humano. Desta forma, é possível afirmar que os primeiros psicólogos do século XIX não estavam preocupados com a mensuração das diferenças individuais. O principal objetivo destes psicólogos era a formulação de descrições generalizadas do comportamento

humano, o que era comum entre as pessoas, não o que era diferente. O fato de um indivíduo reagir diferentemente de outro, quando observado em condições idênticas, era considerado um erro nos procedimentos de observação e análise (Anastasi e Urbina, 2000).

Questões políticas, sociais, culturais e econômicas deram um ‘novo rumo’ às descobertas científicas. A busca pela explicação do porquê uma pessoa era diferente da outra gerou várias teorias, representando o auge do desenvolvimento das teorias psicológicas e o momento de inserção destas, principalmente na área educacional da época (Patto, 2000), com a testagem de crianças com dificuldades de aprendizagem.

Podemos dizer, então, que o desenvolvimento da Psicologia está diretamente associado à sistematização do conhecimento sobre processos básicos (memória, percepção, emoção) e também ao uso empírico de medidas psicológicas para verificação de estágios de desenvolvimento e de aprendizagem (Alchieri e Cruz, 2003).

O movimento de testagem foi lançado pelo biólogo inglês Sir Francis Galton, devido ao seu interesse pela hereditariedade humana – inspirado na Teoria da Evolução de Darwin, estudou as diferenças intelectuais entre as pessoas, famílias e raças, defendendo sua origem hereditária (Buss, 1992).

Ao comparar as diferenças entre membros de famílias, constatou a necessidade de quantificar as características dos indivíduos, tendo sido o primeiro estudioso a obter um grande conjunto de dados sobre as diferenças intelectuais através da ‘Escala de Galton’ (Anastasi e Urbina, 2000). Galton também foi o pioneiro no uso de métodos de escala de avaliação e no uso de técnicas de

associação livre, além do desenvolvimento de métodos estatísticos que analisavam as diferenças individuais (Anastasi e Urbina, 2000).

Uma posição de destaque da testagem psicológica também foi ocupada pelo psicólogo americano James McKeen Cattell, interessando-se pela mensuração das diferenças individuais, fato ocorrido pelo contato com Galton. Cattell, em um artigo de 1890, usou o termo ‘teste mental’ – foi a primeira vez que o termo apareceu na literatura psicológica – uma vez que a inteligência era o seu principal objeto de estudo. Contudo os testes que utilizava eram aplicados individualmente e incluíam medidas de força muscular, velocidade do movimento, sensibilidade à dor, acuidade visual e auditiva, discriminação de peso, tempo de reação, memória dentre outros – aspectos estes considerados, posteriormente, como insuficientes para uma avaliação ampla e coerente com a complexidade humana (Wechsler, 2001), principalmente porque estes estudos demonstraram a ausência de uma relação significativa entre os componentes sensoriais e desempenho escolar.

Porém, a noção de teste psicológico enquanto instrumento da Psicologia só surge com Binet em 1905, quando ele cria uma escala para comparar a inteligência, que media o julgamento, a compreensão e o raciocínio, como “(...) componentes essenciais da inteligência” (Anastasi e Urbina, 2000: 45).

Binet insistiu que as crianças que não conseguiam aprender ‘normalmente’ deveriam ser examinadas antes de serem mandadas embora da escola e criticou a maioria da série de testes existentes como sendo excessivamente sensoriais e indevidamente centrados em habilidades simples. Assim, a concepção de inteligência de Binet diferenciou-se das de Galton e James Cattell, já que os processos mentais complexos (e não mais os psicofísicos) passaram a ser encarados como os principais causadores das diferenças intelectuais. Em 1905,

Binet e Simon elaboraram a primeira escala métrica capaz de avaliar os processos gerais de raciocínio: a Escala de Inteligência Binet-Simon. Esta escala continha vários testes de conhecimento prático e cotidiano – Binet e Simon argumentaram que era importante que as crianças fizessem uma variedade de testes diferentes porque cada criança tem a sua individualidade: uma se sai melhor no teste A e fracassa no teste B; outra, da mesma idade, se sai melhor no teste B e fracassa no A. A grande descoberta de Binet na testagem da inteligência foi organizar as questões de sua escala em níveis de dificuldade para crianças de diferentes idades cronológicas (Wechsler, 2001; Alchieri e Cruz, 2003).

A Escala Binet-Simon foi adaptada em vários países – a adaptação mais famosa foi feita por Terman e reconhecida como Escala Stanford-Binet. Em sua adaptação Terman incorporou o conceito de Quociente de Inteligência (Q.I.) de William Stern, que indica que a Idade Mental seria útil para comparar crianças com a mesma idade cronológica (Erthal, 1987). As concepções de Binet estimularam o desenvolvimento da corrente Psicométrica de avaliação psicológica.

Charles Spearman, psicólogo inglês, discípulo de Galton, foi quem iniciou estas investigações estatísticas, que acabaram gerando a análise fatorial. Enquanto os psicólogos estavam desenvolvendo testes de inteligência e de aptidões, os exames escolares tradicionais sofriam várias melhorias técnicas: provas orais por escritas – testes padronizados para medir os resultados da instrução escolar (Wechsler, 2001; Anastasi e Urbina, 2000; Alchieri e Cruz, 2003).

O estudo do número permitiu uma evolução nos estudos dos processos psicológicos (Pasquali, 1992). A partir da Psicometria, pôde-se avaliar adequadamente as diferenças individuais – crença de que um bom instrumento melhoraria a identificação das diferenças individuais. Aspectos psicológicos não

podem ser medidos diretamente, por isso, os cientistas utilizam-se de constructos ou conceitos teóricos para explicá-los. A medida em Psicologia acontece, portanto, quando se atribui um valor quantitativo à amostra do comportamento observável, em que se infere o grau da presença destes constructos (Arias, 1995; Alchieri e Cruz, 2003).

A escolha de um instrumento, assim como a informação que este fornecer são um cuidado especial que o psicólogo deve ter para de fato compreender o sujeito em suas dimensões, já que os resultados destes testes podem exercer influências sobre a vida dessas pessoas (Arias, 1995; Alchieri e Cruz, 2003). Portanto, a seleção dos testes apropriados e a interpretação dos resultados dos testes requerem conhecimento sobre o comportamento humano, uma vez que o objetivo principal da avaliação psicológica é contribuir para o auto-conhecimento e desenvolvimento pessoal do indivíduo.

Técnicas de medida podem proporcionar ao pesquisador uma ferramenta análoga a um microscópio: um instrumento para algumas explorações de novos fenômenos, além dos limites da imaginação teórica (Cloninger, 1996).

Assim “a necessidade de explicar as condutas dos indivíduos em diferentes situações criou a possibilidade de estruturar modelos de investigação sobre as características e as dimensões dos processos psicológicos subjacentes à natureza das condutas” (Alchieri e Cruz, 2003: 21).

Entretanto, apesar de todos estes avanços, o mundo passou por momentos de completo descrédito pela avaliação psicológica. Pode parecer uma incoerência, mas registrou-se na história que na medida em que os instrumentos de avaliação se aperfeiçoavam, a qualidade da avaliação e o respeito com o indivíduo diminuíram. Quanto mais os psicólogos investigavam formas de se compreender o ser humano,

mais distante dele ficava. Isto porque os pesquisadores e usuários dos instrumentos de avaliação se ‘esqueceram’ que sua ferramenta ainda era imperfeita. Ansiosos por medir, descobrir, desvendar, acabaram por produzir uma completa insatisfação da população que a todo momento era avaliada e recebia um ‘diagnóstico’ (na verdade, era quase um rótulo).

Quando os psicólogos conscientizaram-se desta inadequação trataram de se retratar com a população e com a própria ciência psicológica. A criação de laboratórios, grupos de pesquisa, divulgação internacional dos achados (estudos transculturais) e uma maior proximidade com o avaliado e suas necessidades, fizeram a avaliação psicológica retornar a um lugar de destaque e importância.

Cuidados para não cometerem os mesmos erros foram tomados, elaborando e adotando princípios éticos próprios da avaliação psicológica, por exemplo, ou a Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº002/2003 (CFP, 2003), que objetiva melhorar a qualidade dos instrumentos comercializados. Para isso, foi criada uma Comissão para avaliar e fornecer um parecer sobre a qualidade psicométrica. Podemos citar também, no Brasil, a criação do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP). Pode-se considerar que esta é uma importante iniciativa de melhorar o desenvolvimento da área de avaliação psicológica. Os laboratórios brasileiros uniram-se em torno da necessidade da criação de um Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica² (com sede em Brasília – DF) cujos objetivos principais são: a divulgação de instrumentos, técnicas e procedimentos de avaliação, a criação de uma revista especializada, um banco de dados de informação relacionando os centros ou grupos de pesquisa e a criação de um diretório de professores de técnicas específicas em todo o território nacional (IBAPP, 1999).

² Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (IBAPP) – atualmente reformulado para Instituto Brasileiro de Avaliação em Psicologia (IBAP).

Podemos dizer que esta área da Psicologia está em vívido crescimento e desenvolvimento, apesar das recentes divulgações à mídia de distorcidas informações sobre a que se presta a avaliação psicológica (por exemplo Isto É, 2003a, 2003b; Folha de São Paulo, 2003a, 2003b, 2003c). Os psicólogos envolvidos com a área de avaliação psicológica estão bastante preocupados com estas notícias, pois temem que as conseqüências sejam mais do que um descrédito, acarretem na proibição da realização da avaliação pelo psicólogo.

É necessário, todavia, reconhecer que a literatura e os instrumentos disponíveis ainda não são suficientes e eficazes para suportar todas as exigências e demandas (Pasquali, 1992; Hutz e Bandeira, 1993; Andriola, 1996; Alchieri e Cruz, 2003; Cruz, 2002), justificando ainda mais a criação de ferramentas que viabilizem avanços na área da avaliação psicológica.

Nas palavras de Cruz (2002)

“Estamos, hoje, num patamar histórico em que a área da avaliação psicológica necessita refletir sobre as condições pelas quais ela pode realmente contribuir para o aperfeiçoamento da ciência psicológica e da profissão do psicólogo. Os problemas que envolvem o uso de instrumentos, a carência permanente de especialista no ensino, as desatualizações curriculares, as dificuldades de responder efetivamente às necessidades sociais e da própria ciência psicológica, tudo isso, nos mostra um cenário que todos nós de alguma forma já experimentamos e do qual temos grandes dificuldades em superar” (p.15).

Estas dificuldades indicam que o cenário precisa mudar. A avaliação psicológica precisa, urgentemente, servir à população, atender às necessidades demandadas e ajudar a compreender melhor as pessoas e as situações em que

vivem. Os instrumentos de avaliação devem ser apenas uma ferramenta de auxílio ao psicólogo para uma leitura crítica e fundamentada da realidade.

Considerando que a avaliação de aspectos psicológicos já enfrenta desafios e barreiras, quando tratamos da avaliação da personalidade aumentam-se as dificuldades, principalmente por se tratar de uma dimensão psicológica difícil de ser compreendida.

Parte 2
De que personalidade
estamos falando?

“Pertence à Psicologia, e somente à Psicologia, a tarefa de estudar a organização e o crescimento do indivíduo com todas as suas dimensões. Se a Psicologia de nossos dias não está em condições de desempenhar esta tarefa, devemos melhorá-la até que esteja à altura da mesma”
(Allport, 1966a, p.18).

Para retratarmos o estado atual das investigações, descobertas e questionamentos sobre a personalidade nos dias atuais, faz-se necessário, primeiramente, contextualizarmos a Psicologia como ciência, a Psicologia da Personalidade como área desta ciência e as diversas definições e teorias deste constructo.

Nas palavras de Allport (1966a) “a Psicologia é a nossa principal esperança de clarificar as aspirações do homem e conseguir os meios para realizá-las” (p.17) e acrescenta: “O objetivo da Psicologia é reduzir a discórdia existente entre as filosofias que tratam do homem e estabelecer uma escala de verdade provável, de modo que sempre mais se torne certo que uma interpretação é mais verdadeira que outra. Esta meta ainda não foi atingida” (p.32).

Diante de tais afirmações, é possível constatar que estamos tratando de uma ciência do homem e também *para* o homem. E, para isso, é necessário que os psicólogos conheçam ‘este homem’, compreendam-no, respeitem-no, atendam às suas necessidades e busquem cada vez mais a saúde psicológica (ou bem-estar subjetivo), com o objetivo máximo de promover a qualidade de vida de uma sociedade. Mas, como o próprio autor disse, esta meta ainda não foi atingida. Para ele, a Psicologia ainda não é uma ciência unificada, mas “uma coleção de fatos e opiniões cuja relevância para o bem-estar social depende das opiniões e fatos que se selecionam para fazer essa consideração” (p.11). É na busca por uma compreensão mais integradora e abrangente do homem, que procuramos estudar a

personalidade. Compreender a personalidade e prever o comportamento humano é de interesse tanto individual como social.

Os pesquisadores e teóricos da personalidade têm as mesmas questões que seus colegas há 50 anos. Entretanto, é inegável que avanços significativos tenham ocorrido, principalmente na última década (Hough, 1997).

O estudo da personalidade, de tamanho e significado social, apresenta-se como um tema cada vez mais amplo e complexo dentro da psicologia e é hoje ainda uma área em pleno desenvolvimento (Engler, 1991). Desde os tempos mais remotos da história da personalidade, estudiosos descrevem as diferentes características psicológicas das pessoas, destacando a maneira como elas deveriam reagir diante de determinadas circunstâncias (De Raad, 1992).

Mas antes mesmo de a Psicologia existir enquanto Ciência, já existiam teorizações acerca da personalidade humana: o que é, como se desenvolve, como se descreve, como se manifesta? O que a Psicologia conhece sobre a personalidade? O que deveria conhecer?

Todas estas questões encontraram respostas diferentes nas teorias da personalidade que compõem a Psicologia contemporânea. Cada uma destas teorias tentou compreender a personalidade a partir do ponto de vista que tem sobre a natureza humana, com maior ou menor ênfase nas influências biológicas ou ambientais; no determinismo ou livre-arbítrio; na influência do passado ou do presente; e na peculiaridade ou universalidade da personalidade (Schultz e Schultz, 2002). Para Magnusson (1990), esta fragmentação – olhares diversos sobre o mesmo objeto – tem sido um ponto de impedimento para os progressos da Psicologia da Personalidade, apesar de concordar que nenhum enfoque atual seja suficiente para abranger as características principais do funcionamento individual.

Bori (1966), ao escrever o prefácio do livro de Allport, comenta: “(...) o que se conhece sobre personalidade é insuficiente para atender às exigências práticas, que são colocadas em proporções cada vez maiores pelo mundo contemporâneo” (p.7), uma vez que “a literatura psicológica inclui um número apreciável de teorias sobre personalidade e uma pequena coleção de fatos” (p.7).

Allport (1966a) também se coloca pessimista em relação às teorias da personalidade: “nenhuma teoria, por mais dinâmica, pode fornecer-nos uma base exigida para uma completa Psicologia da Personalidade” (p.30). Provavelmente, não teremos de fato uma Psicologia da Personalidade abrangente o suficiente – considerando que o ser humano e a personalidade são muito complexos – mas nem por isso desanimaremos na busca de uma Psicologia da Personalidade ampla e envolvida com a causa dos dilemas sociais com os quais nos deparamos cotidianamente. O que pretendemos, paradoxalmente, encontra-se em uma outra citação de Allport (1937a): “é melhor expandir e remodelar as próprias teorias até que façam justiça à riqueza e dignidade da personalidade humana do que prender e comprimir a personalidade até que ela se encaixe em algum sistema de pensamento fechado” (p.vii).

Já Caprara (1992) e Cloninger (1996) afirmam que há muitas razões para ficarmos esperançosos com o crescimento da área da personalidade, uma vez que a Psicologia da Personalidade tem recuperado sua credibilidade e (re)despertado o interesse dos psicólogos pelas diferenças individuais, pela genética, por perspectivas abertas para novas tecnologias e por uma busca de relações entre traços e desenvolvimento de características psicométricas de medidas, oferecendo, com isso, suporte para as teorias e integração entre pesquisa básica e aplicação. Concordam com esta visão Angleitner e Strelau (1991) quando ressaltam que a

evolução científica e o conhecimento acumulado de diferentes áreas têm colaborado para uma nova revisão da Psicologia de uma forma geral, e da Psicologia da Personalidade, de uma forma específica, quando se constata diferentes abordagens teóricas e dados empíricos gerando evoluções metodológicas acerca deste constructo, contribuindo para o avanço da Psicologia da Personalidade.

Sobre a dificuldade de se ter uma teoria abrangente e suficiente para explicar a personalidade humana, Pasquali (2003) disse aos ouvintes de sua palestra no I Congresso Nacional de Avaliação Psicológica e IX Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos: “se quiser uma teoria da personalidade, faça-a, construa-a”.

Pode-se dizer que tratar da definição da personalidade, cientificamente, não é uma tarefa fácil, já que são diversas as abordagens e dimensões propostas para estudo, são diferentes as considerações sobre sua natureza e são muitos os conceitos específicos utilizados na investigação da personalidade (Eysenck, 1974; Allen, 1997). Se diversos pesquisadores concordassem com um conjunto de constructos, poderiam coordenar melhor a pesquisa de problemas comuns da área.

Na verdade, o termo personalidade é mais fácil de ser usado do que ser definido. Todo mundo provavelmente já formulou uma teoria para explicar porque as pessoas se comportam da forma como o fazem. É comum usar a palavra ‘personalidade’ para descrever uma pessoa ou a si próprio, mas é raro fazê-lo de forma precisa ou adequada para os padrões científicos.

Personalidade é provavelmente a mais complexa, ambígua e desafiadora área da Psicologia. A maioria das pesquisas nesta área suscitou mais perguntas que respostas (Engler, 1992). Fica claro, então, quão difícil é desenvolver uma definição

de personalidade que compreenda adequadamente todos os diversos e contraditórios elementos envolvidos.

Para Draguns (1978), existem cerca de mais de cinquenta definições na literatura psicológica – Lanyon e Goodstein (1997) afirmaram que “Allport [sozinho] foi capaz de definir ‘personalidade’ de 50 diferentes formas” (p.44) – e a maioria delas está aberta à crítica, por ter omitido ou incluído algo em demasia. “É sobretudo quando tratamos da formação e de desenvolvimento da *personalidade* humana que necessitamos de portas abertas. Pois é precisamente neste ponto que nossa ignorância e incerteza são maiores” (Allport, 1966a, p.33, grifo original).

Constantemente, a personalidade foi conceituada como sinônimo de temperamento (Aiken, 1991; Angleitner e Ostendorf, 1994). Entretanto, como apontam Ito e Guzzo (2002), teóricos do temperamento discordam desta proposição, afirmando que há, de fato, uma relação entre personalidade e temperamento, uma vez que o temperamento se refere ‘apenas’ às predisposições genéticas da personalidade (Eysenck, 1916; Allen, 1997; Ito e Guzzo, 2002; Hofstee, 1994). Eysenck (1994), estudioso no campo da personalidade cujo foco principal de interesse era o temperamento, considerava as diferenças individuais como sendo produzidas pela herança genética. Este teórico postula que o temperamento tem origem biológica e seus traços são universais.

Outros autores acreditam que a personalidade consiste numa mistura única de cada pessoa, dos aspectos emocionais, cognitivos e traços de caráter (Aiken, 1991). “Toda e qualquer personalidade é única” dizia Allport (1959, p.22), sem se esquecer que “uma pessoa não pode ser única sem diferir de outras” (op.cit.).

Personalidade, para Caprara (1992, p.351), é “basicamente um fenômeno irreversível em que os fatores perceptuais, cognitivos e emocionais, que interagem

com o ambiente físico e social, podem ser descritos [mais] por probabilidade do que por termos determinantes”.

Cattell (1975) afirma que a personalidade é aquilo que permite uma predição do que uma pessoa fará numa dada situação – ele inclui, portanto, o aspecto preditivo no conceito de personalidade.

Para este autor, a sistematização do conhecimento humano a respeito da personalidade se divide em três fases históricas: 1) a fase literária e filosófica; 2) o estágio de observação organizada e o estabelecimento de teorias; e 3) fase quantitativa e experimental. Na opinião do autor, a primeira fase revela um jogo de intuição pessoal e de crenças convencionais do homem das cavernas e dos atuais teatrólogos, a respeito da personalidade. “Sem dúvida, *há* sementes de verdade científica aproveitáveis envoltas nesse tratamento literário da personalidade, mas não há meios (...) de separar as verdades vividas dos simulacros de papelão” (p.16, grifo original).

Muitos dos procedimentos informais utilizados para explicar o comportamento humano – tais como a astrologia, a quiromancia – precederam o desenvolvimento da Psicologia moderna e científica. Apesar destas explicações ainda existirem, acredita-se que elas não oferecem risco às pessoas que as consultam. Diferente da frenologia, que atualmente é considerada uma explicação além de improvável, imoral (Lanyon e Goodstein, 1997; Aiken, 1991).

A segunda fase, também denominada por Cattell (1975) de protoclínica, se desenvolveu através das tentativas da medicina de análise e compreensão do comportamento patológico. Também criticada por outros autores – tais como Allport (1966a), que afirmou que poucas são as teorias derivadas do estudo de seres

humanos sadios, cuja preocupação não é tanto a conservação da vida, mas a de torná-la digna de ser vivida:

“Somos, portanto, de opinião que a personalidade não é governada unicamente pelo impacto de estímulos sobre uma escassa dotação de impulsos que são comuns às espécies. O processo de seu desenvolvimento é governado também por uma disposição para realizar suas possibilidades, isto é, para tornar-se caracteristicamente humana em todos os estágios do desenvolvimento. E uma das capacidades mais salientes é a individuação, a formação de um estilo de vida individual que é auto-consciente, auto-crítico e auto-valorizador” (Allport, 1966a, p.45).

Percebemos o ‘ataque’ às grandes escolas psicológicas da época e à conotação patológica indesejada atribuída ao conceito de personalidade. Cattell (1975) também justifica sua crítica pelo fato de que a normalidade psicológica não deve ser descrita a partir da morbidade e acrescenta o desprezo de algumas técnicas aos métodos quantitativos:

“O primeiro *defeito* do desenvolvimento (...) ‘clínico’ (...) é que (...) ele começou com o estudo do insano e do neurótico. Quando a ciência carece ainda de instrumentos refinados, é boa tática – é, na realidade, necessária – procurar entender o normal através da observação dos flagrantes exageros de seu mecanismo na ampliação do anormal. (...) No fim, porém, paga-se um preço por essa ampliação (...) Não há sequer uma única mensuração no trabalho de Pierre Janet, Sigmund Freud, Alfred Adler e Carl Jung” (p.16-17, grifo nosso).

Ao observarmos as concepções e definições de ciência ou de métodos científicos considerados válidos por Cattell, não podemos nos esquecer que seu trabalho, publicado originalmente em 1965, representa um modelo de ciência em

que considera-se ciência ou científico apenas aquilo que pode ser medido, observado, comprovado. Podemos perceber nitidamente isso quando ele se questiona: “como poderemos fechar os olhos à possibilidade de se estudar cientificamente a personalidade?” (p.13). Na sua busca por uma compreensão *científica* da personalidade estava embutida a máxima de Thorndike: “Tudo o que existe, existe em certa quantidade e pode (em princípio) ser medido” (p.14). Portanto, Cattell procurou descrever a personalidade a partir de sua medida: “Todas as ciências têm por fundamento e por início a descrição exata e a medida” (p.14). Entretanto, acredita que é possível resgatarmos a contribuição da fase clínica para compreendermos a personalidade humana, mesmo acreditando que a distinção no rigor metodológico entre a fase científica e a protoclínica seja vital para a ciência, não é necessário rejeitar completamente as “velhas teorias nem cair no ‘esnobismo’ científico de repúdio a todo o acervo de idéia que nos vem do passado” (p.19).

Para Cattell (1975), a Psicologia, ao aumentar as possibilidades de controle e de predição, exige mais seriedade na solução de velhos dilemas morais e filosóficos, ao invés de impor novos.

“Assim, o modesto mas inegável aumento do poder de compreender e prever o comportamento humano que se verificou nos últimos cinqüenta anos de pesquisas psicológicas realmente deixa intacto o problema filosófico. Agravou, porém as questões morais relativas à responsabilidade legal pelo crime, aos perigos da lavagem cerebral de fundo político, a certa invasão, pelo psiquiatra, do terreno próprio do sacerdote e ainda a indagações sobre a medida em que é lícito usarem-se, na publicidade, novas e poderosas técnicas psicológicas de influência” (p.14)

De Raad e Schouwenburg (1996), a partir de suas pesquisas, trazem também, com pesar, a informação de que a educação moral não é uma prioridade nos estudos da personalidade.

Allport (1966a) acrescenta que, se uma ciência da Psicologia deve existir, é para preocupar-se com o aspecto mais importante da Psicologia, que é a sua unicidade de organização: "(...) devemos recusar aceitar a indiferença que outras ciências devotam ao problema da individualidade (...) é o conhecimento da nossa própria unicidade que fornece os primeiros, se não os melhores, indícios para a aquisição de um conhecimento ordenado dos outros" (p.38-39).

A terceira fase histórica do estudo da personalidade, a quantitativa e experimental, segundo Cattell (1975), se divide em duas correntes distintas. De um lado, a corrente de experimentos sobre o comportamento, iniciada por Pavlov na Rússia e se concentrou no reflexo condicionado e na teoria da aprendizagem. De outro, a corrente chamada experimento multivariado, desenvolvida inicialmente por Sir Francis Galton. Ele, junto com Pearson, inventou o coeficiente de correlação e mostrou como é que a estrutura e o desenvolvimento das diferenças individuais poderiam ser elucidados por análises estatísticas do comportamento natural.

"Por sua ruptura com o clássico experimento univariado, as suas pesquisas representaram um passo mais audacioso e imaginativo no estudo da psicologia humana que as de Wundt e conduziram a um formidável desenvolvimento no uso estatístico-matemático do computador eletrônico para análise do comportamento humano" (p.22).

Mas foi Spearman quem levou adiante este primeiro estudo quantitativo das diferenças individuais por meio de 'testes controlados' e descobrir, por análise

estatística, como se relacionam várias espécies de comportamento (Lanyon e Goodstein, 1997; Goldberg, 1993).

“Spearman propunha, principalmente, esta questão: ‘Haverá uma habilidade geral, que poderíamos chamar de inteligência geral, ou será a mente humana constituída de um *conjunto de habilidades distintas e independentes?*’ (...) Com sua resposta (sim, há uma estrutura geral única da inteligência), nasceu a análise fatorial” (Cattell, 1975: 22, grifo original).

A característica do tratamento multivariado é a capacidade de estudar várias medidas na mesma pessoa e não uma única variável por vez, além de estudar o comportamento com menos controle artificial (laboratório). Cattell (1975) acredita que apenas se pode descobrir uma lei se o organismo total for incluído nas observações e experiências e não apenas uma parte de seu comportamento e, por isso, defende o tratamento multivariado. Ao comparar o método multivariado com o método clínico, no que se refere ao respeito da totalidade, o autor diz que a diferença está no fato de que no primeiro, a totalidade é quantitativa e chega a leis e conclusões gerais, enquanto

“O clínico faz uma avaliação ‘a olho’ da configuração total e tenta fazer generalizações baseando apenas em boa memória, ao passo que o experimentador, no método multivariado, realmente *mede* todas as variáveis e confia a um computador eletrônico a abstração das regularidades que existem, em vez de depender do poder humano de memória e generalização” (Cattell, 1975, p.23, grifo original).

Como disse Draguns (1978), “a personalidade ‘per se’ não pode ser direta ou imediatamente avaliada” (p.14), o que podemos descrever são seus vários componentes.

Apesar das dificuldades existentes para o consenso sobre a definição de personalidade, a tentativa por alcançá-la oferece algumas vantagens, principalmente quando favorece uma reflexão abstrata sobre o constructo. Uma definição aceitável seria a composição mental, dos interesses, atitudes, temperamento e outras diferenças individuais em pensamento, sentimentos e comportamento. Essa definição enfatiza o fato da personalidade ser uma combinação única das características cognitivas e afetivas descritíveis em termos de um padrão consistente do comportamento humano (Ainken, 1991). “Se definimos personalidade como diferenças individuais relativamente estáveis em pensamentos, sentimentos e ações, portanto os estudos transculturais de valores, crenças, emoções, bem-estar subjetivo e motivação são obviamente relevantes” (Church e Lonner, 1998, p.35).

Para compreender melhor a natureza humana, os teóricos levam em consideração os traços pessoais permanentes (estáveis ou marcantes), as mudanças da situação e a interação entre eles. Ou seja, uma visão interacionista tem sido proposta, reconhecendo-se que as contribuições do ambiente e do organismo não são meramente aditivas, mas uma combinação complexa, de aspectos físicos, biológicos, psicológicos e culturais (Engler, 1991).

Buss (1992) acredita que a ciência das diferenças individuais e a ciência da natureza humana são separadas desde Galton (que enfocou as diferenças individuais e suas possíveis bases hereditárias) e seu primo Charles Darwin (que se concentrou nas características adaptativas), mas pretende juntá-las em um único modelo. Para ele, esta divisão tem duas conseqüências negativas: 1) o isolamento entre o estudo das diferenças individuais e as teorias do funcionamento psicológico básico e 2) o isolamento entre as teorias de funcionamento psicológico da compreensão do importante papel das diferenças individuais. Apresenta uma

psicologia da personalidade que propõe novas unidades estratégicas de análise, integrando natureza humana e diferenças individuais, e sintetizando determinantes biológicos e sociais do funcionamento da personalidade.

Para compreender seus pressupostos, é necessário, segundo o autor, compreender os seguintes componentes: as novas unidades de análise da psicologia da personalidade; a personalidade num contexto funcional; o papel da personalidade em criar e resolver problemas adaptativos; e se desprender da dicotomia biológica x social ou inata x aprendida. Baseado num estudo de Tooby e Cosmides, Buss (1992) sugere que as diferenças individuais, incluindo diferenças individuais hereditárias, são improváveis para representar diferenças na presença ou ausência do complexo mecanismo adaptativo. Ou seja, diferenças individuais não podem ser compreendidas separadamente dos mecanismos naturais humanos.

Apesar das divergências entre as teorias, existem alguns pontos de convergência no que diz respeito à personalidade tais como: as diferenças individuais são relativamente estáveis (o indivíduo apresenta algumas características consistentes em diferentes situações); a personalidade pressupõe uma adaptação do indivíduo ao mundo (tentativa de enfrentar as adversidades e situações cotidianas); existem constatações de que a personalidade tem aspectos genéticos determinados e determinantes (para que a descrição seja possível, é necessário pressupor que a personalidade é relativamente estável e previsível. Isto significa que os teóricos concordam com as raízes biológicas das diferenças individuais em tendências de comportamento; a presença destas desde o início da vida; e sua relativa estabilidade ao longo da vida); a personalidade inclui dimensões comportamentais e traços; a descrição da personalidade de uma pessoa não se refere apenas às características físicas, como também a uma série

de qualidades sociais e subjetivas (Allen, 1997; Church e Lonner, 1998; Cloninger, 1999; Lykken, 1999; Bates, 1989; Eysenck, 1994; Buss, 1992).

O estudo das diferenças individuais sempre despertou interesse entre teóricos, pesquisadores e leigos. 'Diferenças individuais' é um termo muito geral e se refere ao estudo de todas as formas, relativamente permanentes, em que os indivíduos diferem-se entre si (Kirby e Radford, 1976). Diferentes características, dimensões e até mesmo traços são identificados nos indivíduos – e sua interpretação e compreensão dependem do enfoque teórico e do interesse em investigar suas influências (Ito e Guzzo, 2002).

A extensiva revisão da literatura sobre o estudo da personalidade em diferentes culturas estudo, de Church e Lonner (1998), revelou dois fatos interessantes: “historicamente antropólogos e sociólogos, mais que psicólogos, estudaram as relações entre cultura e personalidade” (p.32) e psicólogos têm estudado freqüentemente interações entre personalidade e cultura focando constructos isolados.

Em um outro estudo, Rodrigues e Comrey (1974) acreditam que indivíduos de diferentes culturas, assim como da mesma, podem ser descritos adequadamente pelo mesmo conjunto de variáveis descritivas. McCrae e Costa (1997) revisaram as recentes evidências que sugerem que a estrutura das diferenças individuais é uniforme através de muitas culturas e afirmam que, portanto, pode ser universal. Essas diferenças podem ser melhor identificadas com instrumentos de avaliação psicológica adequados.

Schultz e Schultz (2002) apontam que existem poucas pesquisas sobre a personalidade nos países sul-americanos, asiáticos e africanos – reconhecem que pelo menos são poucos os estudos que foram publicados em língua inglesa. Este é

um dado da nossa realidade – será que existe ‘a personalidade dos brasileiros’? – em que a produção científica sobre personalidade, como um constructo psicológico, ainda é muito pequena (Pinho e Guzzo, 2003). Para discutirmos esta questão, faz-se necessário lembrar que os teóricos da personalidade apresentam características muito distintas das nossas: elaboraram suas teorias predominantemente nas culturas europeia ou norte-americana, são eles, os teóricos, todos brancos e homens (Allen, 1997), dado o período no qual a maioria desenvolveu suas idéias isso não é nada surpreendente. Soma-se o fato de que todos os sujeitos de pesquisa também tinham estas características: “[todos] eram brancos – até mesmo os ratos de laboratório” (Schultz e Schultz, 2002: 10).

Mesmo assim, as teorias tornam-se necessárias e fundamentais para o estudo da personalidade *humana*, já que são consideradas válidas para todas as pessoas, independentemente do gênero, raça ou origem étnica. É preciso, para isso, ficar atento à construção de instrumentos que avaliem a personalidade sem desconsiderar a diversidade. Acreditando que ao compreender melhor o que estamos tentando mensurar, encontraremos melhores métodos de avaliação (Bates, 1986), este trabalho visa apresentar uma proposta de compreensão da personalidade a partir dos termos utilizados para a sua descrição.

Cloninger (1996), ao discutir a relação entre o conhecimento leigo e o profissional (da Psicologia) acerca da personalidade, diz que talvez o senso comum é mais perspicaz do que os teóricos tinham conhecimento, uma vez que as pessoas aplicam um ‘limite condicional’ à relação traço-comportamento (por exemplo: quando leigos dizem que uma pessoa é agressiva, querem dizer que a pessoa pode bater em alguém quando ameaçada, não em qualquer situação). Aiken (1991) concorda

com este aspecto ao afirmar que os psicólogos da personalidade aprenderam que as explicações que os leigos fornecem podem ser valiosas.

De acordo com Allen (1997), alguns aspectos da personalidade são coincidentes para psicólogos e para não-especialistas (pessoas leigas, senso comum). O primeiro ponto é que um indivíduo apresenta algumas características marcantes/consistentes em diferentes situações. Segundo, indivíduos podem ser muito parecidos e até idênticos quando apresentam uma dimensão singular. Ou seja, duas ou mais pessoas podem exibir o mesmo grau de comportamento e ter também o mesmo traço. Um terceiro ponto é a concordância entre estudiosos da personalidade e as pessoas estudadas, de que existem diferenças individuais – cada pessoa tem uma personalidade única.

O estudo formal, portanto, é importante e necessário, dada a forma semelhante como teóricos e leigos se referem à personalidade.

Como poderemos ter uma ciência de eventos únicos se o objetivo da ciência é a generalização? – Allport (1937a) se pergunta e ao mesmo tempo responde: “é um erro admitir que um princípio geral (...) deve envolver uma postulação do abstrato. O que se esquece é que *uma lei geral pode ser uma lei que diz como a unicidade ocorre*” (p.154-155, grifo original). A psicologia da personalidade é mais do que uma questão de coeficientes de correlação, é uma psicologia dinâmica que procura primeiro uma teoria adequada para as disposições da natureza humana (Allport, 1937a).

Na opinião de Draguns (1978), a definição mais citada e aceita provavelmente é a formulada por Allport: “personalidade é a organização dinâmica daqueles sistemas psicofísicos dentro de um indivíduo que determinam seus comportamentos e pensamentos característicos”. Allport (1927, 1937a, 1966a) insiste que, enquanto a

personalidade for compreendida por partes ao invés de integralmente, nunca a conheceremos verdadeiramente.

Teóricos da personalidade afirmam que mais cedo ou mais tarde, todas as definições acabam se referindo aos traços, por mais que a personalidade seja mais do que traços, nenhuma definição pode existir sem a referência implícita ou explícita dos traços (Hofstee, 1994; Angleitner, 1992).

Mesmo que de diferentes formas, por diferentes pesquisadores, o conceito de traço é o centro dos interesses e atenção no campo da estrutura e avaliação da personalidade. Os pesquisadores da estrutura da personalidade estão interessados em fornecer representações multivariadas da organização dos traços – tanto pela abordagem nomotética como pela idiográfica – e interessados também na consistência e variância destas estruturas ao longo da vida (Wiggins e Pincus, 1992).

Por considerar a teoria dos traços como mais relevante e adequada para o presente tema, focaremos nela nossa atenção e descrição, e não nas tantas outras teorias da personalidade existentes. Mas é necessário que compreendamos primeiro o que são os traços de personalidade.

Traços e suas mais diversas definições

Assim como personalidade, os traços também têm várias definições. Vejamos as principais conceituações do traço, pelos mais reconhecidos teóricos.

Gordon Allport, na verdade, pode ser considerado o maior defensor do conceito de traço, estudando-o sistematicamente até sua morte (em 1967). Allen (1997) considera-o como um teórico da personalidade que se destaca dentre os demais.

Allport acreditava que cada pessoa é única, diferente das demais, porque tem seus traços particulares. Ele se preocupava com os problemas sociais e seus estudos abordaram desde o senso de humor até o preconceito. Diferente dos teóricos da época, enfatizou o consciente, o presente e o futuro; reconheceu a singularidade da personalidade; não encontrou um *continuum* de personalidade entre a vida infantil e a adulta e optou por estudar a personalidade normal (Schultz e Schultz, 2002).

Para Allport (1966a) traços de personalidade são as propriedades do que ele denominou *proprium*, que se refere a um termo que deve incluir aquelas funções responsáveis pela unidade peculiar e pela distinção da personalidade, e que ao mesmo tempo aparecem à função cognitiva como subjetivamente íntimas e importantes: “O *proprium*, que podemos definir como a ‘qualidade’ individual da complexidade do organismo, desenvolve-se porque a espécie humana e o ser humano individual dele tiveram necessidade” (p.90).

“Um traço é a tendência à reação que quando medido com fidedignidade demonstra uma independência de outras variáveis”

(p.285). “Um traço é a dinâmica tendência de comportamento que resulta da integração de numerosos hábitos específicos de ajustamento, e que expressa uma característica da reação do indivíduo (...) Um traço é conhecido não por sua causa, mas pelo o que causa; não por suas raízes mas por seus frutos” (Allport, 1927, p.288-289).

Em seu artigo, Allport (1937a) conclui que existe uma hierarquia dos traços e que o traço deve ser reconhecido como a unicidade da personalidade. Para ele, a personalidade está sempre mudando de forma organizada, não aleatória, todas as facetas da personalidade orientam comportamentos e idéias específicos. Em outro artigo afirma:

“Traços não são criações na mente do observador, nem são ficções verbais; aqui são aceitos como fatos biofísicos, disposições psicofísicas verdadeiramente relacionadas – embora ninguém ainda saiba como – aos persistentes sistemas neurais de estresse e determinação (...) Faculdades são universais, traços pessoais; faculdades são independentes, traços interdependentes; faculdades são *a priori*, traços têm que ser confirmados empiricamente (...) Traços não são diretamente observáveis; eles são inferidos (como algum tipo de tendência determinante é inferida). Sem tal inferência, a estabilidade e a consistência do comportamento individual não pode ser explicada. Qualquer ação específica é um produto de inumeráveis determinantes, não somente de traços mas de pressões momentâneas e influências específicas (...) Traços devem ser descobertos (...) Traços não estão ativos a toda hora, mas são persistentes mesmo quando latentes (...) Traços não são inteiramente independentes uns dos outros; nem são sistemas neuropsíquicos. Eles freqüentemente existem em agrupamentos” (Allport, 1937b, p.16-17).

Podemos perceber que na tentativa de defender o traço, Allport buscou diferentes maneiras de explicá-lo, compreendendo o traço como descritores das

diferenças individuais e também como determinantes do comportamento (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Clininger, 1996; Schultz e Schultz, 2002; Wiggins, 1980).

Estudiosos da área sustentam que a linguagem é constituída por palavras e expressões que representam características e situações constantes e significativas da vida dos indivíduos. Existe uma tendência das características serem representadas por uma única palavra quando tais diferenças são claramente constituídas (Goldberg, 1982; John, Goldberg e Angleitner, 1984; John, Angleitner e Ostendorf, 1988). Ou, nas palavras de Allport e Odbert

“símbolos lingüísticos têm demonstrado utilidade; eles têm sido testados através dos anos pelo poder de representar fatores de experiências estáveis. Se traços realmente existem, é natural e apropriado nomeá-los. Naturalmente quanto mais freqüente uma disposição é encontrada em uma população, maior a chance de ter sido nomeada” (*apud* De Raad, Perugini, Hrebicková e Szarota, 1998: 213).

Allport, muito antes de todos, fez uma relação entre traços e a fisiologia humana, comprovado posteriormente por outras pesquisas, principalmente as de Eysenck (1974), Hofstee (1990, 1992, 1994) e Zuckerman (1992).

Mais tarde, Allport (*apud* Clininger, 1999) expandiu essa definição com muitas afirmações teóricas: o traço tem mais do que uma existência nominal; é mais generalizado do que um hábito; é dinâmico, ou pelo menos determinante, no comportamento; pode ser estabelecido empiricamente; é apenas relativamente independente dos outros traços; não é sinônimo de julgamento moral ou social; pode ser visto ou à luz da personalidade que o contém, ou à luz de sua distribuição na

população; ações e hábitos que são inconsistentes com o traço não provam a não existência do traço.

A literatura aponta Allport e Cattell como grandes estudiosos do traço. Eles levaram em consideração o efeito de eventos e a influência ambiental e social do comportamento. Concordavam quanto à importância dos fatores genéticos na formação dos traços, sendo a abordagem deles interativa, reconhecem que o comportamento é uma função da interação entre as variáveis pessoais e do ambiente (Allport, 1927, 1937a, 1937b, 1966a, 1966b; Cattell, 1975; Allen, 1997; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Church e Lonner, 1998; Goldberg, 1981, 1982, 1993).

Cattell (1975) afirma também que os traços são padrões de resposta da personalidade ajustados à cultura social. Trata-se da aprendizagem da integração: “a aprendizagem da hierarquia ou combinação de respostas que dará maior satisfação à *personalidade como um todo*” (p.31, grifo original).

Cattell (1975) desenvolveu diversos modelos sistemáticos de medida de personalidade, ligados à teoria dos traços, e afirma:

“Por traço, portanto, estamos evidentemente entendendo uma tendência da reação relativamente permanente e ampla. Os traços dividem-se geralmente em três modalidades: *habilidades, traços de temperamento e traços dinâmicos*. (...) Entre os traços deveríamos também distinguir (a) traços comuns – como inteligência, gregariedade, introversão, - que assumem consideravelmente a mesma forma para cada pessoa, mas de que uns podem ter mais que outros, e (b) traços únicos, que são tão específicos a um indivíduo que só ele e ninguém mais pode ser avaliado em relação a esses traços. Estes são, em geral, ou habilidades ou traços dinâmicos (...). (p.29, grifo original).

Antes destas propostas, a tendência do psicólogo era de conjecturar determinados traços, isolando-os um de cada vez e concentrar-se na observação de suas relações com as mais variadas coisas (Cattell, 1975). Para Allport (1937b) uma coisa é admitir traços como a unidade mais aceitável para investigação na psicologia da personalidade, outra é determinar autoritariamente o caráter preciso destes traços na vida: “o investigador deve usar todas as ferramentas empíricas de sua ciência para tornar suas inferências válidas” (p.16). Cattell (1975), então, defende que esta ferramenta a que Allport se refere é a análise fatorial, um procedimento imprescindível à compreensão e ao estudo dos traços:

“Antes da análise fatorial, alguns psicólogos chegaram a um tal grau de desespero que estavam dispostos a, se necessário fosse, fixar os traços por decreto, criando uma comissão para dizer o que eram traços importantes e como deveriam ser definidos. A análise fatorial (...) crê que há estruturas unitárias naturais na personalidade e que é nesses traços, e não nas denominações infundáveis do dicionário, que se deveria concentrar a atenção. Noutras palavras, se há elementos naturais, em forma de unidades funcionais, logicamente equivalentes a um elemento do mundo físico, então seria muito melhor começarmos nossos estudos – nossas comparações e nossa compreensão do desenvolvimento – pela medida de tais traços” (p.55).

Nesta citação, o autor cita que a busca por traços no dicionário não é uma preocupação que o psicólogo deve ter para medir os traços, apesar dele ter usado a lista que Allport e Odbert fizeram, a partir do dicionário, em busca das palavras que descrevessem a personalidade para desenvolver seu modelo de avaliação da personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Cloninger, 1996, 1999; Goldberg, 1993; Digman, 1994). Retomaremos este assunto no próximo capítulo.

Para Cattell (1975) existem três formas de se avaliar a personalidade: 1) por avaliações feitas por observadores quanto à frequência e intensidade com que determinados comportamentos ocorrem nas pessoas que observam; 2) por questionários que a própria pessoa responde; 3) por testes objetivos. Este autor defende a terceira forma, por acreditar ser a mais segura. Para ele, a primeira implica em uma difícil coleta de dados (informações específicas oriundas do ponto de vista de terceiros, que devem conhecer muito bem a pessoa avaliada). A segunda fonte de dados foi chamada de dados-Q e, para ele, também não é tão confiável porque depende da introspecção e está sujeita a distorções – seja por falta de auto-conhecimento, por ilusões de si próprio ou por intenção deliberada de enganar.

Hofstee (1994) também critica a auto-avaliação em questionários de personalidade. Na busca de alternativas para minimizar as margens de erro das avaliações via questionário, este autor sugere, dentre outros cuidados, o formato de questionários na terceira pessoa do singular e também a confirmação dos dados por meio de diferentes juízes. Ele afirma que a avaliação de outras pessoas oferece um ponto de referência para a definição da personalidade. Segundo o autor, as respostas na primeira pessoa do singular, quando consideradas isoladamente, estão sujeitas a vieses, tais como a deseabilidade social, competitividade e outras limitações pessoais. O formato na terceira pessoa envolve outras limitações, dentre elas a memória e a interpretação do juiz, entretanto Hofstee (1994) reforça que este tipo de questionário pode oferecer dados mais confiáveis, principalmente quando são conjugadas avaliações de múltiplos juízes.

Observar o comportamento público de uma pessoa, entrevistá-la ou examiná-la através de variados testes psicológicos estão entre as mais importantes maneiras

de se avaliar a personalidade (Draguns, 1978). Entretanto, mesmo que várias medidas venham sendo tomadas na direção de um aprofundamento da pesquisa relativa à avaliação em geral e dos instrumentos de avaliação psicológica em especial, a situação ainda padece da falta de esforços concentrados para minimizar seus problemas – alguns deles já destacados por pesquisadores nacionais (Hutz e Bandeira, 1993; Wechsler, Guzzo e equipe, 1998; Pasquali, 1999).

Como dito anteriormente, a ‘nova’ teoria dos traços conquistou adeptos, que formularam suas próprias conceituações e modelos teóricos acerca do traço. Wiggins (1980), por exemplo, conceitua traços como breves manifestações categóricas sobre o comportamento da pessoa. Ele propôs um modelo de personalidade para descrever aspectos que influenciam comportamentos interpessoais, distinguindo seis categorias de traços: interpessoais, materiais, temperamentais, papéis sociais, caráter e características mentais. Sua proposta deu origem a um modelo circumplexo³, que esquematizou estas variáveis. Este modelo parte do princípio que aspectos sociais da personalidade envolvem descrições bipolares do papel que a pessoa desempenha. Uma outra implicação teórica importante deste modelo, chamado de Interpessoal, é a concepção de que a personalidade é interativa e socialmente inata.

Eysenck (1974) propôs que a personalidade pode ser descrita e avaliada a partir de três fatores. A partir de extensos estudos de análise fatorial, outras técnicas psicométricas e experimentações de laboratório, conduzidos durante décadas, com diferentes populações, concluiu que a estrutura de temperamento consistia de três fatores básicos: psicoticismo (P), extroversão (E) e neuroticismo (N), conhecidos entre teóricos da personalidade como PEN. Estes três fatores podem ser medidos

pelo *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ). No estudo de Tarrrier, Eysenck e Eysenck (1980) a estrutura da personalidade de brasileiros e ingleses foi comparada, utilizando o EPQ, chegando à conclusão de que existem fatores idênticos nas duas populações estudadas.

McCrae e Costa (1995) definiram traços como dimensões das diferenças individuais em tendências de mostrar consistentes padrões de pensamento, sentimento e ações. Para estes autores, traços não são resumos descritivos do comportamento, mas disposições que são inferidas e podem predizer padrões de ações, sentimentos e pensamentos.

Para Allen (1997), os traços são mais pertinentes a indivíduos consistentes. A partir de seus estudos idiográficos – em que rejeitou a suposição nomotética de que todos os traços são igualmente relevantes para descrever a personalidade de *qualquer* pessoa, afirmando que a alternativa idiográfica determina quais traços são mais relevantes para *cada* pessoa – comprovaram que o comportamento daqueles que são ou se disseram mais consistentes foi predito, enquanto que o comportamento daqueles que não são consistentes, não pôde ser. Ou seja, para ele, não podemos predizer muito bem o comportamento de todas as pessoas por meio de testes de personalidade, mas podemos predizer o de algumas, as consistentes.

³ Circumplexo significa que o modelo é esquematizado em forma de círculo, em que os pontos opostos (de frente um para o outro) devem se correlacionar negativamente e aqueles que estiverem à direita não deverão se correlacionar.

Teoria dos Traços e Abordagem Psicoléxica

No início, a teoria do traço era reduzida à menor parte das teorias da personalidade, não era considerada nenhuma escola específica, somente um conjunto de medidas de personalidade, estudos isolados, “um apêndice de uma das ‘verdadeiras escolas’” [psicanálise, behaviorismo e humanismo] (Wiggins e Pincus, 1992, p.474), uma vez que as classificações por traços datam da época de Hipócrates (460-377a.C.), que considerou os traços ou características de personalidade constantes e invariáveis, independentemente das situações (Schultz e Schultz, 2002; Riello, 1999).

Recentes debates sobre o *status* da psicologia dos traços fizeram reviver velhas questões sobre o papel dos traços na explicação dos comportamentos: traços são meras descrições do comportamento ou eles oferecem uma forma de explicação legítima e útil? Estes questionamentos acerca da teoria mostram que, na história da psicologia, a teoria dos traços tem sofrido muitas críticas (McCrae e Costa, 1995; Cloninger, 1996; De Raad e Van Heck, 1994). Críticas empíricas – que argumentam que os dados não suportam a utilidade dos traços, e críticas filosóficas – que sugerem que os traços são logicamente incapazes de fornecer explicações científicas verdadeiras e podem servir apenas como um resumo das descrições do comportamento. Com o passar dos anos, foi possível combater as críticas, uma vez que análises (estatísticas) já comprovaram a validade dos traços e fornecem muito mais do que simples descrições do comportamento (McCrae e Costa, 1995). A seqüência de críticas seguida por pesquisas fez o estudo da personalidade se tornar científico e aumentou a compreensão do traço.

A psicologia da personalidade superou a fase em que traços eram uma variável dependente para ser explicado como um artefato da percepção social (Hofstee, 1992).

Então, é possível afirmar que, atualmente, a teoria e o conceito dos traços tem ocupado um lugar de destaque no domínio da avaliação da personalidade, principalmente porque os estudos têm oferecido dados empíricos, possibilitando a verificação deles em diferentes condições, e ainda, estudos longitudinais e transculturais (McCrae e Costa, 1995; Cloninger, 1999; Riello, 1999). “Os investigadores têm buscado uma representação multivariada da organização do traço e suas consistências e mudanças ao longo da vida, e têm buscado desenvolver procedimentos para mensuração do constructo” (Wiggins e Pincus, 1992: 473).

Caprara (1992) ressalta que não é interessante recuperar uma visão ‘romântica’ do estudo dos traços psicológicos, mas considerar um aspecto da individualidade que não pode ser negado pela ciência, mesmo sabendo-se da complexidade de fatores envolvidos no comportamento humano.

A busca de identificação de traços tem levado a diferentes caminhos científicos; por um lado, a descrição de traços na linguagem diária (De Raad, 1995), e por outro, o estabelecimento de conceitos e modelos explicativos (McCrae e Costa, 1995). No entanto, estes caminhos não são isolados e o estudo de descritores a partir da linguagem é um exemplo de contribuição à revisão e/ou ao desenvolvimento de modelos mais explicativos (De Raad, 1995). Ao invés de examinar um traço de cada vez, uma abordagem compreensiva busca um modelo amplo de organização de vários traços (Cloninger, 1996).

A abordagem dos traços, então, assume que é possível identificar um conjunto de constructos pelos quais todos os membros da comunidade mundial podem ser caracterizados diferentemente, já que foi constatado que todas as línguas contêm termos que caracterizam os traços de personalidade (McCrae e Costa, 1997). A abordagem léxica afirma que o conjunto de constructos comum e universal pode ser identificado pela descrição de tais traços (De Raad, Perugini, Hrebíková e Szarota, 1998).

Os autores estão mais interessados em documentar e sistematizar o que pode ser dito sobre as pessoas e suas personalidades em uma linguagem particularmente determinada (Angleitner, Ostendorf e John, 1988).

O que separa a linguagem natural como fonte de atributos da personalidade de outras fontes é a hipótese de que a linguagem é a razão fundamental da abordagem léxica. (John, Angleitner e Ostendorf, 1988). A hipótese léxica é, então, formulada para englobar os traços interpessoais e descritores do comportamento como um léxico especializado do domínio das diferenças individuais (De Raad, 1995).

A abordagem léxica, portanto, converge para o domínio do traço, uma vez que as pessoas, na sua comunicação diária, tratam das diferenças individuais por meio da linguagem. Ou seja, a descrição de diferenças individuais depende da linguagem, uma vez que aquelas diferenças individuais que são mais evidentes e socialmente relevantes na vida das pessoas serão eventualmente codificadas na sua linguagem (Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Cattell, 1975; De Raad e Schouwenburg, 1996; De Raad et al, 1998; De Raad, 1995; De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992, 1994; Digman, 1994; Fujita, 1996; Goldberg, 1981, 1982, 1990, 1993; Hofstee, 1990; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; John, Goldberg

and Angleitner, 1984; Lanyon e Goodstein, 1997; McCrae e Costa, 1993; Ostendorf e Angleitner, 1994b).

A abordagem léxica tem a virtude de não depender da teoria da personalidade de nenhum autor específico – virtude esta nem sempre reconhecida por alguns teóricos: “é interessante que os primeiros teóricos escolheram a abordagem léxica porque ela era ateórica, mas os pesquisadores atuais a consideram deficiente porque é ateórica” (Fujita, 1996, p.2). Atualmente, a abordagem léxica se constitui em uma importante área de investigação (Wiggins e Pincus, 1992).

Uma outra característica importante da abordagem léxica é a atitude a respeito da informação contida no conjunto compreensivo dos descritores da personalidade: a redução do grande número de diferentes termos de auto-avaliação ou avaliação dos pares dá lugar a uma maior quantidade de informações captadas por um número mínimo de dimensões (De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992).

É possível afirmar, portanto, que o principal objetivo da abordagem e da pesquisa psicoléxica é “chegar a uma especificação do domínio do traço que virtualmente explore o universo dos traços e permita uma seleção representativa dos traços para uso prático e teórico” (De Raad, Perugini, Hrebícková e Szarota, 1998: 213). Deve ter sua validade teórica para o crescimento e progresso do conhecimento sobre a personalidade e suas características; assim como deve ter aplicabilidade tais conhecimentos.

Para Allport (1937b, p.16) “(...) os atributos da personalidade humana podem ser descritos somente com a ajuda da linguagem cotidiana, porque apenas ela possui a flexibilidade, a sutileza e a inteligibilidade necessárias”. Para John, Angleitner e Ostendorf (1988) a análise do vocabulário da personalidade

representado na linguagem natural poderia fornecer um conjunto finito de características que as pessoas, na linguagem social, têm considerado ser o mais importante.

Mesmo reconhecendo todas as vantagens da abordagem léxica ou psicoléxica (quando se trata de uma linguagem das características da personalidade), não podemos nos esquecer de suas limitações. A primeira limitação refere-se aos critérios de importância que as pessoas leigas utilizam para ordenar os léxicos de personalidade – ou em outras palavras, o delineamento da linguagem da personalidade: muitos destes critérios não são bem compreendidos (De Raad e Van Heck, 1994; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Hofstee, 1990).

De fato, tais termos provavelmente servem não apenas para descrever, mas também para avaliar, o que não é necessariamente adequado para uma descrição científica da personalidade. Algumas diferenças individuais que poderiam ser de interesse para os cientistas, podem não ser tão óbvias para os leigos – desta forma, dificilmente eles relatarão e codificarão em palavras.

John, Angleitner e Ostendorf (1988) sugerem que uma forma de avaliar a compreensão da taxonomia da linguagem seria comparar as palavras a um conjunto de características da literatura da personalidade, apesar de que muitos taxônomos atribuíram mais peso na determinação do universo de conteúdo para o interesse científico que para os padrões sócio-culturais englobados na linguagem.

Hofstee (1990) apresenta uma outra sugestão: julgamento de *experts* e julgamento de leigos. Mas apresenta suas limitações: no julgamento de especialistas é comum excluir certas classes de adjetivos (por exemplo, adjetivos que não se referem a diferenças individuais), além disso, a concordância entre dois juízes

independentes tende a ser muito baixa. O problema de julgamento de leigos é a definição de personalidade implícita para cada um.

Uma segunda limitação da razão léxica é que as características de personalidade incluídas no léxico podem divergir entre as diferentes línguas (a tradução de uma linguagem para outra também parece ser limitada), e tendem a mudar ao longo do tempo (Hofstee, 1990; John, Angleitner e Ostendorf, 1988). Essas características da linguagem natural podem limitar a generalização das taxonomias da linguagem e servem para lembrar que as características de personalidade são difíceis de serem estudadas fora do contexto cultural nos quais estão inseridos. Apesar disto, os efeitos da cultura e do tempo no léxico da personalidade podem ser estudados empiricamente; pesquisadores começaram agora estudos transculturais para avaliar a generalização das suas taxonomias (Forzi, Arcuri, Fontana, Di Blas e Tortul, 1990; Di Blas e Forzi, s/d; Hrebícková, Ostendorf e Angleitner, s/d; Hofstee, 1990; John, Goldberg e Angleitner, 1984; Guzzo, Carvalho, Messias, Pereira, Pinho, Riello e Serrano, 1998; Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002; Pinho e Guzzo, 2003).

A terceira, freqüentemente falada, objeção à razão léxica é que o significado dos termos na linguagem natural é muito vagamente definido, ambíguo e dependente do contexto para ser útil às terminologias científicas. O problema de significados confusos perturba a pesquisa de personalidade há muitas décadas. Allport (1961 *apud* John, Angleitner e Ostendorf, 1988, p.175), por exemplo, argumentou que

“Talvez algum dia a ciência psicológica tenha outros símbolos para designar traços (fatorial ou matemático), mas progresso nesta direção é tão medíocre que nos tenta a abandonar a lealdade da nossa língua natal. Nosso destino é analisar traços em palavras, fazendo o melhor que podemos durante o caminho para *definir* os termos” (grifo original).

Church e Lonner (1998) também criticaram a abordagem léxica e declararam que as diferenças individuais nem sempre estão presentes na linguagem natural e a “estrutura léxica da personalidade pode não ser idêntica à estrutura da personalidade” (p.35). Estudos léxicos confundem diferenças na estrutura da personalidade com diferenças na linguagem da personalidade (McCrae e Costa, 1997).

Uma outra confusão está na descrição da personalidade: a presença de traços é freqüentemente assumida como indicativos somente de estados, desconsiderando outros aspectos importantes (Lanyon e Goodstein, 1997). Esta é uma ‘falsa crítica’, uma vez que o traço é compreendido de forma abrangente.

E qual a relação entre abordagem léxica e taxonomia? A resposta está no próximo capítulo.

Parte 3
Taxonomia dos descritores
da personalidade

O que seria a taxonomia dos adjetivos descritores da personalidade? Qual o objetivo de classificar os descritores da personalidade? A quem se destina um estudo como esse? Qual a sua relevância?

Para Goldberg (1993), a busca pela taxonomia dos traços de personalidade é o mais fundamental problema da área da personalidade.

Nas palavras de Angleitner, Ostendorf e John (1990) “uma taxonomia útil para descritores da personalidade deveria distinguir, ordenar e nomear diferenças individuais no comportamento e experiência das pessoas” (p.99). Isto significa que a classificação taxonômica serve para identificar as diferenças individuais presentes em uma determinada cultura e ordená-las de acordo com sua definição e/ou função, dada a dificuldade de se descrever a personalidade sem estes recursos.

Alguns estudiosos da personalidade compararam a necessidade de uma taxonomia dos traços de personalidade com a tabela periódica dos elementos químicos (Goldberg, 1981; Hough, 1997).

Reconhecendo o psicólogo como um profissional especializado, conhecedor e responsável (e também responsabilizado) por compreender e analisar o comportamento humano, parece notório que necessite utilizar uma linguagem própria, específica, mas ao mesmo tempo comum entre a categoria e acessível ao público. Ou seja, expressar sua análise por meio de um linguajar característico da Psicologia, desde que compreensível a quem de direito, é fundamental para o exercício profissional do psicólogo.

A descrição de um indivíduo pode ser feita a partir de diversos aspectos, que incluem sua aparência física, sua função ou papel social, estados emocionais e características inatas/permanentes. É interessante notar que quando se pede a uma

pessoa para que se descreva ou descreva alguém que conhece profundamente, estes são os aspectos apontados. Estas foram as conclusões de alguns estudos sobre a descrição da personalidade:

“O desenvolvimento da linguagem em diferentes sociedades expressa uma preocupação em obter cinco conjuntos de informações sobre as pessoas. Aparentemente, nas sociedades estudadas, as pessoas querem saber se o estranho, o visitante ou o aprendiz com quem vão interagir é: 1) ativo e dominante ou passivo e submisso; 2) socialmente agradável ou desagradável, amigável ou frio, distante; 3) responsável ou negligente; 4) louco, imprevisível ou ‘normal’, estável; 5) esperto ou um tolo, aberto a novas experiências ou desinteressado por tudo aquilo que não diz respeito à experiência do cotidiano” (Hutz et al, 1998: 4).

O número de maneiras que uma pessoa pode se diferenciar de outra – ou diferenciar-se de si mesma – é quase infinita. Entretanto, sabe-se que a identificação de palavras descritoras da personalidade na linguagem tem levado a estudos que buscam listar quais são as dimensões que as pessoas usam para descrever a si mesmas e aos outros, por meio de uma taxonomia própria da personalidade. O desenvolvimento de uma abordagem interacionista do estudo da personalidade requer a existência de uma “taxonomia adequada de ambientes e situações” (Lanyon e Goodstein, 1997: 42).

Os traços são identificados e descritos geralmente através dos descritores dos traços, que são “termos identificados na linguagem natural, capazes de representar e descrever importantes componentes do conjunto de comportamentos observados nos indivíduos em diferentes sociedades” (Nunes, 2000: 12). Portanto, estudar descritores da personalidade tem como objetivos encontrar uma expressão

adequada para cada diferença individual e agrupar um conjunto de palavras e expressões que representem características individuais em categorias amplas.

Entretanto, Wiggins e Pincus (1992) chamam-nos a atenção para a importância de se distinguir, no campo da estrutura da personalidade, o desenvolvimento de modelos multivariados (para representar as variáveis subentendidas nas diferenças individuais da estrutura da personalidade) do desenvolvimento de taxonomias de traços descritores (que fornece uma representação de como as dimensões da personalidade estão codificadas na linguagem cotidiana). Entende-se por estrutura da personalidade dos traços o padrão de covariação entre estes traços, em um número relativamente pequeno de fatores que representa a dimensão básica da personalidade (McCrae e Costa, 1997).

A taxonomia, então, permite aos pesquisadores estudar a personalidade como um todo, já que oferece todas as características (ou traços) individuais presentes na língua. Por ser um modelo de organização das características da personalidade, a taxonomia não se encaixa em nenhuma teoria da personalidade e, ao mesmo tempo, em todas (Fujita, 1996). Por um lado, trata-se de um estudo atóxico das características individuais, por outro, refere-se a todas as características presentes nos modelos teóricos clássicos.

Uma outra contribuição importante de uma taxonomia é o suporte que gera para a construção de instrumentos de avaliação psicológica, da personalidade, do temperamento, da criatividade e de tantos outros constructos (Engler, 1991; Bates, 1989). Além disso, pode fornecer uma linguagem comum para os pesquisadores de diferentes orientações teóricas, uma base de comparação e avaliação de teorias da personalidade, uma estrutura para a validação de escalas de personalidade, um guia

para a avaliação compreensiva do indivíduo e pode também comparar os descritores da personalidade entre diferentes países, proporcionando, assim, um estudo transcultural (Angleitner Ostendorf e John, 1988; Eysenck, 1994; Smirmák, 1994; Schimitz, 1994).

O léxico da personalidade, portanto, seria o conjunto de descritores de diferenças individuais de uma determinada cultura, agrupados e organizados para facilitar o estudo da personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

Em qualquer taxonomia é fundamental, antes de se iniciar a classificação, que se especifique o domínio do fenômeno a ser estudado. Esta é uma decisão inerentemente teórica, apesar de alguns taxônomos especificarem as instâncias que consideram importantes sem explicar a razão de tal escolha (John, Angleitner e Ostendorf, 1988). E mais, “para especificar o domínio e identificar a instância, o taxônomo tem que decidir o alcance (ou inclusão) da classificação” (*op. cit.*, p.172). O alcance da taxonomia brasileira está baseado na proposta de Angleitner, Ostendorf e John (1990) em que os adjetivos selecionados do dicionário tiveram os critérios de exclusão definidos por estes pesquisadores⁴.

Outras formas de se coletar os descritores da personalidade já foram propostas (John, Angleitner e Ostendorf, 1988) – tais como a identificação das características baseadas nas respostas individuais a um grande conjunto de frases de um questionário ou o uso da experiência clínica – mas não são consideradas satisfatórias, seja porque fornecem descritores redundantes, seja porque são insuficientes (em quantidade). Algumas diferenças individuais que poderiam ser de interesse dos cientistas, podem não ser óbvias suficientemente para os leigos relatarem/notarem e codificarem em palavras. Isto seria uma dificuldade a mais no estudo dos descritores da personalidade, uma vez que as características de

personalidade são difíceis de serem estudadas fora do contexto cultural nos quais estão inseridas.

Ainda é necessária uma linguagem técnica mais precisa, para a descrição da personalidade.

Allport (1966a) ao tentar defender a unicidade da Psicologia faz uma interessante metáfora com o idioma e a sintaxe da espécie:

“Cada idioma se desenvolve em seu contexto peculiar e esse contexto deve ser compreendido para que o idioma se torne inteligível. Mas ao mesmo tempo os idiomas não são totalmente subtraídos a leis e arbitrários; na realidade eles podem ser conhecidos pelo que são somente se comparados com a sintaxe da espécie” (p.35).

Mas, de onde surgiu a proposta de se investigar os descritores da personalidade?

Em uma retrospectiva histórica, estudiosos (Briggs, 1992; Cloninger, 1996, 1999; Fujita, 1996; Goldberg, 1990, 1993; Hofstee, 1990, 1994; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988) descobriram que a idéia de buscar as palavras descritoras da personalidade foi de Sir Francis Galton – considerado por Cattell (1975) como “um incansável e engenhoso estudante da natureza humana” (p.21) –, em 1884, encontrando cerca de mil termos. Galton tentou ter uma idéia do número dos “mais distintos aspectos do caráter, contando pelo dicionário as palavras usadas para expressá-los” (Hofstee, 1990: 77). Ele pode ter sido o primeiro cientista a reconhecer explicitamente o fundamento da hipótese léxica, que compreende que as diferenças individuais “mais importantes nas transações humanas estarão

⁴ A descrição detalhada dos critérios de exclusão e seleção dos adjetivos está a seguir.

representadas em termos simples em algumas palavras em todas as línguas do mundo” (Goldberg, 1993: 26).

O objetivo inicial era, portanto, quantificar os descritores da personalidade que poderiam ser utilizados pela população em geral – por isso o uso do dicionário, mesmo reconhecendo que as palavras do dicionário não esgotam as palavras que são utilizadas para a comunicação corrente. No entanto o léxico reflete, ainda que indiretamente, os elementos da cultura do momento e as palavras contidas nele podem ser representativos do conjunto de palavras utilizadas pelas pessoas para classificar eventos, comportamentos e objetos (De Raad, 1995; Wiggins e Pincus, 1992). Outra vantagem do uso do dicionário é que ele é uma amostra dos termos compilados por muitos anos, sistematicamente supervisionados e atualizados por gerações de lexicógrafos (De Raad, Perugini, Hrebícková e Szarota, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

Galton teve seguidores nesta busca (Cloninger, 1996, 1999; Digman, 1990; Goldberg, 1990, 1993; Hofstee, 1990, 1994; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988). Klages, em 1926, articulou a teoria racional para a abordagem léxica, argumentando que o estudo da linguagem beneficiaria a compreensão da personalidade. Para examinar o estudo de Klages (encontrou 400 palavras alemãs descritoras para ‘estados internos’), Baumgarten reuniu os termos descritores da personalidade de vários dicionários e apenas selecionou aqueles que eram usados mais frequentemente, de acordo com seu próprio julgamento e não os classificou além disto. No total, Baumgarten listou 941 adjetivos descritores e 688 substantivos, um número considerado mais baixo do que a estimativa de Klages (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

A lista de Baumgarten influenciou Allport e Odbert que, em 1936, trabalharam com todas as palavras relacionadas com traços na edição de 1925 do *New International Dictionary Webster*, identificando 17.953 traços (4,5% do total de palavras do dicionário) e os classificaram em quatro categorias: a) termos neutros que designam traços pessoais, b) termos descritivos de humores temporários ou atividades, c) termos carregados de julgamento social, d) miscelânea (condições físicas, desenvolvimentais ou de capacidades, termos metafóricos ou duvidosos). Essas dimensões se referem, lembra Allport, a “*descrições da personalidade por meio da linguagem, o que não equivale necessariamente à própria personalidade*” (Cloninger, 1999: 228, grifo original). Os termos que foram incluídos na lista deveriam possuir “a capacidade... de distinguir o comportamento humano de um indivíduo para outro” (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Cattell, 1975; De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992; Digman, 1990; Fujita, 1996; Goldberg, 1990, 1993; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; McCrae e Costa, 1993; Ostendorf e Angleitner, 1994b).

A lista que Allport e Odbert elaboraram, em 1936, a partir do dicionário é clássica para os estudiosos da personalidade, tem servido de base empírica para os pesquisadores mais recentes e é apontada como um passo importante na criação do modelo dos cinco fatores (Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Cattell, 1975; Goldberg, 1990, 1993; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Lanyon e Goodstein, 1997; McAdams, 1992).

Cattell, por exemplo, usou a lista de Allport e Odbert como ponto de partida para o desenvolvimento de um extensivo modelo multidimensional de estrutura da personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Cloninger, 1996, 1999; Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Cattell, 1975; De Raad, Hendriks e Hofstee,

1992; Digman, 1990; Fujita, 1996; Goldberg, 1990, 1993; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Lanyon e Goodstein, 1997; McAdams, 1992; McCrae e Costa, 1993; Ostendorf e Angleitner, 1994b), porém com o objetivo de reduzir o número de termos referentes à personalidade. Retomando a sua posição em relação ao uso do dicionário⁵, Cattell (1975: 55) não aprovava a busca das “denominações infundáveis do dicionário”. O que interessava a ele era o agrupamento das características mais importantes em fatores.

Cloninger (1996) afirma que a abordagem do traço estava correndo o risco de virar enciclopédia de tão grande que é a lista de traços descritos. Mas uma solução para compreender a personalidade a partir dos traços envolveu a busca sistemática das relações entre os traços, principalmente pela análise fatorial, que ‘simplifica’ a numerosa lista de adjetivos (Angleitner, Ostendorf, e John, 1990; Briggs, 1992; Buss, 1992; Caprara, 1992; Digman, 1994; Goldberg, 1981, 1982; John, Angleitner, e Ostendorf, 1988; John, Goldberg, e Angleitner, 1984; Ostendorf, 1994).

Fazendo uma retomada histórica, Ostendorf e Angleitner (1994b) afirmam que Cattell formulou sua teoria da personalidade baseado na hipótese de que a linguagem contém ‘dicas’ das mais importantes diferenças individuais. Usou vários passos para reduzir a lista com aproximadamente 4.500 traços, compilados por Allport e Odbert, para 35 escalas de classificação e finalmente 12 fatores de personalidade que formaram a base para a sua teoria do traço. Cattell insiste que cinco fatores são insuficientes para descrever a personalidade e postula que são pelo menos 12 – na verdade, ele construiu um instrumento (16 PF – 16 *Personality Factors*) que avalia 16 fatores: extroversão, ansiedade, teimosia, independência, controle, ajustamento, liderança e criatividade (fatores bipolares).

⁵ ver Capítulo 2, página 36.

“Porque Cattell visualizou a análise fatorial como um atalho magnífico para detectar a origem dos traços, ele não hesitou em interpretar seus fatores como determinantes causais” (Ostendorf e Angleitner, 1994b, p.178). Análise das variáveis de Cattell acabaram demonstrando a base dos fatores do modelo dos cinco fatores. Entretanto, os resultados dos estudos derivados da ‘linha do Cattell’ não fornecem um suporte ideal para a hipótese de que o Big Five possa representar fatores universais de julgamento da personalidade – porque está baseado apenas em 35 variáveis (Ostendorf e Angleitner, 1994b; Goldberg, 1993). A forma como Cattell fez suas análises, não permitia uma replicação exata. Ele supôs que suas 35 variáveis cobriam toda a língua norte-americana. Porém estudos provaram que não (Lanyon e Goodstein, 1997). Precisavam de uma amostra muito maior dos termos para poder ser representativa de todo o vocabulário da personalidade.

Para Digman (1990) o sistema de Cattell é a abordagem mais objetiva para a organização de centenas de termos em inglês, ou de qualquer língua usada para descrever as diferenças individuais.

A excelente correspondência/equivalência entre a estrutura fatorial em duas culturas oferece não apenas a esperança para a possibilidade de uma taxonomia de descritores da personalidade universal como também dá suporte para os métodos de análise fatorial (Rodrigues e Comrey, 1974).

Para De Raad (1992), a maioria dos traços usados na taxonomia da personalidade não apenas abrangem importantes características da personalidade como também representam informações do contexto.

Além destes, outros estudiosos têm buscado descrever a personalidade a partir dos traços, ou características, encontrados na linguagem do cotidiano das pessoas, uma vez que o desenvolvimento e avanço de estudos de traços têm

gerado modelos teóricos considerando fatores gerais da personalidade (Wiggins, 1980).

Cabe destacar dentre estes estudos, o modelo alemão de estudo e desenvolvimento de uma taxonomia dos descritores da personalidade (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990), uma vez que tal proposta ganhou seguidores internacionais e gerou taxonomias em diferentes culturas – tais como a italiana, a tcheca, a holandesa, a americana e a brasileira, proporcionando uma visão mais global e ampla do estudo da personalidade (Forzi, Arcuri, Fontana, Di Blas e Tortul, 1990; Di Blas e Forzi, s/d; Hrebícková, Ostendorf e Angleitner, s/d; Broken, *apud* Hofstee, 1990; Norman *apud* John, Goldberg e Angleitner, 1984; Guzzo, Carvalho, Messias, Pereira, Pinho, Riello e Serrano, 1998; Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002; Pinho, 2001). A taxonomia brasileira só será completada, de fato, quando a quarta etapa for concluída, que é o objetivo deste trabalho.

Em um estudo comparativo entre a taxonomia brasileira e as taxonomias de outros países, o Brasil apresenta o maior número de adjetivos (35.834), seguido pelas línguas italiana (21.800), tcheca (13.606) e alemã (11.600), como pode-se observar em Guzzo, Pinho e Carvalho (2002). Porém, na conclusão da segunda fase, os resultados da Alemanha incluem, proporcionalmente, mais adjetivos descritores da personalidade para a construção da taxonomia (41,6%). Em relação ao total de verbetes alemães (96.666), comparando com o Brasil (120.000), a proporção é a mesma: 5%, ou seja, cinco por cento das palavras presentes nos dicionários alemão e brasileiro são adjetivos descritores da personalidade.

No início dos anos 80, três linhas de pesquisa independentes chegaram ao modelo dos cinco fatores, como o modelo mais apropriado de ordenação dos

constructos específicos da personalidade. Uma linha foi a volta do interesse pelo campo da personalidade classificatória; na segunda linha, foram os estudos da estrutura da linguagem dos descritores da personalidade; e a terceira linha refere-se às análises dos instrumentos de personalidade (Digman, 1994).

Big Five ou Modelo dos Cinco Grandes Fatores

Estudiosos da personalidade afirmam que, em diferentes culturas, os cinco fatores *estão* representados na linguagem e que, nos últimos anos, o modelo mais estudado, revisto e comprovado é o modelo dos cinco fatores, ou modelo dos cinco grandes fatores ou ainda Big Five (Angleitner, Ostendorf e John, 1990; Angleitner e Ostendorf, 1994; Briggs, 1992; Buss, 1992; Church e Lonner, 1998; De Raad, 1995; De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992, 1994; De Raad et al, 1998; De Raad e Schouwenburg, 1996; De Raad e Van Heck, 1994; Di Blas e Forzi, s/d; Digman, 1990; Forzi et al, 1990; Fujita, 1996; Goldberg, 1990, 1993; Hofstee, De Raad e Goldberg, 1992; Hough, 1997; Hrebicková, Ostendorf e Angleitner, 1994; Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Lanyon e Goodstein, 1997; McCrae e Costa, 1993; Ostendorf e Angleitner, 1992, 1993, 1994a, 1994b; Rodrigues e Comrey, 1974; Trull et al, 1998; Wiggins e Pincus, 1992; Zuckerman, 1992).

Os cinco fatores são: *Neuroticism*, *Agreeableness*, *Extroversion*, *Conscientiousness* e *Openness to Experience*. A denominação dos fatores na língua Portuguesa, ainda está sendo estudada: Hutz et al (1998) sugerem os termos Neuroticismo, Nível de Socialização, Extroversão, Escrupulosidade (ou Vontade) e

Abertura a Experiências, respectivamente. No livro de Cloninger (1999), os termos foram traduzidos por Cláudia Berliner como: Neuroticismo, Afabilidade, Extroversão, Conscienciosidade e Abertura. Ito e Guzzo (2002) usam Estabilidade Emocional, Agradabilidade, Extroversão, Conscienciosidade e Cultura.

Estes fatores foram obtidos intuitivamente: não foram postulados, foram descobertos. O modelo não é uma teoria, apenas descreve uma potencialidade de um fenômeno universal (Hutz et al, 1998; John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Ostendorf e Angleitner, 1994b; McCrae e Costa, 1993; Zuckerman, 1992).

Digman (1994) e Goldberg (1993), em sua busca pelos antecedentes históricos do modelo dos cinco fatores⁶, revelam que McDougall foi o primeiro teórico a propor que a personalidade poderia ser analisada em cinco diferentes fatores. Depois dele, Thurstone também encontrou, ao analisar 60 adjetivos, cinco fatores nos quais os adjetivos se dividiam. Mas estes dois estudiosos não deram continuidade aos seus trabalhos.

Então, para Goldberg (1993), Cattell é considerado o pai *intelectual* do Big Five, apesar de negar veementemente a 'paternidade'. Mas na verdade foi Fiske quem descobriu quais são os cinco fatores, a partir da análise que fez dos achados de Cattell. Como Fiske também não deu continuidade aos seus estudos, "a honra pela descoberta dos cinco fatores se deve a Tuper e Christal" (Goldberg, 1993, p.27). Na opinião do autor, Norman é erroneamente intitulado o pai do Big Five, pois passou muito tempo como cético em relação a tais fatores. É um paradoxo, mas ele inicialmente se recusou a aceitar a existência de apenas cinco fatores – queria elaborar um modelo mais amplo. Mas foi Goldberg o primeiro autor a usar a expressão Big Five (Digman, 1990).

⁶ É possível encontrar o histórico do Modelo dos Cinco Grandes Fatores, em português, em Nunes (2000).

Digman (1994) nos conta que os primeiros teóricos do modelo dos cinco fatores (Fiske, Tupes e Christal, Norman, Borgotta, Norman e Goldberg) conduziram a maioria dos estudos independentemente.

“O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é uma versão moderna da Teoria de Traço que representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável” (Hutz et al, 1998: 396).

Embora alguns pesquisadores discordem do modelo dos cinco fatores (Digman, 1994; Hough, 1997; Hofstee, s/d), defensores deste modelo afirmam que este modelo compreende as dimensões da personalidade mais importantes e pode fornecer uma estrutura de organização para a pesquisa da personalidade.

“As dimensões de personalidade do Big Five são como o topo do iceberg da linguagem das diferenças individuais” (De Raad, Hendriks e Hofstee, 1992, p.311). As raízes do Modelo dos Cinco Grandes Fatores estão no estudo léxico, que foram analisados para determinar que dimensões as pessoas usam quando descrevem a si mesmos e aos outros. A estrutura do Big Five capta, a um nível grande de abstração, a simplicidade da maioria dos sistemas existentes de descrição de personalidade e provê um modelo descritivo para a pesquisa de personalidade (Briggs, 1992). Essa pesquisa indica que pessoas comuns descrevem a personalidade em cinco fatores (Nunes, 2000; Hutz et al, 1998; Cloninger, 1996, 1999; Goldberg, 1981; Caprara, 1992).

Os cinco fatores têm sido consistentemente observados tanto em culturas orientais como ocidentais (alemã, portuguesa, hebraica, chinesa, coreana, japonesa, francesa, filipina, holandesa, chilena, venezuelana, turca, norueguesa, norte-americana, indiana), o que dá suporte a um componente genético. Assim como

estudos realizados com gêmeos (Schultz e Schultz, 2002; McCrae e Costa, 1997; Ostendorf e Angleitner, 1992; Forzi, Arcuri, Fontana, Di Blas e Tortul, 1990; Di Blas e Forzi, s/d; Hrebícková, Ostendorf e Angleitner, s/d; Hofstee, 1990; John, Goldberg e Angleitner, 1984; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

Portanto, os cinco grandes fatores e os seus traços parecem representar uma “estrutura de personalidade humana comum” que transcende diferenças culturais (McCrae e Costa, 1997: 515). Cada um dos fatores define um espaço no universo dos descritores da personalidade (McAdams, 1992). Cada fator do Big Five inclui “centenas, se não milhares” de traços (Goldberg, 1993, p.28).

Costa e McCrae (1985) desenvolveram um questionário de auto-relato, chamado NEO-PI (*Neuroticism, Extroversion e Openness to Experience – Personality Inventory*), especialmente para medir esses cinco fatores. Este instrumento deve ser destacado, pois obteve resultados semelhantes na aplicação em diversas culturas/línguas: holandesa, alemã, italiana, estoniana, finlandesa, espanhola, hebraica, portuguesa, russa, coreana, japonesa, australiana, tailandesa, francesa e filipina (Church e Lonner, 1998). O estudo sobre o NEO-PI já está sendo desenvolvido também no Brasil (Hutz et al, 1998).

Estes estudos podem otimizar a chance de encontrar comparação no estudo transcultural excluindo as dimensões específicas da cultura. “Se os Big Five são de fato universais, isso indicaria que nós estamos lidando com um fenômeno básico que naturalmente requer explicação” (Ostendorf e Angleitner, 1994b: 187).

A universalidade transcultural é freqüentemente interpretada como uma evidência de bases biológicas ou evolutivas sobre o fenômeno estudado. O maior, mas não o único, objetivo de estudos psicológicos transculturais é buscar uma universalidade psicológica. Estudos transculturais são relativamente novos e existe

uma necessidade de incluir um maior número de culturas. Algumas das melhores evidências da universalidade transcultural tem sido fornecida e garantida pelo modelo dos cinco fatores (Church e Lonner, 1998).

Discute-se, porém, se os fatores de personalidade do Big Five realmente têm potencial universal. Se isto fosse verdade, poderia se pensar que “chegou ao fim a busca por fatores de traços básicos para a construção de questionários da personalidade” (De Raad, Perugini, Hřebíčková e Szarota, 1998: 212), idéia esta não aprovada pelos estudiosos. O Modelo dos Cinco Grandes Fatores não pretende excluir ou substituir outras teorias e propostas sobre o estudo dos fatores da personalidade, é mais um modelo a ser estudado.

Existem evidências que fazem com que muitos psicólogos acreditem que o Big Five é uma boa taxonomia. Porém alguns teóricos discordam. Os críticos do Big Five alegam que o modelo não é uma taxonomia compreensiva, confunde constructos, seu método é insuficiente (outros métodos além da análise fatorial são necessários para confirmar ou refutar a estrutura), o nível de avaliação é tão amplo, os constructos tão heterogêneos que a compreensão e predição do comportamento ficam prejudicadas (Hough, 1997; McAdams, 1992; Ostendorf e Angleitner, 1994b).

Defensores deste modelo afirmam que este compreende as dimensões da personalidade mais importantes e pode fornecer uma estrutura de organização para a pesquisa da personalidade. O Modelo dos Cinco Grandes Fatores é uma estrutura geral de compreensão da personalidade e um guia de pesquisas, mas não deve excluir ou substituir outras teorias e propostas sobre o estudo dos fatores da personalidade (Briggs, 1992; Caprara, 1992).

Para Buss (1992), as características de personalidade representadas no Big Five podem também representar, em parte, as diferenças individuais para resolver problemas adaptativos.

John (*apud* Fujita, 1996) propôs que as dimensões do Big Five fossem consideradas o OCEAN da personalidade (é um trocadilho com as iniciais dos fatores: **O**peness, **C**onscientiousness, **E**xtroversion, **A**greeableness e **N**euroticism).

A busca pelos cinco fatores tem gerado diversas pesquisas. Entretanto, há ainda uma certa confusão sobre quais são estes fatores, uma vez que os autores freqüentemente usam terminologias diferentes para nomeá-los (Fujita, 1996; Hofstee, De Raad e Goldberg, 1992; Trull et al, 1998).

Taxonomia brasileira

Quais seriam as palavras que a Língua Portuguesa oferece para que descrevamos a personalidade de alguém? Será que os brasileiros também descrevem a personalidade a partir destes aspectos? O objetivo desta investigação é justamente responder estas perguntas.

As categorias gramaticais que poderiam nos fornecer as palavras descritoras da personalidade são: substantivo, verbo, adjetivo, interjeição, pronome e advérbio. Porém, é mais comum a utilização de adjetivos para descrever a personalidade (De Raad, 1995; Briggs, 1992; Ostendorf e Angleitner, 1992), uma vez que sua própria definição já determina sua função: é ele que qualifica o ser, que “caracteriza os

seres (...) indicando-lhes uma qualidade, caráter, modo de ser ou estado” (Ferreira, 1986: 47).

Entretanto, há dúvidas se os fatores também podem ser representados e validados a partir de frases, ao invés de adjetivos. “Se estes fatores são fatores universais da linguagem da personalidade, eles deveriam revelar não apenas a base dos adjetivos descritores da personalidade na classificação dos dados, mas também a base das frases descritoras da personalidade nos dados dos questionários” (Ostendorf e Angleitner, 1992, p.75).

Hofstee (1990) apesar de concordar que existem evidências científicas de que as pessoas costumam descrever-se ou descrever alguém usando adjetivos, prefere se basear nas pesquisas que afirmam que os adjetivos servem apenas para os estudos teóricos, enquanto as frases são usadas para questões práticas.

O estudo da taxonomia brasileira foi iniciado, buscando apenas os adjetivos da Língua Portuguesa – diferenciando-se de outras taxonomias, como a tcheca e a italiana, por exemplo – apesar de admitirmos que a exclusão de substantivos e verbos empobrece o trabalho. A opção de não inclui-los justifica-se, principalmente, por se tratar do primeiro estudo taxonômico brasileiro. Acreditamos que os adjetivos podem realçar as características do substantivo: “O novelista, por exemplo, usa substantivos para indicar determinados traços e depois os torna implicitamente quantitativos pela introdução de adjetivos que indicam maior ou menor grau de cada traço” (Cattell, 1975, p.54).

Para descobrir quais seriam os adjetivos da Língua Portuguesa que poderiam ser utilizados na descrição da personalidade, a equipe do LAMP iniciou, em 1996, uma busca pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (a escolha por este Dicionário Aurélio foi baseada no fato de que ele correspondia às necessidades do

estudo além de ser o mais utilizado pela população em geral), inspirado no modelo taxonômico alemão (John, Angleitner e Ostendorf, 1988; Angleitner, Ostendorf e John, 1990).

Na tentativa de produzir um estudo transcultural e contribuir para a compreensão e avaliação da personalidade, o LAMP se propôs a desenvolver os quatro estágios⁷ indicados por estes pesquisadores – que sistematizaram a investigação pelos descritores da personalidade – e realizar uma busca dos adjetivos brasileiros que descrevem a personalidade e construir uma taxonomia brasileira.

Dividiu-se o grupo do LAMP – cada um ficou responsável por analisar uma (ou mais) letra(s) do alfabeto – para dar início à investigação, que consistia na leitura da relação de todas as palavras contidas no dicionário, identificação do adjetivo, cópia do adjetivo e de seu significado.

Entretanto, houve uma alteração na coleta de dados no final de 1996, pois foi lançada a primeira versão do dicionário em CD-ROM, que foi imediatamente adquirida pelo LAMP para minimizar o tempo e as margens de erro que o procedimento original oferecia (ler palavra a palavra, identificar o adjetivo, copiá-lo e seu significado em uma folha e retornar à lista).

Portanto, a primeira fase consistiu da identificação e da extração de todos os adjetivos do Dicionário da Língua Portuguesa versão 2.0 em CD-ROM (Barroso, 1996) que poderiam descrever atributos ou características individuais. Foram encontrados 35.834 adjetivos, o que corresponde a aproximadamente 30% dos verbetes totais do dicionário, pois segundo o Novo Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), existem cento e vinte mil verbetes na Língua Portuguesa (Guzzo, Carvalho,

⁷ Ver Prólogo.

Messias, Pereira, Pinho, Riello e Serrano, 1998; Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho, Carvalho, 2002; Pinho, 2001).

O procedimento para a realização da primeira etapa foi selecionar todos os verbetes nos quais apareciam a sigla 'ADJ' (adjetivo), copiá-los (sem o significado) e alocá-los em uma tabela de arquivo do WORD 6.0 (tabela de uma única coluna em que se colocavam os adjetivos selecionados), fazendo um arquivo para cada letra. Tal procedimento não estava descrito em nenhum estudo anteriormente realizado (nenhum país envolvido nesta pesquisa transcultural utilizou uma versão em CD-ROM do dicionário), indicando uma adaptação brasileira e um progresso aos estudos de taxonomia, pois, como dito anteriormente, o uso deste material garantia uma minimização dos erros humanos de se ler e copiar o adjetivo e seu significado; além de diminuir significativamente o tempo de coleta de dados.

O segundo estágio foi a seleção daqueles adjetivos que descrevessem a personalidade. Ou seja, selecionar da lista total de adjetivos (N=35.834) aqueles que estavam estritamente relacionados à personalidade, desconsiderando⁸, portanto, os verbetes que indicavam origem geográfica, nacionalidade; verbetes relativos a uma parte da pessoa, a animais e à natureza; verbetes não discriminativos (não se conseguia discriminar a que se referiam) e verbetes chulos (o dicionário indica quando a palavra tem um significado considerado chulo).

O material utilizado para esta segunda etapa foram as tabelas construídas na fase anterior. O procedimento foi a exclusão por dois juízes independentes – ambos pertencentes ao LAMP e com conhecimento deste projeto – de todos os adjetivos que correspondessem a qualquer um dos critérios citados acima. A exclusão definitiva de um adjetivo foi determinada quando os dois juízes concordaram com a

⁸ Estes são os critérios de exclusão preestabelecidos pelo modelo alemão (John, Angleitner e Ostendorf, 1988).

retirada, isto é, quando um juiz teve dúvidas em relação à permanência ou não do adjetivo, optou-se por mantê-lo para a próxima etapa – esta decisão está descrita na proposta alemã.

Permaneceram para a etapa seguinte 5.641 adjetivos, representando 4,7% do total de verbetes do dicionário e 15,74% do total de adjetivos (Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998; Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

A terceira fase foi realizada pela presente Autora em sua Dissertação de Mestrado (Pinho, 2001), e consistiu na avaliação dos adjetivos, por juízes-psicólogos (seis membros da Academia Paulista de Psicologia, seis professores universitários e um juiz constante), quanto à sua clareza de significado, à sua utilidade como descritor da personalidade e à frequência de uso do adjetivo na prática profissional.

Os adjetivos foram dispostos em uma tabela, organizados em ordem alfabética, e entregues aos juízes. Optou-se por agrupar as letras pela quantidade de adjetivos, resultando em uma média de 940 adjetivos e quatro letras por juiz. O agrupamento das letras foi aleatório, assim como a sua distribuição entre os juízes, formando seis grupos: AVXZ (985 adjetivos), BCJL (926), DEF (1076), GHI (876), MSTU (823), NOPQR (955). A decisão por este procedimento se deve ao grande volume de adjetivos, que poderia comprometer a análise dos juízes, prejudicando a sua validade. Devido à experiência na área e, em particular neste estudo, a Autora avaliou o total de adjetivos, referente a todas as letras (juiz constante).

Os resultados foram analisados atribuindo uma valoração diferente para cada dimensão avaliada. Considerando que as características individuais relevantes para o estudo de descritores da personalidade dependem do fator frequência (quanto maior a frequência com que as pessoas falam sobre um traço, mais importante ele é considerado e utilizado naquela população – John, Angleitner e Ostendorf, 1988), a

dimensão 'frequência de uso' teve uma valoração na pontuação maior que as outras dimensões ('clareza de significado' e 'utilidade como descritor') e o fator 'utilidade' recebeu pontuação maior que 'clareza' por se considerar mais importante um adjetivo ser útil na descrição da personalidade do que ser claro em seu significado. Por esta razão, os valores dados aos fatores foram: 3 para 'frequência', 2 para 'utilidade', 1 para 'clareza' e 0 para os casos em que o adjetivo não foi assinalado; havendo, portanto, uma variação possível na avaliação de 0 a 6 pontos por adjetivo.

Os adjetivos que tiveram média igual ou superior a 3 foram considerados como os representantes do conjunto de adjetivos desta etapa. Do total de adjetivos (5.641), 938 (16,63%) obtiveram a média exigida. Pode-se dizer que este conjunto de adjetivos representa as características descritoras da personalidade, na Língua Portuguesa, na concepção dos participantes da amostra da pesquisa realizada.

Houve concordância na avaliação entre os juízes no que se refere à clareza, utilidade e frequência dos adjetivos, ou seja, os juízes avaliaram significativamente de forma semelhante o conjunto total dos adjetivos, o que indicou um aspecto positivo da pesquisa, relativo à compreensão e realização das análises dos juízes (Pinho, 2001).

Como era esperado teoricamente (Angleitner, Ostendorf e John, 1990), o número de adjetivos que permaneceram para a etapa seguinte da construção da taxonomia brasileira dos descritores da personalidade diminuiu bastante. No referido estudo, constatou-se que cerca de 72% dos adjetivos, quando avaliados quanto à clareza, utilidade e frequência, não foram para a fase posterior, enquanto na pesquisa brasileira, o número de adjetivos excluídos foi ainda maior, representando 83,37% (4.703 adjetivos que não obtiveram a média maior ou igual a três).

Lembrando que todos os juízes são do Estado de São Paulo, estes dados podem ter um viés regional. Considerando que, no Brasil, existem diferenças regionais na língua (Flores, 2000); cada região ou estado brasileiro recebeu diferentes influências, formando um vocabulário à parte; e que nos últimos anos, têm sido lançados vários dicionários com a intenção de apresentar e se fazer entender a linguagem de um determinado lugar (apesar de as nossas diferenças lingüísticas são bem menos acentuadas do que qualquer língua europeia), seria interessante que um outro estudo pudesse conferir se em outras regiões brasileiras estes resultados são compatíveis com a cultura nacional. Cagliari (1996) reforça esta idéia ao ressaltar a importância de se ter mais estudos brasileiros que destaquem as diferenças regionais da linguagem.

Um aspecto interessante apontado por este estudo foi perceber que a letra 'A' é a letra que mais contém adjetivos e adjetivos descritores, na Língua Portuguesa, mas é a letra 'I' que contém a maior proporção de adjetivos descritores em relação ao total da letra. Ou seja, 27,87% dos adjetivos da letra 'I' são potencialmente descritores da personalidade. É importante assinalar que, na estrutura da Língua Portuguesa, as adjetivações que expressam negação são mais frequentes nas letras A e I (por exemplo, 'anormal' e 'inadequado').

Como conclusão da terceira fase, salientaram-se algumas dificuldades encontradas como, por exemplo, a densidade e complexidade da Língua Portuguesa referente à quantidade de adjetivos existentes (a organização destes, para culminar nesta pesquisa, percorreu quatro anos, já que todo o seu processo se iniciou no ano de 1996); o árduo e cansativo trabalho de pensar sobre cada um dos adjetivos quanto à sua clareza de significado, utilidade como descritor e frequência de uso. Vale dizer, ainda, que alguns dos avaliadores comentaram sobre a 'surpresa' e

curiosidade a respeito de alguns adjetivos, recorrendo ao dicionário, depois de completadas as respostas, para descobrir seu significado e perceber porque estão na lista dos possíveis descritores da personalidade.

É importante notar que a Língua Portuguesa apresenta uma variabilidade incontestável de adjetivos passíveis da descrição de diferenças individuais, e que dificuldades na avaliação psicológica aparecem pelo fato de não se poder assegurar a análise destas características pelas dificuldades no uso da linguagem. Diante disto, a importância da taxonomia se coloca como ferramenta fundamental para o desenvolvimento de pesquisa na área de avaliação psicológica, sobretudo da personalidade (Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002).

A finalização da construção da taxonomia brasileira exige a realização do quarto estágio, que é a proposta de estudo da presente pesquisa e consiste na classificação dos 938 adjetivos em pelo menos cinco categorias: tendências, aspectos sociais, características físicas ou aparência, estados ou condições temporários e termos de utilidade limitada. Acredita-se que, se for possível classificar todos os adjetivos nestas categorias, teremos a confirmação de que estas são as categorias mais utilizadas na descrição da personalidade humana, também no Brasil.

Objetivos

*“O meio mais infalível de perder a verdade é a pretensão de possuí-la por inteiro”
(Allport, 1966a: 33)*

Geral

Construir a taxonomia brasileira de adjetivos descritores da personalidade.

Específicos

- 1) Classificar os adjetivos descritores da personalidade nas categorias: Tendências, Aspectos Sociais, Estados ou Condições Temporários, Características Evidentes e Aparência, Termos de Utilidade Limitada (e outras categorias indicadas pelos juízes).
- 2) Descrever a preponderância de uma categoria sobre a outra.
- 3) Comparar os dados da taxonomia brasileira com outras taxonomias existentes.

Método

Participantes

Contribuíram para esta pesquisa 10 psicólogos – 70% do sexo feminino e 30% do sexo masculino –, com idade variando entre 31 e 50 anos (idade média igual a 40,5), 50% com mais de 10 anos de experiência, principalmente nas áreas da docência (36,5%), clínica e pesquisa (18,2%) e Psicologia Escolar (9,1%). Psicologia Organizacional, Saúde Mental, Psicologia Social, Avaliação Psicológica e Psicologia Forense representam 4,5% da área de atuação dos participantes.

Como a autora participa de uma lista de discussão sobre questões referentes à avaliação psicológica na internet⁹, solicitou a contribuição dos profissionais que se interessassem em participar da coleta de dados para a quarta fase da taxonomia brasileira de adjetivos descritores da personalidade. Dos quase quinhentos inscritos, três pessoas se dispuseram a participar. Para atingir a meta sugerida dos 10 juízes, a autora solicitou a participação de professores universitários, pessoalmente, no ambiente de trabalho. Foi dado um prazo superior a um mês para que os Participantes devolvessem o material preenchido.

Acreditamos que a dificuldade de encontrar participantes se deve ao grande volume e complexidade da análise solicitada, além do tempo necessário para avaliar cada adjetivo. Pensamos, também, na costumeira falta de disponibilidade encontrada para responder a pesquisas, mesmo entre pesquisadores (Pinho e Guzzo, 2003).

⁹ A lista referida é o avalpsi, criada por Cristina Pinho, em 1999, após sugestões do Grupo de Trabalho de Avaliação Psicológica da ANPEPP. Qualquer profissional ou estudante de Psicologia interessado em participar deve enviar um email para avalpsi@yahoogrupos.com.br.

Material

O material utilizado para a coleta de dados consistiu de um Termo de Consentimento, uma Carta de Apresentação, uma Ficha de Dados de Identificação, uma Ficha de Instrução, uma Lista dos Adjetivos e uma Carta de Agradecimento.

O Termo de Consentimento (Anexo 1) refere-se à aprovação dos participantes em julgar os adjetivos descritores da personalidade. Contém os principais objetivos da pesquisa e informações da pesquisadora e sua orientadora para quaisquer esclarecimentos, além do compromisso de o Participante receber um Resumo da tese, no caso de ao ser defendida, for aprovada.

A Carta de Apresentação (Anexo 2) é um texto explicativo sobre as origens deste estudo e seus objetivos.

A Ficha de Identificação contém informações referentes à idade, sexo, formação profissional, área de experiência profissional e tempo de experiência profissional – dados considerados importantes para a comparação entre os juízes. Encontra-se no Anexo 3.

Na Ficha de Instrução (Anexo 4), fez-se novamente uma breve descrição do trabalho, seus objetivos e instruções de preenchimento da tabela em que estavam os adjetivos a serem classificados. O juiz-psicólogo deveria avaliar cada um dos 938 adjetivos e verificar se ele se encaixa em uma das categorias dispostas na tabela (Tendências, Aspectos Sociais, Estados ou Condições temporários, Característica Evidente e Aparência, Termos de Utilidade Limitada). Caso concordasse, deveria assinalar com um X na coluna da categoria correspondente. Os juízes-participantes poderiam criar uma categoria adicional, caso entendessem que as categorias já

existentes eram insuficientes ou não correspondiam ao julgamento que fizeram do adjetivo. Para isso, foi solicitado que o juiz denominasse esta nova categoria.

No Anexo 5, encontra-se um exemplo da tabela em que está a Lista de Adjetivos, entregue aos Participantes.

A Carta de Agradecimento (Anexo 6) foi entregue pessoalmente, por e-mail ou via correio, com o compromisso da Autora em disponibilizar o resumo da tese a todos os juízes e, caso houvesse interesse, uma cópia completa do trabalho.

Procedimento

Após as análises realizadas no Mestrado da autora, obteve-se o resultado de que apenas 938 adjetivos – dos 5641 existentes na Língua Portuguesa – poderiam descrever a personalidade de alguém. Estes adjetivos precisariam passar por uma nova análise, desta vez, classificatória em categorias, para representarem a taxonomia brasileira.

Foi montada, então, uma tabela de sete colunas e 962 linhas. Na primeira linha de cada página estavam as indicações das colunas (Adjetivos\Categorias, 1, 2, 3, 4, 5 e outra) e nas linhas subsequentes, todos os adjetivos. As colunas estavam em branco para poderem ser preenchidas com um X, pelo juiz, na coluna que correspondesse à avaliação de cada adjetivo.

Solicitamos, por email, a participação dos membros do avalpsi, por considerar esta lista um importante conjunto de pessoas interessadas em discutir a avaliação psicológica nacional. Como dito anteriormente, são aproximadamente quinhentos membros, de todas as regiões do país, mas apenas três mostraram interesse em ser

juiz desta pesquisa. No e-mail particular do interessado, foi perguntado qual a forma preferida para receber o material: por e-mail ou pelo correio. Todos preferiram receber por e-mail, mesmo com a informação prévia de que a despesa de impressão e de correio era da autora (tanto de remessa como de entrega).

Como foi sugerido o número de 10 juízes, a autora solicitou a contribuição de professores universitários, para a coleta de dados. O aceite foi praticamente imediato. Todos eles preferiram a versão impressa, que foi entregue pessoalmente, não pelo correio.

Foi marcado um prazo, para a entrega das listas preenchidas, de quase dois meses, principalmente em função do curto tempo para a análise dos dados.

Resultados e Discussão

*“Ninguém pretende que um conjunto de afirmativas não verificadas constitua um sistema adequado de psicologia; mas de outro lado não se pode ficar satisfeito com a simples precisão, se o produto final é irrelevante para problemas básicos”
(Allport, 1966a p.34).*

A construção da taxonomia brasileira foi inspirada no estudo de Ostendorf e Angleitner (1993). Na pesquisa alemã, dez juízes analisaram 5.160 adjetivos em treze categorias, a saber:

A- Tendências

- 1- temperamento e traços de caráter,
- 2- habilidades, talentos e suas ausências,

B- Condições temporárias

- 3- humor, emoções e conhecimento,
- 4- estados físicos,
- 5- estados comportamentais,

C- Aspectos Sociais

- 6- relacionamentos e papéis,
- 7- relação com os outros,
- 8- avaliação,
- 9- atitudes e pontos de vista,

D- Características evidentes e aparência

- 10- anatomia, constituição e morfologia,
- 11- aparência,

E- Termos de utilidade limitada e sub-categorias

12- termos técnicos e/ou específicos,

13- termos metafóricos, em desuso e incertos

No estudo brasileiro, optou-se por agrupar os adjetivos nas cinco grandes categorias apenas, sem as subdivisões, mas com a indicação de quais aspectos estariam inseridos nas categorias. Consideramos desnecessário especificar em demasia, uma vez que o mais importante é listar os adjetivos de cada uma das principais categorias.

Na etapa anterior 5.641 adjetivos foram classificados por sua clareza de significado, utilidade como descritor da personalidade e frequência de uso. Análises estatísticas mostraram que deste montante apenas 938 adjetivos seriam adequados para descrever a personalidade, sendo nesta quarta e última fase da construção da taxonomia brasileira classificados nas grandes categorias descritas por Ostendorf e Angleitner (1993).

Foi realizada uma análise de concordância entre os juízes, com o objetivo de descrever e listar os adjetivos da Língua Portuguesa que podem ser considerados pertencentes a cada uma das categorias supracitadas. Primeiramente, relacionamos os adjetivos com 70% ou mais de concordância entre os juízes – para uma análise mais apurada – e posteriormente indicamos os adjetivos que foram avaliados entre 50% e 70% dos juízes – índice também considerado significativo para este tipo de estudo.

Vale ressaltar que não é objetivo deste trabalho analisar pormenorizada e qualitativamente cada adjetivo e suas relações. Porém, ao nos depararmos com os resultados, alguns aspectos nos chamaram muita atenção e não puderam ficar incólumes.

Os Quadros a seguir indicam de que forma estes adjetivos estão distribuídos nas categorias. O Quadro 1 demonstra quais são os adjetivos selecionados por sete ou mais juízes, dentre os 938 adjetivos, para contemplar a categoria Tendências. Esta categoria deveria incluir todos os adjetivos que descrevessem traços estáveis, características inatas (temperamento, traços de caráter, talentos e habilidades individuais). Os únicos adjetivos com 100% de concordância entre os dez juízes foram **criativo** e **possessivo**.

Quadro 1- Distribuição dos Adjetivos na Categoria 'Tendências', com 70% ou mais de concordância entre os juízes

acanhado	corrupto	franco	neurótico
acolhedor	covarde	hipócrita	obcecado
altivo	crédulo	histérico	obsessivo
amadurecido	crente	honesto	onipotente
ambicioso	cretino	humilde	paranóico
ambíguo	criativo	impenetrável	perfeccionista
ardiloso	crítico	impulsivo	perspicaz
arguto	cruel	incorruptível	perverso
astuto	curioso	individualista	pervertido
audacioso	delicado	inescrupuloso	ponderado
austero	desleal	infanticida	possessivo
autêntico	desonesto	infantil	pragmático
auto-suficiente	destemido	inflexível	prepotente
auto-sugestionável	detalhista	inibido	prudente
autoritário	dinâmico	instintivo	recalcado
ávaro	egocêntrico	íntegro	rígido
caprichoso	escrupuloso	intelectual	sádico-anal
cético	espontâneo	inteligente	severo
coerente	esquizofrênico	irônico	sistemático
comedido	esquizóide	irreverente	sociável
constrito	excêntrico	limítrofe	sórdido
corajoso	flexível	maníaco	temperamental
			tímido

Enquanto Ostendorf e Angleitner (1993) encontraram 430 adjetivos (8,3%) referentes à 'Tendências', nós encontramos 89 (9,5%). Podemos perceber que a quantidade de adjetivos alemães é muito maior do que a usada para a criação da taxonomia brasileira, entretanto a proporção dos adjetivos inseridos na categoria Tendências é maior para este conjunto de adjetivos.

Quadro 2- Categoria 'Tendências', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes

acanhado	compassivo	dinâmico	incisivo	negligente	sábio
acolhedor	competente	displicente	incoerente	neuropata	sádico
acrítico	competitivo	dissimulado	incompreensivo	neurótico	sádico-anal
adorador	complexado	dócil	inconstante	normal	sadista
adorável	complexo	dominador	incontrolável	obcecado	sadomasoquista
afável	complicado	egoísta	incorrigível	observador	sagaz
afetivo	compreensivo	escrupuloso	incorrupto	obsessivo	sedutor
ágil	compulsivo	esforçado	independente	obstinado	sem-vergonha
agressivo	comunicativo	esperto	infanticida	oligofrênico	sensato
ajuizado	conciso	esquizóide	infantil	onipotente	sensível
altruísta	confiante	excêntrico	influenciável	oportunista	sentimental
amargo	conformista	expressivo	ingênuo	ordeiro	sentimentalista
ambíguo	confuso	extrovertido	inibido	ordinário	sério
ambivalente	consciencioso	falador	insano	organizado	severo
amigável	consciente	falso	insensato	orgulhoso	simpático
amoral	côncscio	fantasioso	insensível	otimista	simulado
analisador	conseqüente	fiel	instável	pacato	sincero
arguto	consistente	firme	instintivo	pacioso	sociável
arrojado	constrito	flexível	insubornável	paciente	sonhador
artificial	contido	fóbico	intelectual	pacífico	sórdido
assertivo	contraditório	frágil	invejoso	paranóico	subjetivo
astucioso	controlador	frígido	inventivo	patife	submisso
atento	cordial	ganancioso	irônico	pegajoso	suicida
ativo	corrupto	genial	irredutível	pensador	talentoso
atrevido	crédulo	genioso	irreverente	permissivo	teimoso
autêntico	crente	genuíno	justo	perseverante	temperamental
autoritário	criador	grosso	leal	persistente	tempestuoso
auto-suficiente	criterioso	guerreiro	libertino	perspicaz	tímido
avaliador	crítico	hábil	limitado	persuasivo	traíçoeiro
avaro	cuidadoso	habilidoso	lógico	perverso	tranquilo
ávido	cultivador	harmonioso	lunático	pessimista	trapaceador
bagunceiro	culto	heterossexual	maduro	pilantra	trapaceiro
batalhador	curioso	hipócrita	maleável	ponderado	vagaroso
bizarro	debochado	histérico	maluco	pragmático	valentão
bom	decente	homicida	maníaco	prático	valente
brilhante	decidido	homossexual	maníaco-depressivo	prepotente	venenoso
calculista	dedicado	honesto	masoquista	presunçoso	verdadeiro
calhorda	delicado	humilde	mau	pretensioso	versátil
capcioso	depressivo	idôneo	mediocre	puro	vigilante
caprichoso	desafiador	imaginativo	medroso	realista	violento
carismático	descontraído	imaturo	meigo	recalcado	virtuoso
cauteloso	desembaraçado	imoderado	mentiroso	reflexivo	vivaz
céptico	desequilibrado	imoral	mesquinho	reprimido	vívido
cético	desinibido	impenetrável	meticuloso	respeitoso	vulgar
cínico	desorganizado	imperativo	metódico	responsável	zeloso
coerente	destemido	implicante	minucioso	retraído	
combativo	destrutivo	imponente	modesto	retrospectivo	
comedido	determinado	impulsivo	mórbido	ruim	

Encontramos 285 adjetivos (30,4%) que foram classificados por mais da metade do número de participantes (Quadro 2).

Podemos perceber que alguns adjetivos descritos como traços estáveis referem-se a aspectos doentios da personalidade (depressivo, fóbico, maluco, maníaco-depressivo, desequilibrado, esquizóide, insano, lunático, neurótico, obsessivo, oligofrênico, paranóico, sádico, por exemplo), à sexualidade (heterossexual e homossexual), à moral (amoral, imoral, escrupuloso, corrupto, incorrupto) e a aspectos sociais (mesquinho, sociável, egoísta, simpático). É possível dizer, portanto, que metade dos participantes consideram tais características como inatas ao ser humano. Por que será que estas características da personalidade foram consideradas inatas? Será que os psicólogos entendem a implicação de afirmar que ‘infanticida’, por exemplo, é inerente à personalidade do indivíduo?

“Nenhum paradoxo é mais notável do que este, de cientistas que, como cidadãos, tem um conjunto de pressupostos psicológicos a respeito da natureza do homem e, no seu laboratório e em seus escritos, professam pressupostos totalmente opostos” (Allport, 1966a, p.134). Esta citação nos faz levantar hipóteses acerca de quais foram os critérios que os participantes utilizaram para classificar os adjetivos: concepções pessoais ou pressupostos profissionais/teóricos? Ao incluir alguns adjetivos na lista dos descritores das características inatas da personalidade, os psicólogos demonstraram ter concepções deterministas, mas de acordo com o autor, não podemos afirmar que essa seja de fato a compreensão profissional sobre a natureza humana.

Os dados ainda nos levam a uma reflexão sobre a concepção profissional dos psicólogos participantes no que diz respeito ao limite da sua ação, uma vez que

vários aspectos indicados foram considerados determinantes do comportamento (inatos). Por exemplo, afirmar que o adjetivo ‘agressivo’ é uma característica inata, pode sugerir que a ação do psicólogo em relação à agressividade fica restrita. Desta forma, cabe-se investigar melhor a concepção que os psicólogos têm sobre características inatas da personalidade e de sua amplitude de ação em relação a este determinismo. Portanto, seria interessante que estudos futuros analisassem cada um destes adjetivos com uma amostra de participantes com linhas teóricas e filosóficas distintas, para verificar se há diferença na classificação, ou seja, se existe uma relação entre a classificação e as diferentes abordagens.

Destacamos também, como fator curioso desta classificação, que alguns antônimos não apareceram na mesma categoria (‘competente’ aparece, ‘incompetente’, não) e algumas características positivas e negativas da personalidade poderiam ser melhor investigadas e relacionadas (bom/mau, falso/verdadeiro, por exemplo). Como dito anteriormente, vários aspectos doentios foram classificados nesta categoria, mas o adjetivo ‘saudável’, por exemplo, não foi incluído.

A literatura nos apresenta que a extroversão é uma característica inata (Cattell, 1975; Eysenck, 1974, 1994; Allen, 1997; Hofstee, 1994) e o adjetivo ‘extrovertido’ apareceu na categoria Tendências – apesar de que ‘introvertido’ não foi incluído nesta categoria, apenas possíveis variações desta dimensão (inibido, reprimido, retraído, tímido) – corroborando com esta compreensão.

Na categoria Aspectos Sociais, deveriam ser selecionados os adjetivos que indicassem relações, papéis e funções sociais; efeitos sociais e avaliação; atitudes, pontos de vista e ideologia. Encontramos 57 adjetivos (6,0%) com índice de concordância entre pelo menos sete juízes, como está demonstrado no Quadro 3; e

apenas a palavra **católico** foi considerada por todos os participantes como típica desta categoria.

Quadro 3- Distribuição dos Adjetivos na Categoria 'Aspectos sociais', com 70% ou mais de concordância entre os juízes

abandonado	caridoso	cooperante	influyente
aconselhador	castigador	cooperativo	insubordinado
adorado	castrador	credibilíssimo	interessante
amado	católico	criminoso	interesseiro
amicíssimo	censurador	desobediente	irritante
amigo	companheiro	galante	neurotizante
animador	compromissado	harmonizador	nobre
anti-social	conceituado	impopular	opressor
apaixonante	conciliador	impróprio	político
aproveitador	confidente	incitador	politizado
articuloso	conhecido	inconveniente	proibidor
atuante	conivente	indecente	subordinado
bajulador	conselheiro	indelicado	
bem-comportado	considerado	indigno	
benfeitor	constrangedor	infame	

Quando ampliamos a amostragem, incluindo os adjetivos com 50% a 70% de concordância, o número de adjetivos que descrevem os aspectos sociais da personalidade aumenta para 174 (18,6%), como se pode observar no Quadro 4.

Ao observar os Quadros 3 e 4, percebemos que o adjetivo 'criminoso' foi considerado por mais de sete juízes como pertencente à categoria Aspectos Sociais. Entretanto, os adjetivos 'infanticida' e 'homicida' foram classificados como características inatas. Outro exemplo refere-se ao adjetivo 'castrador', incluído em Aspectos sociais, enquanto os seus possíveis sinônimos ('autoritário', 'controlador' e 'dominador') foram considerados traços estáveis da personalidade.

Isto nos leva a refletir sobre uma possível confusão ou incompreensão do significado destas categorias ou do que elas representam. Será que se o instrumento de análise fosse concebido de outra maneira, os participantes

assinariam as duas categorias concomitantemente? Ou manteriam sua incoerência de análise?

Quadro 4- Categoria 'Aspectos sociais', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes

abandonado	bacana	controlador	imparcial	nobre
aconselhador	bajulador	conturbador	impiedoso	nômade
adaptado	bem-comportado	conveniente	impróprio	notável
adequado	bem-criado	conversador	incisivo	obcecador
adorado	bem-educado	cooperador	incitador	omisso
adulador	bem-intensionado	cooperante	incivilizado	omissor
agitador	bem-sucedido	cooperativo	incompreendido	opressor
agressor	bem-visto	corrompido	inconseqüente	oprimido
ajustado	benévolo	cortejador	inconveniente	ostentador
alienado	benquisto	cortês	incrédulo	parcial
amante	bondoso	cotado	indigno	patriarcal
amável	caridoso	culpado	indiscreto	penitente
ameaçador	carismático	culposo	indulgente	perturbador
amedrontador	castrador	delinqüente	infame	polido
amicíssimo	cativante	dependente	infiel	ponderador
amistoso	cavalheiro	desapegado	ingrato	precursor
anárquico	cerimonioso	desconfiado	inibidor	prestativo
animador	chauvinista	desmoralizado	insinuador	promissor
anormal	ciumento	desobediente	insolente	protetor
antipático	coercitivo	dominante	instigador	provocador
antiquado	competitivo	educado	insubordinado	puritano
anti-social	comportado	farsante	insultador	puxa-saco
apaixonante	compreensivo	galante	insuportável	qualificado
apaziguador	compromissado	galanteador	intelectualizado	receptivo
apaziguante	comunicador	generoso	interessante	recriminador
aproveitador	comunicativo	gentil	interesseiro	respeitável
argumentador	conceituado	gentilíssimo	irresistível	solícito
arrogante	condenado	governado	irritante	solidário
articuloso	confiado	gozador	lastimável	tolerante
atuante	confiável	harmonizador	libertador	tolo
ausente	conivente	hipercrítico	mal-educado	traçoeiro
autônomo	conspirador	hospitaleiro	maléfico	trapaceador
avaliador	constrangedor	hostil	mal-intencionado	trapaceiro
averiguador	contagante	imitador	malvado	voluntarioso
babaca	contestador	imoral	mentiroso	

A categoria 3, Estados ou condições temporários, tinha por objetivo agrupar os adjetivos da Língua Portuguesa que indicassem estados, atividades e características físicas instáveis que o indivíduo apresenta em determinadas situações (emoção, humor e pensamento; interesses e necessidades; estados físicos e corporais; e comportamentos observáveis). É possível observar no Quadro

5 que foram considerados pertencentes a esta categoria 78 adjetivos (8,3%). Deste montante, dez adjetivos tiveram 100% de concordância entre os juízes como característicos desta categoria; são eles: **aflito**, **afobado**, **agoniado**, **aliviado**, **amargurado**, **apavorado**, **apressado**, **atônito**, **atordoado** e **desmotivado**.

Quadro 5- Distribuição dos Adjetivos na Categoria 'Estados e condições temporários', com 70% ou mais de concordância entre os juízes

abalado	arrasado	deprimido	lamuriendo
aborrecido	arrependido	desamparado	mal-humorado
aflito	assustado	desanimado	nervoso
afobado	atarantado	descontente	nostálgico
agitado	atônito	desiludido	ocioso
agoniado	atordoado	desinteressado	pasmo
alegre	atormetado	desmotivado	satisfeito
alerta	atrapalhado	desorientado	saudoso
alheio	cabisbaixo	despreocupado	sentido
aliviado	cansado	encabulado	sorridente
alvorçado	choroso	entusiasmado	sossegado
amargurado	colérico	feliz	tagarela
angustiado	condicionado	frustrado	transtornado
animado	condoído	inconformado	triste
ansioso	conformado	inexperiente	tristonho
apaixonado	confortado	infeliz	vencido
apavorado	consolado	inquieto	vexado
aperreado	contente	insatisfeito	zangado
aprensivo	contrariado	irrequieto	
apressado	delirante	irritado	

Dos 938 adjetivos, 111 (11,83%) foram classificados como estados instáveis do comportamento por pelo menos 50% dos juízes. No Quadro 6 é possível constatar quais adjetivos foram incluídos nesta categoria.

Quadro 6- Categoria 'Estados e condições temporários', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes

abatido	conflituoso	incompetente	receoso
abrupto	conformado	incompreensível	reivindicador
acuado	confortado	inconformado	resmungão
afetuoso	confundido	inconsciente	resmungona
afoito	consolado	incontrolado	ressabiado
agitadiço	contrariado	indefeso	revoltado
alegre	demente	indisciplinado	risonho
apalermado	deprimido	indócil	saudoso
arisco	desamparado	injusto	sensual
arretado	desatento	inocente	sentimental
assíduo	descontrolado	inquieto	sentimentalista
atarantado	desinteressado	inspirado	sofredor
atarefado	desligado	interessado	sorridente
atento	desorientado	irritadiço	sutil
atrapalhado	dispersivo	jururu	tagarela
avoado	disperso	lamentoso	tempestuoso
baratinado	disposto	lamuriento	tenso
barulhento	emotivo	malsucedido	traquina
bem-humorado	escandaloso	medroso	vencido
birrento	eufórico	melancólico	vergonhoso
brabo	exaltado	minucioso	vigoroso
bravo	frustrado	nostálgico	
cabisbaixo	hesitante	ocioso	
caído	hilarante	oferecido	
carente	hipersensível	optimista	
choramingueiro	impaciente	pensativo	
choroso	imperturbável	perturbado	
cismado	impressionável	piadoso	
coitado	improdutivo	quieto	
colérico	inapto	ranzinza	

É interessante notar que o número de adjetivos classificados em 'Aspectos sociais' é menor quando se considera a avaliação de pelo menos sete juízes, comparando com a categoria 'Estados ou condições temporários' (57 e 78, respectivamente). Entretanto, esta situação se inverte quando consideramos a análise de pelo menos metade dos participantes (174 e 111, respectivamente).

Esperava-se que as categorias 4 e 5 (Características evidentes e aparência, e Termos de utilidade limitada, respectivamente) tivessem um número mais restrito de adjetivos, uma vez que a lista total de adjetivos já havia passado por uma série de

análises na tentativa de reduzir o número dos não-descritores da personalidade (Guzzo, Pinho e Carvalho, 2002; Pinho e Guzzo, 2003). Ou seja, partimos do pressuposto de que as características físicas não descrevem a personalidade de alguém como a indicação dos traços estáveis, os aspectos sociais e os estados temporários o fazem (Church e Lonner, 1998; Cloninger, 1999; Lykken, 1999; Bates, 1989; Eysenck, 1994; Buss, 1992). Assim como os termos científicos, técnicos, contextuais ou específicos, metáforas, em desuso, gírias ou que são vagos não são bons descritores da personalidade.

É possível verificar (Quadro 7) que encontramos 11 adjetivos que descrevem a personalidade em relação à anatomia, constituição e morfologia assim como aparência, “visual” e conduta (hábitos e atividades típicas). O único adjetivo que teve 100% de concordância nesta categoria foi **baixo**.

Quadro 7- Distribuição dos Adjetivos na Categoria ‘Características evidentes e aparência’, com 70% ou mais de concordância entre os juízes

anorético	higiênico	cheiroso
bem-apegoado	atlético	cadavérico
crescido	cabeludo	baixo
guloso	canhoto	

Em uma análise mais pormenorizada, percebemos que o juiz 2 considerou a maior quantidade de adjetivos nesta categoria (66, representando 7,0% do total de adjetivos), considerando as palavras esperto, extrovertido, heterossexual, inapto, inexperiente, organizado, produtivo, sadio e vivo, por exemplo, como integrantes da categoria Características evidentes e aparência. Podemos supor que esta categoria não ficou clara para este participante, uma vez que os todos os demais juízes consideraram o adjetivo ‘inexperiente’, por exemplo, como Estados ou condições temporários.

Ao absorvermos os adjetivos congruentes para 50% a 70% dos juízes, obtivemos uma lista de 29 termos.

Quadro 8- Categoria 'Características evidentes e aparência', entre 50% e 70% de concordância entre os juízes

anorético	chique	glutão	repulsivo
atraente	comilão	glutona	são
bem-apanhado	conservado	guloso	saudável
bem-apegoado	crescido	higiênico	vagaroso
bem-dotado	doentio	jovem	veloz
bem-encarado	forte	jovial	
boa-pinta	fraco	nojento	
calorento	garoto	repugnante	

Na última categoria – Termos de utilidade limitada – foi classificado por sete ou mais juízes apenas um adjetivo (0,1%): **jóia**. Quando a concordância entre os juízes foi ampliada para 50% a 70%, apareceram 9 adjetivos: bem-avisado, cabeçudo, cara-de-pau, caradura, caricaturado, coruja, gira, jururu, ligado.

A partir destas análises de classificação de todos os adjetivos nas categorias pré-determinadas, podemos supor que houve dúvida no momento de escolha da categoria. Foi pedido aos juízes que optassem por apenas uma das categorias para classificar cada adjetivo. Isto pode ter levado a uma indecisão a respeito de algumas características. Por exemplo, quando se tenta classificar o adjetivo 'deprimido', podemos indicar três linhas de raciocínio: 1) é uma característica inata ou um traço estável, 2) é uma característica construída socialmente, mas estável e 3) é a expressão de um determinado momento (temporário). Levanta-se, então, um questionamento a respeito da construção das categorias originais ou a impossibilidade de se incluir o adjetivo em mais de uma categoria (Ostendorf e Angleitner, 1993).

Pode ser também que em outras línguas este tipo de dificuldade não tenha surgido. Portanto, isto seria uma especificidade da Língua Portuguesa: ser deprimido

e estar deprimido são aspectos completamente diferentes, mas o adjetivo para descrever é o mesmo.

Dos 938 adjetivos, apenas 236 (25,15%) foram classificados nas categorias, com um índice de concordância entre os juízes de pelo 50%. A lista dos 702 adjetivos que não tiveram concordância de pelo menos metade dos juízes está no Anexo 7.

Com o objetivo de comparar os resultados de algumas taxonomias de diferentes países, utilizamos a Tabela apresentada em De Raad, Perugini, Hrebícková e Szarota (1998) e acrescentamos os dados brasileiros, como verifica-se na Quadro 9.

Tabela 1- Comparação das taxonomias em diferentes línguas

H
V2
A8
%4
A5
%6

* Foram considerados os adjetivos com 70% ou mais de concordância entre os juízes.

Podemos verificar que o menor número de adjetivos descritores da personalidade classificados na fase final refere-se à taxonomia brasileira, mesmo tendo uma proporção de adjetivos descritores equivalente a outros países. As possíveis razões para este resultado podem ser evidenciadas pelas palavras de De Raad, Perugini, Hrebícková e Szarota (1998):

“Porque o ponto de partida do conjunto de traços relevantes variou substancialmente em número e porque o conjunto de critérios de exclusão foi aplicado nas diferentes taxonomias, é virtualmente impossível avaliar com precisão os efeitos dos princípios de redução nas diferentes taxonomias” (p.216).

Esta colocação corrobora, portanto, com a premissa de que as taxonomias podem apresentar diferenças entre as culturas.

Norman (1967) usou 17.954 características listadas por Allport e Odbert, mais 170 termos adicionais selecionados da 3ª Edição do Webster, para desenvolver a lista de 7.300 descritores. Ele eliminou termos que eram obscuros, ambíguos, puramente descritivos físicos, ou puramente avaliativos (tais como horrível, mau ou elegante). As remanescentes 7.300 palavras de traços foram então distribuídas em 3 categorias por Norman e seus colegas, usando o critério de consenso. As 3 categorias são: a) traços estáveis (p.e., ousado, imaginativo, preguiçoso, persistente), que contou com aproximadamente 40% de sua lista total; b) estados temporários (p.e., hesitante, triste, irritado, reclamão), que também contou com cerca de 40%; e c) regras sociais, relacionamentos, e efeitos (e.g., empregado, manejável, notado, respeitado), que contou com os 20% restantes” (Lanyon e Goodstein, 1997, p. 36-37). Se compararmos estes dados com os encontrados na taxonomia brasileira teremos:

	Norman (1967)	Pinho (2005)
Traços descritores	7300	938
Traços estáveis	40%	9,5%
Estados temporários	40%	8,3%
Regras sociais	20%	6,1%

Considerações Finais

*“(...) Pesquisas futuras, realizadas com espírito aberto, reforçarão ou corrigirão nossas soluções provisórias, aduzindo novas provas da precisão indispensável”
(Allport, 1966a, p.33-34).*

No início deste trabalho afirmamos que não era pretensão esgotar ou encerrar a discussão acerca do conceito de personalidade humana, mas construir a taxonomia dos descritores da personalidade para contribuir para o estudo deste tema. É importante lembrar que a taxonomia é ateórica (Fujita, 1996), ou seja, pode ser utilizada por qualquer abordagem da Psicologia que tenha como objeto de estudo a personalidade humana.

Vale também lembrar que quase todos os aspectos da Psicologia precisam de instrumentos de avaliação como recursos para a obtenção de dados. A personalidade é um constructo psicológico que ganhará forças a partir de melhores mensurações. O instrumento de avaliação é o meio pelo qual o profissional pode conseguir comprovar a existência de traços estáveis, por exemplo. Estudos sobre a estabilidade tendem a comprovar a constituição, principalmente, biológica da personalidade (Bates, 1989).

A taxonomia pode auxiliar os pesquisadores a melhorarem a qualidade e a quantidade de instrumentos de avaliação psicológica sobre, por exemplo, os estudos a respeito da natureza e extensão das diferenças individuais, a identificação de traços psicológicos, a mensuração de diferenças entre grupos, a investigação de fatores biológicos e culturais ligados às diferenças no comportamento, mudanças no indivíduo provocadas pela idade, influências da educação, resultados da psicoterapia, entre outros.

A taxonomia brasileira teve por base a taxonomia alemã, mas não seguiu rigorosamente os mesmos passos. Isto se deve à especificidade da língua e à necessidade de se realizar estudos preliminares sobre o tema.

O tipo de pesquisa, aqui realizado, não é comum na Psicologia brasileira, por isso, ao longo do seu processo foram encontradas algumas dificuldades importantes a serem destacadas.

Dentre elas, pôde-se perceber como é cansativo e árduo o trabalho de pensar sobre cada um dos 938 adjetivos e classificá-los nas categorias já determinadas. Vale dizer, ainda, que alguns destes avaliadores comentaram sobre a dificuldade de escolher qual seria a categoria adequada para a inclusão dos adjetivos, uma vez que as dúvidas referiram-se à classificação em uma ou mais categorias.

Sabe-se que a taxonomia é um processo que tem sido adotado em vários países para constatar a existência dos cinco grandes fatores da personalidade. Entretanto é importante ressaltar que não foi este o objetivo, em nenhum momento, deste estudo. O LAMP quando investiu e aceitou a proposta tinha por objetivo principalmente iniciar uma nova linha de pesquisa e descobrir quais os adjetivos da Língua Portuguesa que poderiam ser utilizados para descrever a personalidade. Durante os nossos primeiros movimentos, descobrimos que o Prof. Dr. Claudio Hutz e sua equipe (Hutz et al, 1998) estavam realizando pesquisas com o objetivo de desenvolver os marcadores de acordo com a proposta de Goldberg; além de investigações para a construção de escalas para medir cada fator (Nunes, 2000)¹⁰.

De acordo com Wiggins e Pincus (1992), o processo de realização da taxonomia é longo. Citaram o exemplo da taxonomia alemã: o prazo para os juízes analisarem cada um dos adjetivos foi de quatro anos. Isto demonstra como é árduo

¹⁰ Por contato com este autor, ficamos sabendo que sua tese de doutorado também se refere à construção de uma das escalas do Modelo dos Cinco Fatores.

e deve ser cuidadoso o trabalho de análise dos adjetivos. Na taxonomia brasileira, os Participantes tiveram apenas mais do que um mês para realizar sua avaliação.

Isto nos leva a afirmar que pesquisar no Brasil ainda é uma luta enfrentada por poucos, infelizmente. Ainda assim, estudos desta grandeza parecem não interessar a estes escassos lutadores. Esta afirmação está baseada na dificuldade de encontrar parceiros para realizar a presente pesquisa. Nós, pesquisadores brasileiros, não temos o mesmo incentivo e/ou investimento do governo que os estudiosos internacionais, principalmente norte-americanos e europeus; nem temos os mesmos recursos ou disponibilidade de tempo – e isto se torna uma dificuldade a mais. Entretanto, reconhecemos o novo momento das políticas dos órgãos de fomento que estão tentando melhorar as condições e qualidades das pesquisas nacionais. Como foi dito no Prólogo, a Autora, durante sua formação, é e foi privilegiada com bolsas de estudo de diferentes modalidades (IC-CNPq, ME-CAPES e DO-CAPES II).

Sem dúvida, seria necessária uma replicação deste estudo para averiguar os possíveis ‘erros’ cometidos neste processo. Reconhecemos que a taxonomia brasileira está muito mais pobre em termos metodológicos que as outras taxonomias já realizadas. Mesmo assim, acreditamos na riqueza deste estudo como gerador e incentivador de pesquisas que dêem continuidade à taxonomia. A taxonomia brasileira, por exemplo, não fez nenhum tipo de investigação dos sinônimos e antônimos, indicada por pesquisadores internacionais. Nem usou uma grande quantidade de juízes para a avaliação dos adjetivos.

Sugere-se, para pesquisas futuras, a replicagem deste estudo em outras regiões do Brasil e com uma amostra maior e diferenciada (alunos de Psicologia do primeiro e último anos, por exemplo, ou leigos); a utilização da lista dos adjetivos

descritores para a construção de instrumentos de avaliação psicológica – da personalidade, do temperamento, da criatividade (e de tantos outros constructos das características humanas que ainda intrigam os pesquisadores).

O objetivo de construir a taxonomia brasileira foi alcançado com êxito, pelo menos em sua forma preliminar.

Referências

- AINKEN, L.R. (1991). Psychological Testing and Assessment. Massachusetts: Allyn and Bacon. Inc.
- ALCHIERI, J.C. e CRUZ, R.M. (2003). Avaliação Psicológica: conceitos, métodos e instrumentos. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ALLEN, B.P. (1997). Personality theories: Development, growth and diversity. Boston: Allyn and Bacon.
- ALLPORT, G.W. (1927). Concepts of traits and personality. Psychological Bulletin, 24: 284-293.
- ALLPORT, G.W. (1937). The functional autonomy of motives. American Journal of Psychology, 50: 141-156.
- ALLPORT, G.W. (1937b). Personality: a Psychological Interpretation. In H.N. Mischel e W. Mischel (1973). Readings in Personality. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc. p. 14-24.
- ALLPORT, G.W. (1959). Personality. In H.N. Mischel e W. Mischel (1973). Readings in Personality. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc..
- ALLPORT, G.W. (1966a). Desenvolvimento da Personalidade: Considerações básicas para uma Psicologia da Personalidade. 2ed. São Paulo: Herder. 134p.
- ALLPORT, G.W. (1966b). Traits revisited. In H.N. Mischel e W. Mischel (1973). Readings in Personality. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc.
- ALVES, I.C.B; ALCHIERI, J.C. e MARQUES, K.C. (2002). As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores. Revista Psico USF, 7 (1), p.77-88, jan/jun.
- ANASTASI, A. e URBINA, S. (2000) Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artmed.
- ANDRIOLA, W.B. (1996). Avaliação psicológica no Brasil: Considerações a respeito da formação dos psicólogos e dos instrumentos utilizados. Psique, ano 6 (8): 98-108.
- ANGLEITNER, A. (1992). Evolutionary psychology: where to? Commentary on the chapter by David Buss. In J. Hettema e I.J. Deary. Foundations of personality, 72: 191-196.
- ANGLEITNER, A. e STRELAU, J. (1991). Program for the cross-cultural approach and co-operation in constructing the Pavlovian Temperament Survey (PTS). Mimeo. Universität Bielefeld.

- ANGLEITNER, A.; OSTENDORF, F. e JOHN, O.P. (1990). Towards a taxonomy of personality descriptors in German: A psycho-lexical study. European Journal of Personality, (4): 89-118.
- ARIAS, R. M. (1995) La medición mediante tests. Psicometría: Teoría de los Tests Psicológicos y Educativos. Madrid: Editorial Síntesis.
- BARROSO, M.E.G. (1996). Dicionário Eletrônico Aurélio – versão 2.0 em CD ROM.
- BATES. J.E. (1986). The measurement of temperament. In Robert Plomin and Judith Dunn (eds.) The study of temperament: Changes, continuities and challenges. Lawrence Erlbaum Associated: Hillsdale.
- BATES. J.E. (1989). Concepts and measures of temperament. In Kohnstamm, G.A.; Bates, J.E. and Rothbart, M.K. (eds). Temperament in Childhood. John Wiley & Sons, England: Chichester.
- BLOOM, B.S.; ENGELHART, M.D.; FURST, E.J.; HILL, W.H. e KRATHWOHL, D.R. (1983). Taxionomia de objetivos educacionais - domínio cognitivo. Porto Alegre: Globo.
- BLOOM, B.S.; KRATHWOHL, D.R. e MASIA, B.B. (1977). Taxionomia de objetivos educacionais - domínio afetivo. Porto Alegre: Globo.
- BRIGGS, S.R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. Journal of Personality, 60: 253-293.
- BUSS, D.M. (1992). Strategic individual differences: the role of personality in creating and solving adaptive problems. In J. Hettema e I.J. Deary. Foundations of personality, 72: 175-189.
- CAGLIARI, L.C. (1996). Alfabetização e Lingüística. São Paulo: Scipione.
- CAPRARA, G.V. (1992). Reflections on the recent history and the present challenges of personality psychology. European Journal of Personality, 6: 345-358.
- CATTELL, R.B. (1975). Análise científica da personalidade. São Paulo: IBRASA.
- CHURCH, A.T. e LONNER, W.J. (1998). The cross-cultural perspective in the study of personality: Rationale and current research. Journal of Cross-Cultural Psychology, 29 (1): 32-62.
- CLONINGER, S.C. (1996). Personality: Description, dynamics and development. New York: W.H. Freeman and Company.
- CLONINGER, S.C. (1999). Teorias da Personalidade. São Paulo: Martins Fontes.

- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2003). Resolução CFP Nº 002/2003 que define o teste psicológico como método de avaliação privativo do psicólogo e regulamenta sua elaboração, comercialização e uso.
- CRUZ, R.M. (2002). O processo de conhecer em avaliação psicológica. In Cruz, R.M.; Alchieri, J.C. e Sardá Jr., J.J. (org) Avaliação e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.15-24.
- DE RAAD, B. (1995). The psycholexical approach to the structure of interpersonal traits. European Journal of Personality, (9): 89-102.
- DE RAAD, B.; PERUGINI, M.; HREBÍCKOVÁ, M. & SZAROTA, P. (1998). Lingua franca personality: Taxonomies and structures based on the psycholexical approach. Journal of Cross-Cultural Psychology, 29 (1): 212-232.
- DI BLAS, L. e FORZI, M. (s/d). Refining an Italian personality trait taxonomy through the integration of simple structure and circumplex approaches.
- DIGMAN, J.M. (1990). Personality structure: emergence of the five-factor model. Annual Reviews, 41: 417-440.
- DIGMAN, J.M. (1994). Historical antecedents of the Five-factor Model. In Costa Jr, P.T. e Widiger, T.A. Personality Disorders and the Five-factor Model of personality. Washington: American Psychological Association. p.13-16.
- DRAGUNS, J.G (1978). Avaliação da Personalidade. São Paulo: Brasiliense.
- ENDLER, N.S. (1992). Personality: an interactional perspective. In J. Hettema e I.J. Deary. Foundations of personality, 72: 251-268.
- ENGLER, B. (1991). Personality Theories. 3ed.. Boston: Houghton Mifflin Company.
- ERTHAL, T.C. (1987). Histórico da medida em psicologia. Manual de Psicometria, Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- EYSENCK, H.J. (1974). A desigualdade do homem. Rio de Janeiro: Zahar.
- EYSENCK, H.J. (1994). The importance of theory in the taxonomy of personality. Personality Psychology in Europe, 5.
- FERREIRA, A.B.H. (1986). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FLORES, R. (2000). <http://www.gazetadopovo.com.br/jornal/cadernog/lingua.html>
- FOLHA DE SÃO PAULO (2003a). Conselho reprovava avaliações psicológicas. 06 nov, por Fabiana Leite.

- FOLHA DE SÃO PAULO (2003b). Instituto pedirá prazo para uso de alguns testes. 06 nov.
- FOLHA DE SÃO PAULO (2003c). Procuradoria investiga testes psicológicos. 07 nov.
- FORZI, M.; ARCURI, L.; FONTANA, R.M.; DI BLAS, L. e TORTUL, M. (1990). Towards a taxonomy of Italian personality-descriptive terms. Paper presented at the 5th EAPP Conference on Personality, Roma, Italy.
- FUJITA, F. (1996). The Big Five taxonomy based on a qualifying exam answer. www.iusb.edu/~ffujita/Documents/big5.html
- GAYOTTO, A.C.G.; PINHO, C.C.M.; GOBITTA, M. e GUZZO, R.S.L. Levantamento de Necessidades Básicas de educadores: estudo preliminar. In: V CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 2000, Itajaí. 2000. p. 223-223.
- GOLDBERG, L.R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. Reviews of Personality and Social Psychology, 44: 329-344.
- GOLDBERG, L.R. (1982). From Ace to Zombie: Some explorations in the language of personality. In C.D. Spielberg and J.N. Butcher (Ed). Advances in Personality Assessment. Hillsdale: Erlbaum.
- GOLDBERG, L.R. (1990). An alternative "description of personality": the Big-Five factor structure. Journal of Personality and Social Psychology, v.59, n.6: 1216-1229.
- GOLDBERG, L.R. (1993). The structure of phenotypic personality traits. American Psychologist, v.48, n.1: 26-34.
- GOLDBERG, L.R. (1999). The curious experiences survey, a revised version of the Dissociative Experiences Scale: factor structure, reliability, and the relations to demographic and personality variables. Psychological Assessment. v.11, n.2: 134-145.
- GUZZO, R.S.L. (2002). Psicologia Escolar: LDB e educação hoje. Campinas: Alínea.
- GUZZO, R.S.L.; CARVALHO, C.F.C.; MESSIAS, T.S.C.; PEREIRA, P.C.; PINHO, C.C.M.; RIELLO, I.C. e SERRANO, M. (1998). Construção da taxonomia brasileira para descritores de personalidade: Um estudo piloto. IV Congresso Nacional de Psicologia Escolar. João Pessoa - PB.
- GUZZO, R.S.L.; CARVALHO, C.F.C.; VALLI, C.M.M.; PINHO, C.C.M. KOELLE, G.A.; SILVA, M.P.C. e MESSIAS, T.S.C. (1998). Construção da taxonomia brasileira para

descritores de personalidade: Fase 2. IV Encontro de Iniciação Científica. Campinas - SP.

GUZZO, R.S.L.; GARCIA, A.I.M.L.; BORGES, A.P.C.; TAVARES, D.V.; SIQUEIRA, E.A.; SANTANA, I.S.; CAMPOS, M.; TONELLO, R.C.; BATAGLINI, R.; GONÇALVES, R.R.; RANDO, A.M.B.; PINHO, C.C.M. e GOBITTA, M.. (1999). Psicólogo na rede pública: necessidades e dificuldades na atuação. In: XXIX Reunião Anual de Psicologia. Campinas. p.23-23.

GUZZO, R.S.L.; GUMS, E.F.; PEREIRA, P.C.; PINHO, C.C.M.; RIELLO, I.C.; SCOZ, M.C.P.; SERRANO, M.; CARVALHO, C.F.C. e MESSIAS, T.S.C. (1997). The route of research with PTS in Brazil. In: XXTH Internacional School Psychology Association Colloquium. Melbourne, Austrália, p. 66.

GUZZO, R.S.L.; NUCCI, N.C.; PINHO, C.C.M.; SCOZ, M.C.P.; OLIVEIRA, E.T.; WOLF, A.C.R. e LEAL, G.C. (1997). A criança e suas necessidades na perspectiva de pais, psicólogos, promotores de justiça e professores. In: XXVI Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M. e CARVALHO, C.F.C. (2002). Construção da taxonomia brasileira para descritores da personalidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, 15 (1): 71-75.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M. e GOMES, E. (2000). Vôo da Águia dá suporte a crianças vulneráveis. Antena, (2): 3. Campinas, SP.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M. e SCOZ, M.C.P. (1995a). Children's rights in Brazil: perception of students and teachers. In: XVIII Internacional School Psychology Association Colloquium. Dundee, Scotland.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M. e SCOZ, M.C.P. (1995b). Direitos das crianças no Brasil: Percepção de estudantes e professores. I Encontro de Iniciação Científica da PUC Campinas. p.14. Campinas.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M. e SCOZ, M.C.P. (1996). O olhar do psicólogo sobre a criança e seu desenvolvimento: análise e implicações. In: III Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Rio de Janeiro.

GUZZO, R.S.L.; PINHO, C.C.M.; RIELLO, I.C.; CARVALHO, C.F.C. e KOELLE, G.A. (1998). Taxonomia para descritores da personalidade comparando diferentes culturas. In: VI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica - Formas e Contextos. Salamanca, Espanha.

- GUZZO, R.S.L.; RIELLO, I.C.; SERRANO, M.; PINHO, C.C.M. e PEREIRA, P.C. (1996). Temperamento: onze anos de levantamento no Psychological Abstract. In: III Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Rio de Janeiro.
- GUZZO, R.S.L.; SCOZ, M.C.P. e PINHO, C.C.M. (1996a). Children's rights: Different item's perception by students. XIX International School Psychology Colloquium Abstracts, p.28. Eger, Hungria.
- GUZZO, R.S.L.; SCOZ, M.C.P. e PINHO, C.C.M. (1996b). A criança sob o olhar da justiça: Promotores avaliam a criança e suas necessidade. III Congresso Nacional de Psicologia Escolar, s/ paginação. Rio de Janeiro.
- HOFSTEE, W.K.B. (1990). The use of everyday personality language for scientific purpose. European Journal of Personality, (4): 77-88
- HOFSTEE, W.K.B. (1992). Can biology help personality? Commentary on the chapter by D.T. Kenrick. In J. Hettema e I.J. Deary. Foundations of personality, 72: 219-226.
- HOFSTEE, W.K.B. (1994). Who should own the definition of personality? European Journal of Personality, (8): 149-162.
- HOFSTEE, W.K.B. (s/d). Eccentric factor scores in personality assessment: enabling the average individual to score positive. Paper.
- HOFSTEE, W.K.B.; DE RAAD, B. e GOLDBERG, L.R. (1992). Integration of the Big Five and Circumplex approaches to trait structure. Journal of Personality and Social Psychology, v.63, n.1: 146-163.
- HOUGH, L.M. (1997). The Millennium for personality psychology: new horizons or good old daze. Applied Psychology: an International Review, 47 (2): 233-261.
- HREBÍCKOVÁ, M.; OSTENDORF, F. e ANGLEITNER, A. (s/d). Slawische und Germanische persönlichkeitssprache: Vergleich der ergebnisse einer tschechischen und einer deutschen taxonomie. Kongress der Deutschen Gesellschanft für Psychologie: 1-11.
- HUTZ, C.S. e BANDEIRA, D.R. (1993). Tendências contemporâneas no uso de testes: Uma análise da literatura brasileira e internacional. Psicologia: Reflexão e Crítica, 6 (1/2): 85-101.
- HUTZ, C.S.; NUNES, C.H.; SILVEIRA, A.D.; SERRA, J.; ANTON, M. e WIECZOREK, L.S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11 (2): 395-409.

INSTITUTO BRASILEIRO DE AVALIAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA - IBAPP (1999). Boletim Informativo do Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia, ano 1 (1).

ISTO É (2003). Nota zero: Conselho Federal de Psicologia reprova grande parte dos testes psicológicos usados em clínicas e em concursos públicos. 26 nov, por Francisco Alves Filho.

ISTO É (2003). Testes proibidos. Conselho Federal de Psicologia suspende uso de exames comuns em processos seletivos: 50% das provas psicológicas são ineficazes. 23 nov., por Paula Lago.

ITO, P.C.P. e GUZZO, R.S.L. (2002). Diferenças Individuais: Temperamento e Personalidade; Importância da Teoria. Estudos de Psicologia, 19 (1): 91-100.

JOHN, O.P.; ANGLEITNER, A. e OSTENDORF, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. European Journal of Personality, (2): 171-203.

JOHN, O.P.; GOLDBERG, L.R. e ANGLEITNER, A. (1984). Better than the alphabet: Taxonomies of personality-descriptive terms in English, Dutch and German. In H.C.J. Bonarius; G.L.M. van Heck and N.G. Smid (Ed). Personality Psychology in Europe: Theoretical and Empirical Development. Lisse, N.L.: Sweets and Zeitlinger.

KIRBY, R. e RADFORD, J. (1976). Individual differences: essential psychology. Londres: Methuen.

LANYON, R.I. e GOODSTEIN, L.D. (1997). Personality Assessment. New York: John Willy & Sons, Inc. p.1-54.

LYKKEN, D. (1999). Felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva.

MAGNUSSON, D. (1990). Personality research-challenges for the future. European Journal of Personality, (4): 1-17.

McADAMS, D.P. (1992). The Five-factor Model *in* personality: a critical appraisal. Journal of Personality, 60 (2): 329-361.

McCRAE, R.R. and COSTA Jr., P.T. (1995). Traits explanations in personality psychology. European Journal of Psychology, 9: 231-252.

McCRAE, R.R. e COSTA Jr., P.T. (1997). Personality trait structure as a human universal. American Psychologist, 5 (52): 509-516.

NORONHA, A.P.P. e ALCHIERI, J.C. (2004). Conhecimento em Avaliação Psicológica. Estudos de Psicologia, 21 (1), p.43-52, jan/abr.

- NORONHA, A.P.P. e col. (2003). Conhecimento em Avaliação psicológica: um estudo com alunos de Psicologia. Psicologia: Teoria e Prática, 5 (2): 37-46.
- NUNES, C.H.S.S. (2000). A construção de um instrumento de medida para o Fator Neuroticismo dentro do modelo de Personalidade dos Cinco Grandes Fatores. Dissertação de Mestrado. Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- OSTENDORF, F. (1994). Zur taxonomie deutscher dispositionbegriffe. In W. Hager und M. Hasselhorn (Hrsg). Handbuch Deutsch Sprachiger Wortnormen: 118-138. Göttingen: Hogrefe.
- OSTENDORF, F. e ANGLEITNER, A. (1992). On the generality and comprehensiveness of five-factor model of personality: Evidence for five robust factors in questionnaire data. In G.V. Caprara e G.L. van Heck (Eds.), Modern Personality Psychology. Critical Reviews and New Directions: Harvester-Wheatsheaf.
- OSTENDORF, F. e ANGLEITNER, A. (1993). A German replication study of the Five-Factor-Model based on a comprehensive taxonomy of personality descriptive adjectives. Paper presented in the Sixth meeting of the International Society for the Study of Individual Differences. Baltimore, July, 1993.
- OSTENDORF, F. e ANGLEITNER, A. (1994a). A comparison of different instruments proposed to measure the Big Five. European Review of Applied Psychology, 44 (1): 45-53.
- OSTENDORF, F. e ANGLEITNER, A. (1994b). The Five factor taxonomy: robust dimensions personality description. Psychologica Belgica, 34 (4): 175-194.
- PASQUALI, L. (1992). Avaliação psicológica: Questões e controvérsias. Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. ABRAPEE: Campinas.
- PASQUALI, L. (1999). Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida e Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia.
- PATTO, M.H.S. (2000) A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PINHO, C.C.M. (2001). Taxonomia dos Adjetivos Descritores da Personalidade. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IPF/PUC Campinas: 135p.
- PINHO, C.C.M. e GUZZO, R.S.L. (2003). Taxonomia de adjetivos descritores da personalidade. Avaliação Psicológica, 2 (2): 81-97.
- PINHO, C.C.M.; CARVALHO, C.F.C.; MESSIAS, T.S.C.; GUMS, E.F.; PEREIRA,

- P.C.; RIELLO, I.C.; SCOZ, M.C.P. e GUZZO, R.S.L. (1997). A construção da taxonomia brasileira para descritores da personalidade: um estudo piloto. In: III Encontro de Iniciação Científica. 1997. p.55.
- PINHO, C.C.M.; CARVALHO, C.F.C.; RIELLO, I.C. e KOELLE, G.A. (1999). Taxonomia para descritores da personalidade: comparando diferentes culturas. In: 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e VI Jornada Nacional de Iniciação Científica. Porto Alegre.
- PINHO, C.C.M.; GAYOTTO, A.C.G.; GOBITTA, M. e GUZZO, R.S.L. (2000). Estudo preliminar de traços de personalidade em adolescentes. In: V Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica e VII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica. Belo Horizonte, MG, p.59.
- RIELLO, I.C. (1999). Temperamento: Perfil de adolescentes com diferentes competências em natação. Campinas, SP: IPF/PUC Campinas. Tese de Doutorado: 196p.
- RIELLO, I.C.; SERRANO, M.; PINHO, C.C.M. e SCOZ, M.C.P. (1996). Construção de uma escala de temperamento para a realidade brasileira: um estudo baseado na PTS (1ª parte). In: II Encontro de Iniciação Científica. Campinas, p. 31.
- RODRIGUES, A. e COMREY, A.L. (1974) . Personality structure in Brazil and the United States. The Journal of Social Psychology, 92: 19-26.
- SCHIMITZ, P.G. (1994). Dimensions of personality in free description. Personality Psychology in Europe, 5.
- SCHULTZ, D.P. e SCHULTZ, S.E. (2002). Teorias da Personalidade. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- SILVA, J.A.F. (2000). Diversidade Lingüística e Cultural no Brasil. <http://www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/artigos/u0350.html> em 10/11/2003.
- SKINNER, B.F. (1957). Comportamento Verbal. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- SOUZA, D B; SIQUEIRA, L.G.; NEVES, A L; MORAES, C J; DAVOLLI, S M; VICTORINO, L M; RIBEIRO, A C M; CARVALHO, C.F.C.; PINHO, C.C.M.; GUMS, E.F.; SERRANO, M.; SCOZ, M.C.P.; PEREIRA, P.C.; CABRAL, S. e MESSIAS, T.S.C. (1997). Ética na avaliação psicológica: uma proposta para a realidade brasileira. In: VII Encontro Nacional sobre Testes Psicológicos e I Congresso Ibero-Americano de Avaliação Psicológica. Porto Alegre.
- SZIRMÁK, Z. (1994). Learning the alphabet: Constructing the list of Hungarian personality descriptive terms. Personality Psychology in Europe, 5.

- TARRIER, N.; EYSENCK, S.B.G. e EYSENCK, H.J. (1980). National differences in personality: Brazil and England. Personality and Individual Differences, v.1: 164-171.
- TRULL, T.J.; USEDA, J.D.; HOLCOMB, J.; DOAN, B.T.; WIDIGER, T.A.; AXELROD, R.R.; STERN, B.L. e GERSHUNY, B.S. (1998). A Structure interview for the assessment of the Five-Factor Model of Personality. Psychological Assessment, 10 (3): 229-240.
- WESCHLER, S.M. (2001). A avaliação das múltiplas inteligências: desafios para os psicólogos do novo milênio. Revista Oficial de La Asociación Ibero-Americana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 12 (2): 137-147.
- WESCHLER, S.M.; GUZZO, R.S.L. e equipe. (1998). Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas – LAMP – Linhas de Pesquisa. In: IV Encontro de Iniciação Científica. Campinas.
- WIGGINS, J.S. (1980). Circumplex models of interpersonal behavior. In L. Wheeler (ed), Review a Personality and Social Psychology. Sage.
- WIGGINS, J.S. e PINCUS, A.L. (1992). Personality: Structure and assessment. Annual Review Psychology, (43): 473-504.
- ZUCKERMAN, M. (1992). Personality from top (traits) to bottom (genetics) with stops at each level between. In J. Hettema e I.J. Deary. Foundations of personality, 72: 73-100.

Anexos

Anexo 1

Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, com R.G. de nº _____, residente e domiciliado a (rua, av., praça) _____, nº _____ Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____ Telefone (____) _____, abaixo assinado, declaro para todos os fins éticos e legais, que tenho pleno conhecimento que participarei da pesquisa "***Taxonomia Brasileira da Personalidade: Um Estudo sobre os Adjetivos da Língua Portuguesa***", que será a tese de doutoramento de Cristina Coutinho Marques de Pinho, sob orientação da Prof^a. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo, telefone (19) 3251-4206, cujo objetivo é avaliar os adjetivos descritores da personalidade e classificá-los em categorias.

Por este instrumento dou plena autorização para que fotos e imagens (com utilização de tarjas adequadas que não permitam identificação direta), respostas ao questionário e entrevistas ou qualquer informação obtida durante a pesquisa seja utilizada para fins de divulgação em livros, jornais e revistas científicas brasileiras, desde que seja reservado sigilo absoluto de minha identidade.

Estou ciente que minha participação é voluntária e sem ônus, podendo interrompê-la a qualquer momento sem penalidades.

Declaro que recebi todos os esclarecimentos e dúvidas sobre a pesquisa, bem como sobre a utilização desta documentação para fins acadêmicos e científicos.

Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____, _____ de _____ de 2004.

Assinatura do participante da pesquisa ou responsável legal

Anexo 2

Carta de Apresentação

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estou desenvolvendo uma pesquisa desde 1996, junto ao Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas da PUC Campinas (LAMP), para a construção de uma taxonomia de descritores da personalidade, utilizando os adjetivos da Língua Portuguesa presentes no Dicionário Aurélio Eletrônico.

Trata-se de um estudo transcultural desenvolvido em aproximadamente vinte países, que pretende avaliar se a maneira como a personalidade é descrita, em diferentes línguas e culturas, apresenta fatores comuns.

A proposta original está composta por quatro fases. As duas fases iniciais foram desenvolvidas durante a minha Graduação, a terceira etapa foi desenvolvida no Mestrado e a quarta etapa é o objetivo do meu Doutorado.

As duas etapas iniciais do desenvolvimento da taxonomia de descritores da personalidade estão detalhadamente descritas em Guzzo, Pinho e Carvalho (no prelo). Entretanto, acredito que se faz necessário uma pequena descrição do que consistem essas etapas.

A primeira consistiu da identificação e da extração de todos os adjetivos do Dicionário da Língua Portuguesa versão 2.0 em CD-ROM (Barroso, 1996) que possam descrever atributos ou características individuais. O procedimento para a realização da primeira fase foi selecionar todos os verbetes nos quais apareciam a sigla “ADJ”, copiá-los e alocá-los em uma tabela de arquivo do WORD 6.0, fazendo um arquivo para cada letra. Foram encontrados 35.834 adjetivos, o que corresponde a aproximadamente 30% dos verbetes totais encontrados no dicionário (Guzzo, Carvalho, Pinho, no prelo).

A segunda fase foi a seleção dos adjetivos descritores da personalidade, segundo os critérios de exclusão preestabelecidos pelo modelo alemão: verbetes não discriminativos; origem geográfica; nacionalidade; profissão ou atividade; referente a uma parte da pessoa; metáforas; aspectos técnicos e científicos; idéias políticas, religiosas ou filosóficas; chulos; constituição física; relativo a animais e relativo à natureza (John, Angleitner e Ostendorf, 1988). O material utilizado foram os adjetivos da fase anterior, organizados em tabelas. O procedimento da organização foi a exclusão de todos os adjetivos que correspondessem a qualquer um dos critérios citados acima. Neste estágio, 5641 adjetivos permaneceram para a etapa seguinte, representando 4,70% do total de verbetes do dicionário e 15,74% do total de adjetivos (Guzzo, Carvalho, Valli, Pinho, Koelle, Silva e Messias, 1998).

Na terceira fase foi desenvolvida a avaliação por 12 juízes dos adjetivos. Optou-se por agrupar as letras pela quantidade de adjetivos, resultando em uma média de 940 adjetivos e quatro letras por juiz. A decisão por este procedimento se deve ao grande volume de adjetivos, que poderia comprometer a análise dos juízes, prejudicando a sua validade. Devido à experiência na área e, em particular neste estudo, eu avalei o total de adjetivos, referente a todas as letras. Os juízes deveriam assinalar, com um X, nas colunas 1, 2 e 3 quando o adjetivo fosse claro em seu significado e/ou útil na descrição da personalidade e/ou quando for usado freqüentemente na prática profissional. Quando o adjetivo não correspondesse a nenhuma das alternativas acima, deveriam deixar as colunas em branco. Após as devidas análises, encontrou-se 938 adjetivos e pode-se dizer que este conjunto de adjetivos representa as características descritoras da personalidade, na Língua Portuguesa, na concepção dos sujeitos da Amostra da pesquisa realizada no meu Mestrado.

A quarta etapa consiste na classificação, por pelo menos dez juízes, dos adjetivos restantes da fase anterior em cinco categorias predeterminadas teoricamente. As categorias são: *Caráter*; *Estados/condições temporários*; *Aspectos sociais*; *Características evidentes e aparência*; e *Termos de utilidade limitada*. Essa classificação, assim como o número de juízes, está de acordo com a proposta alemã de taxonomia, apresentada no estudo realizado por Angleitner, Ostendorf e John (1990). Uma nova categoria poderá ser incluída pelo(s) juiz (juízes) quando este(s) achar(em) que o adjetivo não se enquadra em nenhuma das categorias anteriores; com uma justificativa para esta nova inclusão.

Terminada esta etapa é possível afirmar que a taxonomia de adjetivos descritores da personalidade estará concluída e terá sua versão brasileira.

Para que este meu sonho se realize, preciso da sua colaboração!

A seguir estão a Ficha de Instrução e a Lista dos Adjetivos, em que estão todas as informações necessárias para a execução do julgamento dos adjetivos.

Agradeço desde já e me comprometo a entregar uma cópia do meu Resumo e dos resultados finais assim que a tese estiver pronta. Caso tiver interesse em ter o trabalho completo, estarei disponibilizando-o também, basta que me avise.

Para qualquer esclarecimento adicional, favor, entre em contato pelo telefone 19 3544-6535 ou pelo email: crispinho@dglnet.com.br.

Cristina Coutinho Marques de Pinho
Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Orientadora

Anexo 3

Dados de Identificação

Nº _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: _____

Sexo: () F () M

Formação profissional: _____

Área de experiência profissional:
(pode assinalar mais de um item)

- (a) Pesquisa
- (b) Docência
- (c) Psicologia Escolar
- (d) Psicologia Clínica
- (e) Psicologia Organizacional
- (f) Psicologia Hospitalar
- (g) Outros. Quais? _____

Tempo de experiência profissional:

- (a) menos de 1 ano
- (b) entre 1 ano e 3 anos
- (c) até 5 anos
- (d) até 10 anos
- (e) mais de 10 anos

Anexo 4

Ficha de Instrução

FICHA DE INSTRUÇÃO

Solicitamos a sua participação para identificar os adjetivos da Língua Portuguesa que possam descrever a personalidade de um indivíduo ou de grupos de indivíduos. Considerando sua experiência profissional, considere para esta identificação as categorias: Tendência/Caráter, Aspectos Sociais, Estados ou Condições Temporários, Características Evidentes e Aparência e Termos de Utilidade Limitada.

Em **Tendências (ou Caráter)** deverão ser classificados os adjetivos que fizerem referência aos traços estáveis, características inatas e/ou permanentes, incluindo aspectos como temperamento, traços de caráter, talentos e habilidades individuais.

A categoria **Aspectos Sociais (e de Reputação)** descreve o efeito que a expressão, por meio de comportamento e emoção, causa nas outras pessoas. Espera-se que selecione, nesta categoria, os adjetivos que dizem respeito a relações, papéis e funções sociais; efeitos sociais e avaliação; atitudes, pontos de vista e ideologia.

Estados ou condições temporários é a categoria que deve incluir os adjetivos que expressam os estados, atividades e características físicas instáveis que o indivíduo apresenta em determinadas situações (emoção, humor e pensamento; interesses e necessidades; estados físicos e corporais; e comportamentos observáveis).

Adjetivos referentes à anatomia, constituição e morfologia assim como aparência, “visual” e conduta (hábitos e atividades típicas) deverão ser classificados em **Características evidentes e aparência**.

Aqueles adjetivos que são termos científicos, técnicos, contextuais, específicos; metáforas, estão em desuso, são gíria ou são vagos serão categorizados como **Termos de utilidade limitada**, uma vez que são raros na linguagem cotidiana.

Caso achar que o adjetivo não se enquadra em nenhuma das categorias anteriores, uma nova categoria poderá ser incluída. Para isso, é necessário que à nova categoria seja dado um nome e, se possível, uma justificativa para esta nova inclusão.

Os adjetivos a serem analisados estão dispostos em uma tabela com sete colunas. **A sua análise consistirá na leitura do adjetivo e, com um X, a identificação de qual categoria ele pertence** (incluir o adjetivo em apenas uma das categorias). A sétima coluna é para o registro de uma nova categoria, caso ache necessário.

Sugere-se que a avaliação seja feita em etapas, e não de uma única vez, pois é uma atividade cansativa que exige concentração. Quando não souber o significado do adjetivo, deixe em branco a coluna.

Por favor, para o melhor andamento da pesquisa, pedimos para que entregue o seu julgamento até **31 de agosto de 2004**, por e-mail¹¹. Caso, por alguma razão, a realização deste trabalho não seja possível, favor entrar em contato com Cristina (19 3544-6535 crispinho@dglnet.com.br).

Agradecemos a sua participação e contribuição para a construção da taxonomia de descritores da personalidade.

Cristina Coutinho Marques de Pinho
Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Orientadora

¹¹ Se preferir que seja pelo correio, me avise para que eu providencie o envelope selado.

Anexo 5

Lista de Adjetivos

- 1- *Tendências* – traços estáveis, características inatas (temperamento, traços de caráter, talentos e habilidades individuais);
- 2- *Aspectos Sociais* - relações, papéis e funções sociais; efeitos sociais e avaliação; atitudes, pontos de vista e ideologia;
- 3- *Estados ou condições temporários* - estados, atividades e características físicas instáveis que o indivíduo apresenta em determinadas situações (emoção, humor e pensamento; interesses e necessidades; estados físicos e corporais; e comportamentos observáveis);
- 4- *Características evidentes e aparência* anatomia, constituição e morfologia assim como aparência, “visual” e conduta (hábitos e atividades típicas);
- 5- *Termos de utilidade limitada* - termos científicos, técnicos, contextuais ou específicos, metáforas, estão em desuso, gírias ou são vagos.

Leia o adjetivo e marque com um X em qual categoria ele pertence, na sua opinião.

Adjetivos	1	2	3	4	5	outra
abalado						
abandonado						
abatido						
aberto						
abestalhado						
abilolado						
aborrecido						
abrupto						
acanhadão						
acanhado						
aceso						
acessível						
acintoso						
acolhedor						
acomodado						
aconselhador						
acrítico						
acuado						
adaptado						
adequado						
admirável						
adolescente						
adorado						
adorador						
adorável						
adulador						
afável						
afeminado						
afetivo						
afetuoso						
aflito						
afobado						
afoito						

ágil						
agitadiço						
agitado						
agitador						
agoniado						
agradável						
agressivo						
agressor						
ajuizado						
ajustado						
alegre						
alerta						
alheio						
alienado						
aliviado						
altivo						
altruísta						
alvorçado						
amabilíssimo						
amado						
amadurecido						
amante						
amargo						
amargurado						
amável						
ambicioso						
ambíguo						
ambivalente						
ameaçador						
amedrontador						
amicíssimo						
amigável						
amigo						
amistoso						
amoral						
amoroso						
analisador						
anárquico						
angustiado						
animado						
animador						
anorético						
anormal						
ansioso						
antipático						
antiquado						
anti-social						
apaixonado						

apaixonante						
apaixonável						
apalermado						
apavorado						
apaziguador						
apaziguante						
aperreado						
apreensivo						
apressado						
aproveitador						
apto						
ardiloso						
argumentador						
arguto						
arisco						
arrasado						
arredio						
arrependido						
arretado						
arrogante						
arrojado						
arteiro						
articuloso						
artificial						
artista						
assertivo						
assíduo						
assustado						
astucioso						
astuto						
atabalhado						
atarantado						
atarefado						
atencioso						
atento						
ativo						
atletico						
atônito						
atordado						
atormentado						
atraente						
atrapalhado						
atrevido						
atuante						
audacioso						
ausente						
austero						
autêntico						

autônomo						
autoritário						
auto-suficiente						
auto-sugestionável						
avaliador						
avarento						
ávaro						
aventureiro						
averiguador						
ávido						
avoado						
azarado						
babaca						
bacana						
bagunçado						
bagunceiro						
bairrista						
baixo						
baixo-astral						
bajulador						
baratinado						
bárbaro						
barulhento						
batalhador						
bem-apanhado						
bem-apegoado						
bem-avisado						
bem-comportado						
bem-criado						
bem-dotado						
bem-educado						
bem-encarado						
bem-humorado						
bem-intensionado						
bem-mandado						
bem-sucedido						
bem-visto						
benevolente						
benévolo						
benfeitor						
benquisto						
birrento						
bissexual						
bitolado						
bizarro						
bloqueado						
boa-pinta						
boboca						

boçal						
boêmio						
bom						
bondoso						
brabo						
bravo						
brigão						
brigona						
briguento						
brilhante						
brincador						
cabeçudo						
cabeludo						
cabisbaixo						
cadavérico						
caído						
caladão						
calado						
caladona						
calculista						
calejado						
calhorda						
calmo						
caloreto						
caloroso						
canhoto						
cansado						
capcioso						
caprichoso						
cara-de-pau						
caradura						
carente						
caricaturado						
caridoso						
carinhoso						
carismático						
carrancudo						
caseiro						
castigador						
casto						
castrador						
categorico						
cativante						
católico						
cauteloso						
cavalheiro						
caxias						
censurador						

céptico						
cerimonioso						
certo						
cético						
chantagista						
charmoso						
chato						
chauvinista						
cheiroso						
chique						
choramingueiro						
chorão						
chorona						
choroso						
chulo						
ciente						
cínico						
cismado						
ciumento						
coercitivo						
coerente						
coeso						
coitado						
colérico						
combativo						
comedido						
comilão						
comodista						
cômodo						
companheiro						
compassivo						
competente						
competitivo						
complexado						
complexo						
complicado						
comportado						
compreensivo						
compromissado						
compulsivo						
comunicador						
comunicativo						
conceituado						
conciliador						
conciso						
condenado						
condenador						
condicionado						

condoído						
confiado						
confiante						
confiável						
confidente						
conflitante						
conflituoso						
conformado						
conformista						
confortado						
confundido						
confuso						
conhecido						
conivente						
conquistador						
consciencioso						
consciente						
côncio						
conselheiro						
conseqüente						
conservado						
considerado						
consistente						
consolado						
conspirador						
constrangedor						
constrito						
construtivo						
contagante						
contemplador						
contente						
contestador						
contido						
contraditório						
contrariado						
controlado						
controlador						
conturbador						
convencido						
conveniente						
conversador						
convicto						
cooperador						
cooperante						
cooperativo						
coordenado						
corajoso						
cordial						

correto						
corriqueiro						
corrompido						
corrupto						
corteador						
cortês						
coruja						
cotado						
covarde						
credibilíssimo						
crédulo						
crente						
crescido						
cretino						
criador						
criativo						
cricri						
criminoso						
craterioso						
crítico						
cruel						
cuidadoso						
culpado						
culposo						
cultivador						
culto						
curioso						
debochado						
decente						
decidido						
dedicado						
deficiente						
delicado						
delinqüente						
delirante						
demente						
dependente						
depressivo						
deprimido						
desafiador						
desajeitado						
desajustado						
desamparado						
desanimado						
desapegado						
desatento						
desconfiado						
descontente						

descontraído						
descontrolado						
descuidado						
desembaraçado						
desenvolto						
desequilibrado						
desiludido						
desinibido						
desinteressado						
desleal						
desligado						
desmoralizado						
desmotivado						
desobediente						
desonesto						
desorganizado						
desorientado						
despreocupado						
destemido						
destrutivo						
detalhista						
determinado						
dinâmico						
dispersivo						
disperso						
displicente						
disposto						
dissimulado						
dócil						
doentio						
dominador						
dominante						
educado						
eficaz						
eficiente						
egocêntrico						
egoísta						
emotivo						
encabulado						
entusiasmado						
entusiasta						
equilibrado						
escandaloso						
escrupuloso						
esforçado						
esperto						
espontâneo						
esquizofrênico						

esquizóide						
eufórico						
exagerado						
exaltado						
excêntrico						
excepcional						
expansivo						
experiente						
expressivo						
extra-sensível						
extrovertido						
falador						
falante						
falso						
fantasioso						
farsante						
fechado						
feliz						
fiel						
firme						
flexível						
fóbico						
forte						
fraco						
frágil						
franco						
frígido						
frustrado						
gaiato						
galante						
galanteador						
ganancioso						
garganta						
garoto						
gay						
generoso						
genial						
genioso						
gentil						
gentilíssimo						
genuíno						
gira						
glutão						
glutona						
gostoso						
governado						
gozado						
gozador						

gracioso						
grosseirão						
grosseiro						
grosseirona						
grosso						
grotesco						
guerreiro						
guloso						
hábil						
habilidoso						
harmonioso						
harmonizador						
hesitante						
heterossexual						
higiênico						
hilariante						
hilário						
hipercrítico						
hiperexcitável						
hipersensível						
hipocondríaco						
hipócrita						
histérico						
homicida						
homossexual						
honesto						
hospitaleiro						
hostil						
humilde						
idealizador						
idiota						
idôneo						
ignorante						
iluminado						
imaginativo						
imaturo						
imbecil						
imitador						
imoderado						
imodesto						
imoral						
impaciente						
imparcial						
impassível						
impenetrável						
imperativo						
imperturbável						
impetuoso						

impiedoso						
implicante						
imponente						
impopular						
impressionável						
imprestável						
improdutivo						
impróprio						
improvisador						
imprudente						
impulsivo						
inábil						
inabilidoso						
inaccessível						
inapto						
incapaz						
incentivador						
incisivo						
incitador						
incivilizado						
incoerente						
incompetente						
incompreendido						
incompreensível						
incompreensivo						
inconformado						
inconsciente						
inconseqüente						
inconstante						
incontrolado						
incontrolável						
inconveniente						
incorrigível						
incorruptível						
incorrupto						
incrédulo						
indagador						
indecente						
indecidido						
indefeso						
indelicado						
independente						
indigno						
indisciplinado						
indiscreto						
individualista						
indócil						
indolente						

indulgente						
ineficaz						
ineficiente						
inescrupuloso						
inexperiente						
inexpressivo						
infame						
infanticida						
infantil						
infeliz						
infiel						
inflexível						
influenciável						
influyente						
ingênuo						
ingrato						
inibido						
inibidor						
injusto						
inocente						
inovador						
inquieto						
insano						
insatisfeito						
inseguro						
insensato						
insensível						
insinuador						
insolente						
inspirado						
instável						
instigador						
instintivo						
insubordinado						
insubornável						
insultador						
insuportável						
íntegro						
intelectual						
intelectualizado						
inteligente						
interessado						
interessante						
interesseiro						
invejável						
invejoso						
inventivo						
irônico						

irredutível						
irrequieto						
irresistível						
irreverente						
irritadiço						
irritado						
irritante						
jóia						
jovem						
jovial						
jururu						
justo						
ladino						
lambão						
lamentoso						
lamuriento						
lastimável						
leal						
legal						
lépido						
libertador						
libertino						
licencioso						
ligado						
limitado						
limítrofe						
livre						
lógico						
louco						
lúcido						
lunático						
machão						
maduro						
malcomportado						
maldoso						
maleável						
mal-educado						
maléfico						
mal-humorado						
mal-intencionado						
malsucedido						
maluco						
malvado						
manhoso						
maníaco						
maníaco-depressivo						
masoquista						
mau						

mediocre						
medroso						
meigo						
melancólico						
meloso						
mentiroso						
mesquinho						
meticuloso						
metódico						
minucioso						
misterioso						
moderado						
modesto						
mórbido						
motivado						
negligente						
nervoso						
neuropata						
neuropsiquiátrico						
neurótico						
neurotizado						
neurotizante						
neutro						
nobre						
nojento						
nômade						
normal						
nostálgico						
notável						
obcecado						
obcecador						
obediente						
obsceno						
observador						
obsessivo						
obstinado						
ocioso						
odioso						
ofensivo						
oferecido						
oligofrênico						
omisso						
omissor						
onipotente						
oportunista						
opositor						
opressivo						
opressor						

oprimido						
optimista						
ordeiro						
ordenado						
ordinário						
organizado						
orgulhoso						
oscilante						
ostensivo						
ostentador						
otimista						
ousado						
pacato						
paciencioso						
paciente						
pacificador						
pacífico						
palerma						
palpiteiro						
pamonha						
panaca						
pão-duro						
paradão						
parado						
paradona						
paranóico						
parcial						
pasmo						
paspalhão						
paspalhona						
passivo						
paternal						
pateta						
patético						
patife						
patológico						
patriarcal						
pecador						
peçonhento						
pedante						
pegajoso						
peitudo						
penetrante						
penitente						
pensador						
pensativo						
perfeccionista						
perguntador						

perigoso						
permissivo						
perseverante						
persistente						
personalista						
perspicaz						
persuasivo						
perturbado						
perturbador						
perverso						
pervertido						
pessimista						
piadoso						
piegas						
pilantra						
pirracento						
polido						
político						
politizado						
ponderado						
ponderador						
pontual						
porcalhão						
porcalhona						
possessivo						
pragmático						
prático						
precoce						
precursor						
predominante						
preguiçoso						
prepotente						
prestativo						
presunçoso						
pretensioso						
problemático						
produtivo						
produtor						
proibidor						
promissor						
protetor						
provocador						
prudente						
puritano						
puro						
puxa-saco						
qualificado						
qualificado						

quieto						
rabujento						
ranzinza						
realista						
rebelde						
recalcado						
recatado						
receoso						
receptivo						
recriminador						
reflexivo						
reivindicador						
repetitivo						
reprimido						
repugnante						
repulsivo						
reservado						
resmungão						
resmungona						
respeitável						
respeitoso						
respondão						
responsável						
ressabiado						
retraído						
retrospectivo						
revoltado						
rígido						
rigoroso						
risonho						
ríspido						
romântico						
rude						
ruim						
sabedor						
sabido						
sábio						
sádico						
sádico-anal						
sadio						
sadista						
sadomasoquista						
sagaz						
sangüinário						
são						
sapeca						
sarcástico						
satisfeito						

saudável						
saudoso						
saudoso						
sedutor						
seguro						
semiconsciente						
sem-vergonha						
sensato						
sensível						
sensual						
sentido						
sentimental						
sentimentalista						
serelepe						
sereno						
sério						
severo						
sexy						
silencioso						
simpático						
simplista						
simulado						
sincero						
sistemático						
sociável						
sofredor						
solícito						
solidário						
sonhador						
sórdido						
sorridente						
sossegado						
subconsciente						
subjetivo						
submisso						
subordinado						
suicida						
sujeito						
sutil						
tagarela						
talentoso						
teimoso						
temperamental						
tempestuoso						
tenso						
tímido						
tirano						
tola						

tolerante						
tolo						
traíçoeiro						
tranqüilo						
transtornado						
trapaceador						
trapaceiro						
traquina						
traquinas						
travesso						
triste						
tristonho						
turrão						
turrona						
unha-de-fome						
vacilante						
vadio						
vagabundo						
vagaroso						
vaidoso						
valentão						
valente						
veloz						
vencedor						
vencido						
venenoso						
verdadeiro						
vergonhoso						
versátil						
vexado						
viciado						
vigilante						
vigoroso						
violento						
virtuoso						
vivaz						
vívido						
vivo						
voluntarioso						
vulgar						
zangado						
zeloso						

Anexo 6

Carta de Agradecimento

Campinas, 16 de agosto de 2004.

Caro Participante,

Gostaria de agradecer sua participação, como juiz-pesquisador, no meu trabalho sobre Taxonomia de Descritores da Personalidade, que é tema da minha Tese de Doutorado em Psicologia na PUC-Campinas.

Pretendo defender em fevereiro de 2005, no máximo, e comprometo-me a mandar uma cópia dos resultados e do Resumo do meu trabalho tão breve estiverem prontos. Se for de seu interesse, posso enviar-lhe, também, uma cópia da tese inteira; basta que me avise.

Sua contribuição foi muito importante!

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento adicional, pelo telefone 19 3544-6535 ou por email: crispinho@hotmail.com.

Cristina Coutinho Marques de Pinho
Doutoranda em Psicologia - PUC Campinas
(Bolsista CAPES II)

Prof^a. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Orientadora

Anexo 7
Lista dos Adjetivos com
Concordância entre os
Juízes inferior a 50%

Categoria 1

abalado	anárquico	avoado	calado	compromissado
abandonado	angustiado	azarado	caladona	comunicador
abatido	animado	babaca	calejado	conceituado
aberto	animador	bacana	calmo	conciliador
abestalhado	anorético	bagunçado	caloreto	condenado
abilolado	anormal	bairrista	caloroso	condenador
aborrecido	ansioso	baixo	canhoto	condicionado
abrupto	antipático	baixo-astral	cansado	condoído
acanhadão	antiquado	bajulador	cara-de-pau	confiado
aceso	anti-social	baratinado	caradura	confiável
acessível	apaixonado	bárbaro	carente	confidente
acintoso	apaixonante	barulhento	caricaturado	conflitante
acomodado	apaixonável	bem-apanhado	caridoso	conflituoso
aconselhador	apalermado	bem-apeçoado	carinhoso	conformado
acuado	apavorado	bem-avisado	carrancudo	confortado
adaptado	apaziguador	bem-comportado	caseiro	confundido
adequado	apaziguante	bem-criado	castigador	conhecido
admirável	aperreado	bem-dotado	casto	conivente
adolescente	apreensivo	bem-educado	castrador	conquistador
adorado	apressado	bem-encarado	categórico	conselheiro
adulador	aproveitador	bem-humorado	cativante	conservado
afeminado	apto	bem-intensionad	católico	considerado
afetuoso	argumentador	bem-mandado	cavalheiro	consolidado
aflito	arisco	bem-sucedido	caxias	conspirador
afobado	arrasado	bem-visto	censurador	constrangedor
afoito	arredio	benevolente	cerimonioso	construtivo
agitadiço	arrepentido	benévolo	certo	contagante
agitado	arretado	benfeitor	chantagista	contemplador
agitador	arrogante	benquisto	charmoso	contente
agoniado	arteiro	birrento	chato	contestador
agradável	articuloso	bissexual	chauvinista	contrariado
agressor	artista	bitolado	cheiroso	controlado
ajustado	assíduo	bloqueado	chique	conturbador
alegre	assustado	boa-pinta	choramingueiro	convencido
alerta	atabalhoad	boboca	chorão	conveniente
alheio	atarantado	boçal	chorona	conversador
alienado	atarefado	boêmio	choroso	convicto
aliviado	atencioso	bondoso	chulo	cooperador
alvorçado	atletico	brabo	ciente	cooperante
amabilíssimo	atônito	bravo	cismado	cooperativo
amado	atordoado	brigão	ciumento	coordenado
amante	atormentado	brigona	coercitivo	correto
amargurado	atraente	briguento	coeso	corriqueiro
amável	atrapalhado	brincador	coitado	corrompido
ameaçador	atuante	cabeçudo	colérico	cortejador
amedrontador	ausente	cabeludo	comilão	cortês
amicíssimo	autônomo	cabisbaixo	comodista	coruja
amigo	avarento	cadavérico	cômodo	cotado
amistoso	aventureiro	caído	companheiro	credibilíssimo
amoroso	averiguador	caladão	comportado	crescido

cricri	falante	imperturbável	inovador	misterioso
criminoso	farsante	impetuoso	inquieto	moderado
culpado	fechado	impiedoso	insatisfeito	motivado
culposo	feliz	impopular	inseguro	nervoso
deficiente	forte	impressionável	insinuador	neuropsiquiátrico
delinqüente	fraco	imprestável	insolente	neurotizado
delirante	frustrado	improdutivo	inspirado	neurotizante
demente	gaiato	impróprio	instigador	neutro
dependente	galante	improvisador	insubordinado	nobre
deprimido	galanteador	imprudente	insultador	nojento
desajeitado	garganta	inábil	insuportável	nômade
desajustado	garoto	inabilidoso	intelectualizado	nostálgico
desamparado	gay	inaccessível	interessado	notável
desanimado	generoso	inapto	interessante	obcecador
desapegado	gentil	incapaz	interesseiro	obediente
desatento	gentilíssimo	incentivador	invejável	Obsceno
desconfiado	gira	incitador	irrequieto	Ocioso
descontente	glutão	incivilizado	irresistível	odioso
descontrolado	glutona	incompetente	irritadiço	ofensivo
descuidado	gostoso	incompreendido	irritado	oferecido
desenvolto	governado	incompreensível	irritante	omisso
desiludido	gozado	inconformado	jóia	omissor
desinteressado	gozador	inconsciente	jovem	opositor
desligado	gracioso	inconseqüente	jovial	opressivo
desmoralizado	grosseirão	incontrolado	jururu	opressor
desmotivado	grosseiro	inconveniente	ladino	oprimido
desobediente	grosseirona	incrédulo	lambão	optimista
desorientado	grotesco	indagador	lamentoso	ordenado
despreocupado	guloso	indecente	lamuriendo	oscilante
dispersivo	harmonizador	indecidido	lastimável	ostensivo
disperso	hesitante	indefeso	legal	ostentador
disposto	higiênico	indelicado	lépido	ousado
doentio	hilarante	indigno	libertador	pacificador
dominante	hilário	indisciplinado	licencioso	palerma
educado	hipercrítico	indiscreto	ligado	palpiteiro
eficaz	hiperexcitável	indócil	livre	pamonha
eficiente	hipersensível	indolente	louco	panaca
emotivo	hipocondríaco	indulgente	lúcido	pão-duro
encabulado	hospitaleiro	ineficaz	machão	paradão
entusiasmado	hostil	ineficiente	malcomportado	parado
entusiasta	idealizador	inexperiente	maldoso	paradona
equilibrado	idiota	inexpressivo	mal-educado	parcial
escandaloso	ignorante	infame	maléfico	pasmo
eufórico	iluminado	infeliz	mal-humorado	paspalhão
exagerado	imbecil	infiel	mal-intencionado	paspalhona
exaltado	imitador	influyente	malsucedido	passivo
excepcional	imodesto	ingrato	malvado	paternal
expansivo	impaciente	inibidor	manhoso	pateta
experiente	imparcial	injusto	melancólico	patético
extra-sensível	impassível	inocente	meloso	patológico

patriarcal	precursor	repugnante	seguro	transtornado
pecador	predominante	repulsivo	semiconsciente	traquina
peçonhento	preguiçoso	reservado	sensual	traquinas
pedante	prestativo	resmungão	sentido	travesso
peitudo	problemático	resmungona	serelepe	triste
penetrante	produtivo	respeitável	sereno	tristonho
penitente	produtor	respondão	sexy	turrão
pensativo	proibidor	ressabiado	silencioso	turrona
perguntador	promissor	revoltado	simplista	unha-de-fome
perigoso	protetor	rigoroso	sofredor	vacilante
personalista	provocador	risonho	solícito	vadio
perturbado	puritano	ríspido	solidário	vagabundo
perturbador	puxa-saco	romântico	sorridente	vaidoso
piedoso	qualificado	rude	sossegado	veloz
piegas	quieto	sabedor	subconsciente	vencedor
pirracento	rabujento	sabido	subordinado	vencido
polido	ranzinza	sadio	sujeito	vergonhoso
político	rebelde	sangüinário	sutil	vexado
politizado	recatado	são	tagarela	viciado
ponderador	receoso	sapeca	tenso	vigoroso
pontual	receptivo	sarcástico	tirano	vivo
porcalhão	recriminador	satisfeito	tola	voluntarioso
porcalhona	reivindicador	saudável	tolerante	zangado
precoce	repetitivo	saudoso	tolo	

Categoria 2

abalado	amoroso	ávaro	calmo	condenador
abatido	analizador	aventureiro	calorento	condicionado
aberto	angustiado	ávido	caloroso	condoído
abestalhado	animado	avoado	canhoto	confiante
abilolado	anorético	azarado	cansado	conflitante
aborrecido	ansioso	bagunçado	capcioso	conflituoso
abrupto	apaixonado	bagunceiro	caprichoso	conformado
acanhadão	apaixonável	bairrista	cara-de-pau	conformista
acanhado	apalermado	baixo	caradura	confortado
aceso	apavorado	baixo-astral	carente	confundido
acessível	aperreado	baratinado	caricaturado	confuso
acintoso	apreensivo	bárbaro	carinhoso	conquistador
acolhedor	apressado	barulhento	carrancudo	consciencioso
acomodado	apto	batalhador	caseiro	consciente
acrítico	ardiloso	bem-apanhado	casto	côncscio
acuado	arguto	bem-apeçoado	categórico	conseqüente
admirável	arisco	bem-avisado	cauteloso	conservado
adolescente	arrasado	bem-dotado	caxias	consistente
adorador	arredio	bem-encarado	céptico	consolidado
adorável	arrependido	bem-humorado	certo	constrito
afável	arretado	bem-mandado	cético	construtivo
afeminado	arrojado	benevolente	chantagista	contemplador
afetivo	arteiro	birrento	charmoso	contente
afetuoso	artificial	bissexual	chato	contido
afrito	artista	bitolado	cheiroso	contraditório
afobado	assertivo	bizarro	chique	contrariado
afoito	assíduo	bloqueado	choramingueiro	controlado
ágil	assustado	boa-pinta	chorão	convencido
agitadiço	astucioso	boboca	chorona	convicto
agitado	astuto	boçal	choroso	coordenado
agoniado	atabalhoado	boêmio	chulo	corajoso
agradável	atarantado	bom	ciente	cordial
agressivo	atarefado	brabo	cínico	correto
ajuizado	atencioso	bravo	cismado	corriqueiro
alegre	atento	brigão	coerente	corrupto
alerta	ativo	brigona	coeso	coruja
alheio	atlético	briguento	coitado	covarde
aliviado	atônito	brilhante	colérico	crédulo
altivo	atordoado	brincador	combativo	crente
altruísta	atormentado	cabeçudo	comedido	crescido
alvoroçado	atraente	cabeludo	comilão	cretino
amabilíssimo	atrapalhado	cabisbaixo	comodista	criador
amadurecido	atrevido	cadavérico	cômico	criativo
amargo	audacioso	caído	compassivo	cricri
amargurado	austero	caladão	competente	criterioso
ambicioso	autêntico	calado	complexado	crítico
ambíguo	autoritário	caladona	complexo	cruel
ambivalente	auto-suficiente	calculista	complicado	cuidadoso
amigável	auto-sugestioná	calejado	compulsivo	cultivador
amoral	avarento	calhorda	conciso	culto

curioso	egoísta	gostoso	impulsivo	instintivo
debochado	emotivo	gozado	inábil	insubornável
decente	encabulado	gracioso	inabilidoso	íntegro
decidido	entusiasmado	grosseirão	inacessível	intelectual
dedicado	entusiasta	grosseiro	inapto	inteligente
deficiente	equilibrado	grosseirona	incapaz	interessado
delicado	escandaloso	grosso	incentivador	invejável
delirante	escrupuloso	grotesco	incoerente	inveioso
demente	esforçado	guerreiro	incompetente	inventivo
depressivo	esperto	guloso	incompreensível	irônico
deprimido	espontâneo	hábil	incompreensivo	irredutível
desafiador	esquizofrênico	habilidoso	inconformado	irrequieto
desajeitado	esquizóide	harmonioso	inconsciente	irreverente
desajustado	eufórico	hesitante	inconstante	irritadiço
desamparado	exagerado	heterossexual	incontrolado	irritado
desanimado	exaltado	higiênico	incontrolável	jóia
desatento	excêntrico	hilariante	incorrigível	jovem
descontente	excepcional	hilário	incorruptível	jovial
descontraído	expansivo	hiperexcitável	incorrupto	jururu
descontrolado	experiente	hipersensível	indagador	justo
descuidado	expressivo	hipocondríaco	indecidido	ladino
desembaraçado	extra-sensível	hipócrita	indefeso	lambão
desenvolto	extrovertido	histérico	independente	lamentoso
desequilibrado	falador	homicida	indisciplinado	lamuriento
desiludido	falante	homossexual	individualista	leal
desinibido	falso	honesto	indócil	legal
desinteressado	fantasioso	humilde	indolente	lépido
desleal	fechado	idealizador	ineficaz	libertino
desligado	feliz	idiota	ineficiente	licencioso
desmotivado	fiel	idôneo	inescrupuloso	ligado
desonesto	firme	ignorante	inexperiente	limitado
desorganizado	flexível	iluminado	inexpressivo	limitrofe
desorientado	fóbico	imaginativo	infanticida	livre
despreocupado	forte	imaturo	infantil	lógico
destemido	fraco	imbecil	infeliz	louco
destrutivo	frágil	imoderado	inflexível	lúcido
detalhista	franco	imodesto	influenciável	lunático
determinado	frígido	impaciente	ingênuo	machão
dinâmico	frustrado	impassível	inibido	maduro
dispersivo	gaiato	impenetrável	injusto	malcomportado
disperso	ganancioso	imperativo	inocente	maldoso
displicente	garganta	imperturbável	inovador	maleável
disposto	garoto	impetuoso	inquieta	mal-humorado
dissimulado	gay	implicante	insano	malsucedido
dócil	genial	imponente	insatisfeito	maluco
doentio	genioso	impressionável	inseguro	manhoso
dominador	genuíno	imprestável	insensato	maníaco
eficaz	gira	improdutivo	insensível	maníaco-depressivo
eficiente	glutão	improvisador	inspirado	masoquista
egocêntrico	glutona	imprudente	instável	mau

mediocre	pacioso	porcalhona	sádico-anal	tenso
medroso	paciente	possessivo	sadio	tímido
meigo	pacificador	pragmático	sadista	tirano
melancólico	pacífico	prático	sadomasoquista	tola
meloso	palerma	precoce	sagaz	tranquilo
mesquinho	palpiteiro	predominante	sangüinário	transtornado
meticuloso	pamonha	preguiçoso	são	traquina
metódico	panaca	prepotente	sapeca	traquinas
minucioso	pão-duro	presunçoso	sarcástico	travesso
misterioso	paradão	pretensioso	satisfeito	triste
moderado	parado	problemático	saudável	tristonho
modesto	paradona	produtivo	saudoso	turrão
mórbido	paranóico	produtor	sedutor	turrona
motivado	pasmo	prudente	seguro	unha-de-fome
negligente	paspalhão	puro	semiconsciente	vacilante
nervoso	paspalhona	quieto	sem-vergonha	vadio
neuropata	passivo	rabujento	sensato	vagabundo
neuropsiquiátri	paternal	ranzinza	sensível	vagaroso
neurótico	pateta	realista	sensual	vaidoso
neurotizado	patético	rebelde	sentido	valentão
neutro	patife	recalcado	sentimental	valente
nojento	patológico	recatado	sentimentalista	veloz
normal	pecador	receoso	serelepe	vencedor
nostálgico	peçonhento	reflexivo	sereno	vencido
obcecado	pedante	reivindicador	sério	venenoso
obediente	pegajoso	repetitivo	severo	verdadeiro
obsceno	peitudo	reprimido	sexy	vergonhoso
observador	penetrante	repugnante	silencioso	versátil
obsessivo	pensador	repulsivo	simpático	vexado
obstinado	pensativo	reservado	simplista	viciado
ocioso	perfeccionista	resmungão	simulado	vigilante
odioso	perguntador	resmungona	sincero	vigoroso
ofensivo	perigoso	respeitoso	sistemático	violento
oferecido	permissivo	respondão	sociável	virtuoso
oligofrênico	perseverante	responsável	sofredor	vivaz
onipotente	persistente	ressabiado	sonhador	vívido
oportunista	personalista	retraído	sórdido	vivo
opositor	perspicaz	retrospectivo	sorridente	vulgar
opressivo	persuasivo	revoltado	sossegado	zangado
optimista	perturbado	rígido	subconsciente	zeloso
ordeiro	perverso	rigoroso	subjetivo	
ordenado	pervertido	risonho	submisso	
ordinário	pessimista	ríspido	suicida	
organizado	piadoso	romântico	sujeito	
orgulhoso	piegas	rude	sutil	
oscilante	pilantra	ruim	tagarela	
ostensivo	pirracento	sabedor	talentoso	
otimista	ponderado	sabido	teimoso	
ousado	pontual	sábio	temperamental	
pacato	porcalhão	sádico	tempestuoso	

Categoria 3

abandonado	amoroso	babaca	calmo	competente
aberto	analisador	bacana	calorento	competitivo
abestalhado	anárquico	bagunçado	caloroso	complexado
abilolado	animador	bagunceiro	canhoto	complexo
acanhadão	anorético	bairrista	capcioso	complicado
acanhado	anormal	baixo	caprichoso	comportado
aceso	antipático	baixo-astral	cara-de-pau	compreensivo
acessível	antiquado	bajulador	caradura	compromissado
acintoso	anti-social	bárbaro	caricaturado	compulsivo
acolhedor	apaixonante	batalhador	caridoso	comunicador
acomodado	apaixonável	bem-apanhado	carinhoso	comunicativo
aconselhador	apaziguador	bem-apeçoado	carismático	conceituado
acrítico	apaziguante	bem-avisado	carrancudo	conciliador
adaptado	aproveitador	bem-comportado	caseiro	conciso
adequado	apto	bem-criado	castigador	condenado
admirável	ardiloso	bem-dotado	casto	condenador
adolescente	argumentador	bem-educado	castrador	confiado
adorado	arguto	bem-encarado	categórico	confiante
adorador	arredio	bem-intensionado	cativante	confiável
adorável	arrogante	bem-mandado	católico	confidente
adulador	arrojado	bem-sucedido	cauteloso	conflitante
afável	arteiro	bem-visto	cavalheiro	conformista
afeminado	articuloso	benevolente	caxias	confuso
afetivo	artificial	benévolo	censurador	conhecido
ágil	artista	benfeitor	céptico	conivente
agitador	assertivo	benquisto	cerimonioso	conquistador
agradável	astucioso	bissexual	certo	consciencioso
agressivo	astuto	bitolado	cético	consciente
agressor	atabalhoadado	bizarro	chantagista	côncio
ajuizado	atencioso	bloqueado	charmoso	conselheiro
ajustado	ativo	boa-pinta	chato	conseqüente
alienado	atletico	boboca	chauvinista	conservado
altivo	atraente	boçal	cheiroso	considerado
altruísta	atrevido	boêmio	chique	consistente
amabilíssimo	atuante	bom	chorão	conspirador
amado	audacioso	bondoso	chorona	constrangedor
amadurecido	ausente	brigão	chulo	constrito
amante	austero	brigona	ciente	construtivo
amargo	autêntico	briguento	cínico	contagante
amável	autônomo	brilhante	ciumento	contemplador
ambicioso	autoritário	brincador	coercitivo	contestador
ambíguo	auto-suficiente	cabeçudo	coerente	contido
ambivalente	auto-sugestioná	cabeludo	coeso	contraditório
ameaçador	avaliador	cadavérico	combativo	controlado
amedrontador	avarento	caladão	comedido	controlador
amicíssimo	ávaro	calado	comilão	conturbador
amigável	aventureiro	caladona	comodista	convencido
amigo	averiguador	calculista	cômodo	conveniente
amistoso	ávido	calejado	companheiro	conversador
amoral	azarado	calhorda	compassivo	convicto

cooperador	desenvolto	forte	humilde	independente
cooperante	desequilibrado	fraco	idealizador	indigno
cooperativo	desinibido	frágil	idiota	indiscreto
coordenado	desleal	franco	idôneo	individualista
corajoso	desmoralizado	frígido	ignorante	indolente
cordial	desobediente	gaiato	iluminado	indulgente
correto	desonesto	galante	imaginativo	ineficaz
corriqueiro	desorganizado	galanteador	imaturo	ineficiente
corrompido	destemido	ganancioso	imbecil	inescrupuloso
corrupto	destrutivo	garganta	imitador	inexpressivo
corteador	detalhista	garoto	imoderado	infame
cortês	determinado	gay	imodesto	infanticida
coruja	dinâmico	generoso	imoral	infantil
cotado	displicente	genial	imparcial	infiel
covarde	dissimulado	genioso	impassível	inflexível
credibilíssimo	dócil	gentil	impenetrável	influenciável
crédulo	doentio	gentilíssimo	imperativo	influyente
crente	dominador	genuíno	impetuoso	ingênuo
crescido	dominante	gira	impiedoso	ingrato
cretino	educado	glutão	implicante	inibido
criador	eficaz	glutona	imponente	inibidor
criativo	eficiente	gostoso	impopular	inovador
cricri	egocêntrico	governado	imprestável	insano
criminoso	egoísta	gozado	impróprio	inseguro
cristerioso	entusiasta	gozador	improvisador	insensato
crítico	equilibrado	gracioso	imprudente	insensível
cruel	escrupuloso	grosseirão	impulsivo	insinuador
cuidadoso	esforçado	grosseiro	inábil	insolente
culpado	esperto	grosseirona	inabilidoso	instável
culposo	espontâneo	grosso	inaccessível	instigador
cultivador	esquizofrênico	grotesco	incapaz	instintivo
culto	esquizóide	guerreiro	incentivador	insubordinado
curioso	exagerado	guloso	incisivo	insubornável
debochado	excêntrico	hábil	incitador	insultador
decente	excepcional	habilidoso	incivilizado	insuportável
decidido	expansivo	harmonioso	incoerente	íntegro
dedicado	experiente	harmonizador	incompreendido	intelectual
deficiente	expressivo	heterossexual	incompreensivo	intelectualizado
delicado	extra-sensível	higiênico	inconseqüente	inteligente
delinqüente	extrovertido	hilário	inconstante	interessante
dependente	falador	hipercrítico	incontrolável	interesseiro
depressivo	falante	hiperexcitável	inconveniente	invejável
desafiador	falso	hipocondríaco	incorrigível	invejoso
desajeitado	fantasioso	hipócrita	incorruptível	inventivo
desajustado	farsante	histérico	incorrupto	irônico
desapegado	fechado	homicida	incrédulo	irreduzível
desconfiado	fiel	homossexual	indagador	irresistível
descontraído	firme	honesto	indecente	irreverente
descuidado	flexível	hospitaleiro	indecidido	irritante
desembaraçado	fóbico	hostil	indelicado	jóia

jovem	neurótico	paranóico	prepotente	sangüinário
jovial	neurotizado	parcial	prestativo	são
justo	neurotizante	paspalhão	presunçoso	sapeca
ladino	neutro	paspalhona	pretensioso	sarcástico
lambão	nobre	passivo	problemático	saudável
lastimável	nojento	paternal	produtivo	sedutor
leal	nômade	pateta	produtor	seguro
legal	normal	patético	proibidor	semiconscente
lépido	notável	patife	promissor	sem-vergonha
libertador	obcecado	patológico	protetor	sensato
libertino	obcecador	patriarcal	provocador	sensível
licencioso	obediente	pecador	prudente	serelepe
ligado	obsceno	peçonhento	puritano	sereno
limitado	observador	pedante	puro	sério
limítrofe	obsessivo	pegajoso	puxa-saco	severo
livre	obstinado	peitudo	qualificado	sexy
lógico	odioso	penetrante	rabujento	silencioso
louco	ofensivo	penitente	realista	simpático
lúcido	oligofrênico	pensador	rebelde	simplista
lunático	omisso	perfeccionista	recalcado	simulado
machão	omissor	perguntador	recatado	sincero
maduro	onipotente	perigoso	receptivo	sistemático
malcomportado	oportunista	permissivo	recriminador	sociável
maldoso	opositor	perseverante	reflexivo	solícito
maleável	opressivo	persistente	repetitivo	solidário
mal-educado	opressor	personalista	reprimido	sonhador
maléfico	oprimido	perspicaz	repugnante	sórdido
mal-intencionado	ordeiro	persuasivo	repulsivo	subconsciente
maluco	ordenado	perturbador	reservado	subjetivo
malvado	ordinário	perverso	respeitável	submisso
manhoso	organizado	pervertido	respeitoso	subordinado
maníaco	orgulhoso	pessimista	respondão	suicida
maníaco-depressivo	oscilante	piegas	responsável	sujeito
masoquista	ostensivo	pilantra	retraído	talentoso
mau	ostentador	pirrcento	retrospectivo	teimoso
mediocre	otimista	polido	rígido	temperamental
meigo	ousado	político	rigoroso	tímido
meloso	pacato	politizado	ríspido	tirano
mentiroso	pacioso	ponderado	romântico	tola
mesquinho	paciente	ponderador	rude	tolerante
meticuloso	pacificador	pontual	ruim	tolo
metódico	pacífico	porcalhão	sabedor	traíçoeiro
misterioso	palerma	porcalhona	sabido	tranquilo
moderado	palpiteiro	possessivo	sábio	trapaceador
modesto	pamonha	pragmático	sádico	trapaceiro
mórbido	panaca	prático	sádico-anal	traquinas
motivado	pão-duro	precoce	sadio	travesso
negligente	paradão	precursor	sadista	turrão
neuropata	parado	predominante	sadomasoquista	turrona
neuropsiquiátri	paradona	preguiçoso	sagaz	unha-de-fome

vacilante	valentão	verdadeiro	virtuoso	vulgar
vadio	valente	versátil	vivaz	zeloso
vagabundo	veloz	viciado	vívido	
vagaroso	vencedor	vigilante	vivo	
vaidoso	venenoso	violento	voluntarioso	

Categoria 4

abalado	alvorçado	arrojado	bem-comportado	carrancudo
abandonado	amabilíssimo	arteiro	bem-criado	caseiro
abatido	amado	articuloso	bem-educado	castigador
aberto	amadurecido	artificial	bem-humorado	casto
abestalhado	amante	artista	bem-intensionado	castrador
abilado	amargo	assertivo	bem-mandado	categórico
aborrecido	amargurado	assíduo	bem-sucedido	cativante
abrupto	amável	assustado	bem-visto	católico
acanhadão	ambicioso	astucioso	benevolente	cauteloso
acanhado	ambíguo	astuto	benévolo	cavalheiro
aceso	ambivalente	atabalhoado	benfeitor	caxias
acessível	ameaçador	atarantado	benquisto	censurador
acintoso	amedrontador	atarefado	birrento	céptico
acolhedor	amicíssimo	atencioso	bissexual	cerimonioso
acomodado	amigável	atento	bitolado	certo
aconselhador	amigo	ativo	bizarro	cético
acrítico	amistoso	atônito	bloqueado	chantagista
acuado	amoral	atorado	boboca	charmoso
adaptado	amoroso	atormentado	boçal	chato
adequado	analisador	atrapalhado	boêmio	chauvinista
admirável	anárquico	atrevido	bom	choringueiro
adolescente	angustiado	atuante	bondoso	chorão
adorado	animado	audacioso	brabo	chorona
adorador	animador	ausente	bravo	choroso
adorável	anormal	austero	brigão	chulo
adulador	ansioso	autêntico	brígona	ciente
afável	antipático	autônomo	briguento	cínico
afeminado	antiquado	autoritário	brilhante	cismado
afetivo	anti-social	auto-suficiente	brincador	ciumento
afetuoso	apaixonado	auto-sugestionável	cabeçudo	coercitivo
aflito	apaixonante	avaliador	cabisbaixo	coerente
afobado	apaixonável	avarento	caído	coesos
afoito	apalermado	ávaro	caladão	coitado
ágil	apavorado	aventureiro	calado	colérico
agitadiço	apaziguador	averiguador	caladona	combativo
agitado	apaziguante	ávido	calculista	comedido
agitador	aperreado	avoado	calejado	comodista
agoniado	apreensivo	azarado	calhorda	cômodo
agradável	apressado	babaca	calmo	companheiro
agressivo	proveitador	bacana	caloroso	compassivo
agressor	apto	bagunçado	cansado	competente
ajuizado	ardiloso	bagunceiro	capcioso	competitivo
ajustado	argumentador	bairrista	caprichoso	complexado
alegre	arguto	baixo-astral	cara-de-pau	complexo
alerta	arisco	bajulador	caradura	complicado
alheio	arrasado	baratinado	carente	comportado
alienado	arredio	bárbaro	caricaturado	compreensivo
aliviado	arrepentido	barulhento	caridoso	compromissado
altivo	arretado	batalhador	carinhoso	compulsivo
altruísta	arrogante	bem-avisado	carismático	comunicador

comunicativo	cooperativo	descontente	exagerado	harmonioso
conceituado	coordenado	descontraído	exaltado	harmonizador
conciliador	corajoso	descontrolado	excêntrico	hesitante
conciso	cordial	descuidado	excepcional	heterossexual
condenado	correto	desembaraçado	expansivo	hilarante
condenador	corriqueiro	desenvolto	experiente	hilário
condicionado	corrompido	desequilibrado	expressivo	hipercrítico
condoído	corrupto	desiludido	extra-sensível	hiperexcitável
confiado	cortejador	desinibido	extrovertido	hipersensível
confiante	cortês	desinteressado	falador	hipocondríaco
confiável	coruja	desleal	falante	hipócrita
confidente	cotado	desligado	falso	histérico
conflitante	covarde	desmoralizado	fantasioso	homicida
conflituoso	credibilíssimo	desmotivado	farsante	homossexual
conformado	crédulo	desobediente	fechado	honesto
conformista	crente	desonesto	feliz	hospitaleiro
confortado	cretino	desorganizado	fiel	hostil
confundido	criador	desorientado	firme	humilde
confuso	criativo	despreocupado	flexível	idealizador
conhecido	cricri	destemido	fóbico	idiota
conivente	criminoso	destrutivo	frágil	idóneo
conquistador	criterioso	detalhista	franco	ignorante
consciencioso	crítico	determinado	frígido	iluminado
consciente	cruel	dinâmico	frustrado	imaginativo
côncscio	cuidadoso	dispersivo	gaiato	imaturo
conselheiro	culpado	disperso	galante	imbecil
conseqüente	culposo	displicente	galanteador	imitador
considerado	cultivador	disposto	ganancioso	imoderado
consistente	culto	dissimulado	garganta	imodesto
consolidado	curioso	dócil	gay	imoral
conspirador	debochado	dominador	generoso	impaciente
constrangedor	decente	dominante	genial	imparcial
constrito	decidido	educado	genioso	impassível
construtivo	dedicado	eficaz	gentil	impenetrável
contagante	deficiente	eficiente	gentilíssimo	imperativo
contemplador	delicado	egocêntrico	genuíno	imperturbável
contente	delinqüente	egoísta	gira	impetuoso
contestador	delirante	emotivo	gostoso	impiedoso
contido	demente	encabulado	governado	implicante
contraditório	dependente	entusiasmado	gozado	imponente
contrariado	depressivo	entusiasta	gozador	impopular
controlado	deprimido	equilibrado	gracioso	impressionável
controlador	desafiador	escandaloso	grosseirão	imprestável
conturbador	desajeitado	escrupuloso	grosseiro	improdutivo
convencido	desajustado	esforçado	grosseirona	impróprio
conveniente	desamparado	esperto	grosso	improvisador
conversador	desanimado	espontâneo	grotesco	imprudente
convicto	desapegado	esquizofrênico	guerreiro	impulsivo
cooperador	desatento	esquizóide	hábil	inábil
cooperante	desconfiado	eufórico	habilidoso	inabilidoso

inacessível	ingrato	lépido	neurotizante	paradona
inapto	inibido	libertador	neutro	paranóico
incapaz	inibidor	libertino	nobre	parcial
incentivador	injusto	licencioso	nômade	pasmo
incisivo	inocente	ligado	normal	paspalhão
incitador	inovador	limitado	nostálgico	paspalhona
incivilizado	inquietao	limítrofe	notável	passivo
incoerente	insano	livre	obcecado	paternal
incompetente	insatisfeito	lógico	obcecador	pateta
incompreendido	inseguro	louco	obediente	patético
incompreensível	insensato	lúcido	obsceno	patife
incompreensivo	insensível	lunático	observador	patológico
inconformado	insinuador	machão	obsessivo	patriarcal
inconsciente	insolente	maduro	obstinado	pecador
inconseqüente	inspirado	malcomportado	ocioso	peçonhento
inconstante	instável	maldoso	odioso	pedante
incontrolado	instigador	maleável	ofensivo	pegajoso
incontrolável	instintivo	mal-educado	oferecido	peitudo
inconveniente	insubordinado	maléfico	oligofrênico	penetrante
incorrigível	insubornável	mal-humorado	omisso	penitente
incorruptível	insultador	mal-intencionado	omissor	pensador
incorrupto	insuportável	malsucedido	onipotente	pensativo
incrédulo	íntegro	maluco	oportunista	perfeccionista
indagador	intelectual	malvado	opositor	perguntador
indecente	intelectualizado	manhoso	opressivo	perigoso
indecidido	inteligente	maníaco	opressor	permissivo
indefeso	interessado	maníaco-depressivo	oprimido	perseverante
indelicado	interessante	masoquista	optimista	persistente
independente	interesseiro	mau	ordeiro	personalista
indigno	invejável	mediocre	ordenado	perspicaz
indisciplinado	invejoso	medroso	ordinário	persuasivo
indiscreto	inventivo	meigo	organizado	perturbado
individualista	irônico	melancólico	orgulhoso	perturbador
indócil	irredutível	meloso	oscilante	perverso
indolente	irrequieto	mentiroso	ostensivo	perverso
indulgente	irresistível	mesquinho	ostentador	pessimista
ineficaz	irreverente	meticuloso	otimista	piadoso
ineficiente	irritadiço	metódico	ousado	piegas
inescrupuloso	irritado	minucioso	pacato	pilantra
inexperiente	irritante	misterioso	paciencioso	pirracento
inexpressivo	jóia	moderado	paciente	polido
infame	jururu	modesto	pacificador	político
infanticida	justo	mórbido	pacífico	politizado
infantil	ladino	motivado	palerma	ponderado
infeliz	lambão	negligente	palpiteiro	ponderador
infiel	lamentoso	nervoso	pamonha	pontual
inflexível	lamuriento	neuropata	panaca	porcalhão
influenciável	lastimável	neuropsiquiátri	pão-duro	porcalhona
influyente	leal	neurótico	paradão	possessivo
ingênuo	legal	neurotizado	parado	pragmático

prático	recriminador	sadomasoquista	solícito	traquinas
precoce	reflexivo	sagaz	solidário	travesso
precursor	reivindicador	sangüinário	sonhador	triste
predominante	repetitivo	sapeca	sórdido	tristonho
preguiçoso	reprimido	sarcástico	sorridente	turrão
prepotente	reservado	satisfeito	sossegado	turrona
prestativo	resmungão	saudoso	subconsciente	unha-de-fome
presunçoso	resmungona	sedutor	subjetivo	vacilante
pretensioso	respeitável	seguro	submisso	vadio
problemático	respeitoso	semiconsciente	subordinado	vagabundo
produtivo	respondão	sem-vergonha	suicida	vaidoso
produtor	responsável	sensato	sujeito	valentão
proibidor	ressabiado	sensível	sutil	valente
promissor	retraído	sensual	tagarela	vencedor
protetor	retrospectivo	sentido	talentoso	vencido
provocador	revoltado	sentimental	teimoso	venenoso
prudente	rígido	sentimentalista	temperamental	verdadeiro
puritano	rigoroso	serelepe	tempestuoso	vergonhoso
puro	risonho	sereno	tenso	versátil
puxa-saco	ríspido	sério	tímido	vexado
qualificado	romântico	severo	tirano	viciado
quieto	rude	sexy	tola	vigilante
rabujento	ruim	silencioso	tolerante	vigoroso
ranzinza	sabedor	simpático	tolo	violento
realista	sabido	simplicista	traçoeiro	virtuoso
rebelde	sábio	simulado	tranquilo	vivaz
recalcado	sádico	sincero	transtornado	vívido
recatado	sádico-anal	sistemático	trapaceador	vivo
receoso	sadio	sociável	trapaceiro	voluntarioso
receptivo	sadista	sofredor	traquina	vulgar
				zangado
				zeloso

Categoria 5

abalado	alvorçado	arrogante	bárbaro	canhoto
abandonado	amabilíssimo	arrojado	barulhento	cansado
abatido	amado	arteiro	batalhador	capcioso
aberto	amadurecido	articuloso	bem-apanhado	caprichoso
abestalhado	amante	artificial	bem-apeçoado	carente
abilolado	amargo	artista	bem-comportado	caridoso
aborrecido	amargurado	assertivo	bem-criado	carinhoso
abrupto	amável	assíduo	bem-dotado	carismático
acanhadão	ambicioso	assustado	bem-educado	carrancudo
acanhado	ambíguo	astucioso	bem-encarado	caseiro
aceso	ambivalente	astuto	bem-humorado	castigador
acessível	ameaçador	atabalhado	bem-intensionado	casto
acintoso	amedrontador	atarantado	bem-mandado	castrador
acolhedor	amicíssimo	atarefado	bem-sucedido	categórico
acomodado	amigável	atencioso	bem-visto	cativante
aconselhador	amigo	atento	benevolente	católico
acrítico	amistoso	ativo	benévolo	cauteloso
acuado	amoral	atlético	benfeitor	cavalheiro
adaptado	amoroso	atônito	benquisto	caxias
adequado	analizador	atordoado	birrento	censurador
admirável	anárquico	atormentado	bissexual	céptico
adolescente	angustiado	atraente	bitolado	cerimonioso
adorado	animado	atrapalhado	bizarro	certo
adorador	animador	atrevido	bloqueado	cético
adorável	anorético	atuante	boa-pinta	chantagista
adulador	anormal	audacioso	boboca	charmoso
afável	ansioso	ausente	boçal	chato
afeminado	antipático	austero	boêmio	chauvinista
afetivo	antiquado	autêntico	bom	cheiroso
afetuoso	anti-social	autônomo	bondoso	chique
afrito	apaixonado	autoritário	brabo	choramingueiro
afobado	apaixonante	auto-suficiente	bravo	chorão
afoito	apaixonável	auto-sugestionável	brigão	chorona
ágil	apalermado	avaliador	brigona	choroso
agitadiço	apavorado	avarento	briguento	chulo
agitado	apaziguador	ávaro	brilhante	ciente
agitador	apaziguante	aventureiro	brincador	cínico
agoniado	aperreado	averiguador	cabeludo	cismado
agradável	apreensivo	ávido	cabisbaixo	ciumento
agressivo	apressado	avoado	cadavérico	coercitivo
agressor	aproveitador	azarado	caído	coerente
ajuizado	apto	babaca	caladão	coeso
ajustado	ardiloso	bacana	calado	coitado
alegre	argumentador	bagunçado	caladona	colérico
alerta	arguto	bagunceiro	calculista	combativo
alheio	arisco	bairrista	calejado	comedido
alienado	arrasado	baixo	calhorda	comilão
aliviado	arredio	baixo-astral	calmo	comodista
altivo	arrepentido	bajulador	calorento	cômodo
altruísta	arretado	baratinado	caloroso	companheiro

compassivo	contido	demente	emotivo	gentilíssimo
competente	contraditório	dependente	encabulado	genuíno
competitivo	contrariado	depressivo	entusiasmado	glutão
complexado	controlado	deprimido	entusiasta	glutona
complexo	controlador	desafiador	equilibrado	gostoso
complicado	conturbador	desajeitado	escandaloso	governado
comportado	convencido	desajustado	escrupuloso	gozado
compreensivo	conveniente	desamparado	esforçado	gozador
compromissado	conversador	desanimado	esperto	gracioso
compulsivo	convicto	desapegado	espontâneo	grosseirão
comunicador	cooperador	desatento	esquizofrênico	grosseiro
comunicativo	cooperante	desconfiado	esquizóide	grosseirona
conceituado	cooperativo	descontente	eufórico	grosso
conciliador	coordenado	descontraído	exagerado	grotesco
conciso	corajoso	descontrolado	exaltado	guerreiro
condenado	cordial	descuidado	excêntrico	guloso
condenador	correto	desembaraçado	excepcional	hábil
condicionado	corriqueiro	desenvolto	expansivo	habilidoso
condoído	corrompido	desequilibrado	experiente	harmonioso
confiado	corrupto	desiludido	expressivo	harmonizador
confiante	corteador	desinibido	extra-sensível	hesitante
confiável	cortês	desinteressado	extrovertido	heterossexual
confidente	cotado	desleal	falador	higiênico
conflitante	covarde	desligado	falante	hilariante
conflituoso	credibilíssimo	desmoralizado	falso	hilário
conformado	crédulo	desmotivado	fantasioso	hipercrítico
conformista	crente	desobediente	farsante	hiperexcitável
confortado	crescido	desonesto	fechado	hipersensível
confundido	cretino	desorganizado	feliz	hipocondríaco
confuso	criador	desorientado	fiel	hipócrita
conhecido	criativo	despreocupado	firme	histérico
conivente	cricri	destemido	flexível	homicida
conquistador	criminoso	destrutivo	fóbico	homossexual
consciencioso	criterioso	detalhista	forte	honesto
consciente	crítico	determinado	fraco	hospitaleiro
côncscio	cruel	dinâmico	frágil	hostil
conselheiro	cuidadoso	dispersivo	franco	humilde
conseqüente	culpado	disperso	frígido	idealizador
conservado	culposo	displícite	frustrado	idiota
considerado	cultivador	disposto	gaiato	idôneo
consistente	culto	dissimulado	galante	ignorante
consolado	curioso	dócil	galanteador	iluminado
conspirador	debochado	doentio	ganancioso	imaginativo
constrangedor	decente	dominador	garganta	imaturo
constrito	decidido	dominante	garoto	imbecil
construtivo	dedicado	educado	gay	imitador
contagante	deficiente	eficaz	generoso	imoderado
contemplador	delicado	eficiente	genial	imodesto
contente	delinqüente	egocêntrico	genioso	imoral
contestador	delirante	egoísta	gentil	impaciente

imparcial	indiscreto	inventivo	melancólico	organizado
impassível	individualista	irônico	meloso	orgulhoso
impenetrável	indócil	irredutível	mentiroso	oscilante
imperativo	indolente	irrequieto	mesquinho	ostensivo
imperturbável	indulgente	irresistível	meticuloso	ostentador
impetuoso	inefcaz	irreverente	metódico	otimista
impiedoso	ineficiente	irritadiço	minucioso	ousado
implicante	inescrupuloso	irritado	misterioso	pacato
imponente	inexperiente	irritante	moderado	paciencioso
impopular	inexpressivo	jovem	modesto	paciente
impressionável	infame	jovial	mórbido	pacificador
imprestável	infanticida	justo	motivado	pacífico
improdutivo	infantil	ladino	negligente	palerma
impróprio	infeliz	lambão	nervoso	palpiteiro
improvisador	infiel	lamentoso	neuropata	pamonha
imprudente	inflexível	lamuriendo	neuropsiquiátrico	panaca
impulsivo	influciável	lastimável	neurótico	pão-duro
inábil	influyente	leal	neurotizado	paradão
inabilidoso	ingênuo	legal	neurotizante	parado
inaccessível	ingrato	lépido	neutro	paradona
inapto	inibido	libertador	nobre	paranóico
incapaz	inibidor	libertino	nojento	parcial
incentivador	injusto	licencioso	nômade	pasma
incisivo	inocente	limitado	normal	paspalhão
incitador	inovador	limítrofe	nostálgico	paspalhona
incivilizado	inquietao	livre	notável	passivo
incoerente	insano	lógico	obcecado	paternal
incompetente	insatisfeito	louco	obcecador	pateta
incompreendido	inseguro	lúcido	obediente	patético
incompreensível	insensato	lunático	obsceno	patife
incompreensivo	insensível	machão	observador	patológico
inconformado	insinuador	maduro	obsessivo	patriarcal
inconsciente	insolente	malcomportado	obstinado	pecador
inconseqüente	inspirado	maldoso	ocioso	peçonhento
inconstante	instável	maleável	odioso	pedante
incontrolado	instigador	mal-educado	ofensivo	pegajoso
incontrolável	instintivo	maléfico	oferecido	peitudo
inconveniente	insubordinado	mal-humorado	oligofrênico	penetrante
incorrigível	insubornável	mal-intencionado	omisso	penitente
incorruptível	insultador	malsucedido	omissor	pensador
incorrupto	insuportável	maluco	onipotente	pensativo
incrédulo	íntegro	malvado	oportunista	perfeccionista
indagador	intelectual	manhoso	opositor	perguntador
indecente	intelectualizado	maníaco	opressivo	perigoso
indecidido	inteligente	maníaco-depressivo	opressor	permissivo
indefeso	interessado	masoquista	oprimido	perseverante
indelicado	interessante	mau	optimista	persistente
independente	interesseiro	mediocre	ordeiro	personalista
indigno	invejável	medroso	ordenado	perspicaz
indisciplinado	invejoso	meigo	ordinário	persuasivo

perturbado	puritano	rude	simulado	travesso
perturbador	puro	ruim	sincero	triste
perverso	puxa-saco	sabedor	sistemático	tristonho
pervertido	qualificado	sabido	sociável	turrão
pessimista	quieto	sábio	sofredor	turrona
piadoso	rabujento	sádico	solícito	unha-de-fome
piegas	ranzinza	sádico-anal	solidário	vacilante
pilantra	realista	sadio	sonhador	vadio
pirracento	rebelde	sadista	sórdido	vagabundo
polido	recalcado	sadomasoquista	sorridente	vagaroso
político	recatado	sagaz	sossegado	vaidoso
politizado	receoso	sangüinário	subconsciente	valentão
ponderado	receptivo	são	subjetivo	valente
ponderador	recriminador	sapeca	submisso	veloz
pontual	reflexivo	sarcástico	subordinado	vencedor
porcalhão	reivindicador	satisfeito	suicida	vencido
porcalhona	repetitivo	saudável	sujeito	venenoso
possessivo	reprimido	saudoso	sutil	verdadeiro
pragmático	repugnante	sedutor	tagarela	vergonhoso
prático	repulsivo	seguro	talentoso	versátil
precoce	reservado	semiconsciente	teimoso	vexado
precursor	resmungão	sem-vergonha	temperamental	viciado
predominante	resmungona	sensato	tempestuoso	vigilante
preguiçoso	respeitável	sensível	tenso	vigoroso
prepotente	respeitoso	sensual	tímido	violento
prestativo	respondão	sentido	tirano	virtuoso
presunçoso	responsável	sentimental	tola	vivaz
pretensioso	ressabiado	sentimentalista	tolerante	vívido
problemático	retraído	serelepe	tolo	vivo
produtivo	retrospectivo	sereno	traçoeiro	voluntarioso
produtor	revoltado	sério	tranquilo	vulgar
proibidor	rígido	severo	transtornado	zangado
promissor	rigoroso	sexy	trapaceador	zeloso
protetor	risonho	silencioso	trapaceiro	
provocador	ríspido	simpático	traquina	
prudente	romântico	simplista	traquinas	